

NORBERTO M. VALINHA AFONSO

**O ENSINO DAS ARTES VISUAIS E O
EMPREENDEDORISMO**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ensino no Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Óscar de Sousa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação

Lisboa

2013

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Óscar de Sousa, orientador desta dissertação, por todo o apoio e aconselhamento prestado, acrescentando a este trabalho essência, substância e linguagem.

Aos docentes de Artes Visuais e Escolas que fizeram parte deste estudo, pela sua colaboração na realização do mesmo, proporcionando-me uma troca de experiências educativas.

A todos os que me incentivaram, família e amigos. À Pipoca e Jacinta.

Resumo

O estudo centra-se nas práticas de ensino secundário em Artes Visuais, assim como na análise de práticas pedagógicas e curriculares implementadas pelos professores no âmbito da consciencialização de um ensino para o empreendedorismo.

Pretende-se compreender as conceções que os professores têm sobre o ensino das Artes Visuais e o empreendedorismo que tendencialmente surgem, cada vez mais, como incentivo para a formação humana global dentro de um ensino fortemente voltado para as metas de sucesso, competitividade e de flexibilidade curricular.

O presente estudo apresenta-se estruturado em duas partes. A primeira parte aborda conceitos teóricos e reflexões sobre génese e conceito de empreendedorismo, e seus paradigmas nas Artes Visuais, identificando teóricos impulsionadores de um ensino empreendedor, objetivando uma argumentação teórica que permitiu a implementação de um encandeamento para a segunda parte do estudo, a parte empírica, descritiva e qualitativa, com recurso à observação e a entrevistas pedagógicas dirigidas aos professores de Artes Visuais.

Palavras-chave: Ensino das Artes Visuais; Ensino para o Empreendedorismo; Consciencialização e Operacionalização; Práticas curriculares pedagógicas.

Abstract

The study focuses on secondary education in Visual Arts practice, as well as the analysis of curricular and pedagogical practices implemented by teachers under entrepreneurship education.

The aim is to understand the concessions that teachers have about Visual Arts teaching and entrepreneurship that tendentially appears, increasingly, as an incentive for the global human formation within an education strongly geared towards the goals of success, curricular flexibility and competitiveness.

The present study is structured in two parts. The first part addresses theoretical concepts and reflections of the beginning and the concept of, and their paradigms on Visual Arts, identifying theorists of an entrepreneurial education, aiming for a theoretical argument that allowed the implementation threads in the second part of study, the empirical, descriptive and qualitative part, using observation and interviews addressed to Visual Arts teachers.

Keywords: Visual Arts teaching; Entrepreneurship education; Awareness and Operationalization; Curricular and pedagogical practices.

Lista de Acrónimos

APA – American Psychological Association

AV – Artes Visuais

CTC/OTIC – Centro de Transferência e Valorização do Conhecimento

DGIDC – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

IDD – Incubadora de Empresas D. Dinis

EV – Educação Visual

IAPMEI – Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação

IPL – Instituto Politécnico de Leiria

ME – Ministério da Educação

NERLEI – Núcleo Empresarial da Região de Leiria

UE – União Europeia

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Índice Geral

Introdução.....	8
PARTE I - Enquadramento Teórico.....	10
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	11
1. Empreendedorismo e Educação para o Empreendedorismo.....	11
1.1– Introdução.....	11
1.1.1 – Empreendedorismo, génese e conceitos.....	11
1.1.2 – Perfis de empreendedor.....	13
1.1.3 – Empreendedorismo como opção de carreira e educação.....	15
1. 2 – Educação para o Empreendedorismo.....	17
1. 2.1 – Empreendedorismo como prática de Cidadania.....	20
1.2.2–Empreendedorismo, prática e desenvolvimento curricular.....	22
1.2.3– Empreendedorismo, exemplo de prática implementada.....	26
2. – O ensino das Artes Visuais para o Empreendedorismo.....	28
2. 1.– As Artes Visuais no ensino Secundário - Sistema Educativo Português.....	28
2. 2 – Gardner e os investigadores do projeto “ <i>Arts Propel</i> ”.....	30
2. 3 – Inteligências Múltiplas, segundo Gardner.....	32
2. 4 – Contributo de Eisner para a construção do currículo em Artes.....	34
PARTE II – Metodologias.....	37
Capítulo II – Características do Estudo.....	38
3. Problemática.....	38
3. 1 - Definição do Problema.....	38
3. 2 - Objetivos da Investigação.....	40
Capítulo III – Aspetos Metodológicos do Estudo.....	41
4.1Tipo de Estudo.....	41
4.2 População/sujeitos.....	41
4.3 Instrumentos.....	42
4.3 Procedimentos.....	42
Parte III – Apresentação e Análise dos Resultados.....	44

Capítulo IV – Apresentação dos Resultados.....	45
5.1 - Relação dos docentes com a escola e a comunidade.....	45
5.2 - Conceito de empreendedorismo.....	46
5.3 - Indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais.....	51
5.4 - Exemplos e resultados.....	57
Capítulo V – Análise dos Resultados.....	65
6.1 - Relação dos docentes com a escola e a comunidade.....	65
6.2 - Conceito de empreendedorismo.....	66
6.3 - Indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais.....	68
6.4 - Exemplos e resultados.....	70
Conclusões.....	73
Bibliografia Citada.....	79
Anexos.....	I
Anexo I – Matriz da Entrevista.....	II
Anexo II – Transcrição das Entrevistas.....	V
Anexo III – Análise Categorial Temática.....	XLV

Introdução

No ensino das Artes Visuais, como também no ensino em geral, o empreendedorismo tem surgido esporadicamente nos programas e nas atividades letivas e não letivas. Na sua maioria é associado a um modelo ideológico, complexo, acessível na sua definição, mas difícil na sua concretização. Todos os modelos apresentados têm fórmulas e esquemas de fácil compreensão e apelativos, mas poucos os conseguem implementar, experimentar e executar.

Sendo assim, pretendo verificar se no ensino das Artes Visuais o empreendedorismo anda presente nos seus conteúdos programáticos, nos alunos, professores, meio e comunidade.

Pretendemos verificar a funcionalidade e a aplicação de ferramentas empreendedoras, nomeadamente encontrar exemplos de projetos de alunos, implementados com carácter de empreendedorismo.

A complexidade do mundo em que vivemos com falhas na empregabilidade, obrigam-nos a introduzir no ensino Secundário Artístico uma forma de “alertar”, o mais cedo possível, toda a comunidade educativa para as práticas empreendedoras.

O trabalho de investigação surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais.

De acordo com a estrutura do trabalho, este apresenta-se constituído por três partes. A primeira parte, referente ao capítulo um, a base da investigação aborda o quadro teórico. A segunda parte engloba os capítulos dois e três, problemática e metodologia. Por último a terceira parte, onde se apresentam os capítulos quatro e cinco, relativos à análise e apresentação dos resultados proporcionaram as considerações e reflexões finais.

Quanto à apresentação da publicação esta, está de acordo com os trabalhos e as Normas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, e a redação deste trabalho de investigação obedece às normas de publicação da APA (American Psychological Association).

Resumidamente no primeiro capítulo pretendemos descrever a génese e conceito de empreendedorismo em geral, como também identificar os diversos perfis de empreendedor e o empreendedorismo como opção de carreira e educação pedagógica.

Abordamos alguns teóricos que falam de empreendedorismo nas escolas nomeadamente sobre o modo como as instituições escolares vivem esse problema e a relação que as instituições empresariais de carácter empreendedor estabelecem com as escolas,

especificamente em projetos de ensino artístico e afins. Tentaremos também compreender a evolução e o contexto de Portugal no que diz respeito às orientações que o Ministério da Educação tem implementado na educação para o empreendedorismo.

No segundo ponto dentro do primeiro capítulo, abordamos os paradigmas das artes visuais identificando teóricos impulsionadores de um ensino empreendedor, no que diz respeito ao Ensino das Artes Visuais, a nível das experiências, métodos e currículo, tais como Gardner e os investigadores do projeto “Arts Propel” relacionando-os com as capacidades inerentes a um ensino empreendedor. É importante referir o contributo de Eisner para a construção do currículo em Artes impulsionador de um ensino das artes visuais capaz de promover, identificar, organizar e avaliar as experiências educativas.

Relativamente ao capítulo dois, formulamos o seguinte objetivo geral: verificar se o ensino que ministramos no Ensino Secundário nas Artes Visuais cultiva e fomenta o espírito empreendedor nos nossos alunos.

Definimos como objetivos específicos: verificar qual o conceito de ensino empreendedor por parte dos professores; analisar a perceção dos professores relativamente à implantação de práticas empreendedoras no ensino das Artes Visuais; identificar práticas de ensino empreendedor nomeadamente projetos de alunos com espírito empreendedor; reconhecer os métodos na planificação, operacionalização e avaliação das práticas pedagógicas empreendedoras.

No que se refere ao aspetos metodológicos do estudo, capítulo três, caracterizamos o estudo, por forma a podermos responder ao problema identificado, definimos como sujeitos oito professores, de duas escolas diferentes, que lecionam no Ensino Secundário, no curso de Artes Visuais e recorreremos a dois instrumentos: observação e entrevista.

No capítulo quatro, referente à terceira parte – apresentamos os resultados, onde foram registadas as opiniões por parte dos entrevistados, o exemplo das suas práticas pedagógicas e as estratégias utilizadas nas aulas, no que se refere ao ensino das Artes Visuais e o Empreendedorismo, seguida de uma análise rigorosa e cuidadosa.

No final, apresentam-se as conclusões globais resultantes da análise da informação recolhida.

PARTE I - Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – Empreendedorismo e Educação para o Empreendedorismo.

Neste ponto pretendemos descrever a génese e conceito de empreendedorismo em geral.

Identificamos os diversos perfis de empreendedor, características, mitos, pontos fortes e pontos fracos e uma breve abordagem sobre o empreendedorismo como opção de carreira e educação pedagógica.

No que diz respeito à Educação para o Empreendedorismo, abordamos alguns teóricos que falam de empreendedorismo nas escolas, nomeadamente sobre o modo como as instituições a relação que as instituições empresariais de carácter empreendedor se relacionam com as escolas, especificamente em projetos de ensino artístico e afins. Tentaremos também compreender a evolução e o contexto de Portugal no que diz respeito às orientações que o Ministério da Educação tem implementado na educação para o empreendedorismo.

1.1.1 Empreendedorismo, génese e conceitos

A palavra empreendedorismo *entrepreneurship*, é derivada do latim *imprehendere*, tendo o seu correspondente empreender, surgido na língua portuguesa no século XV.

Enquanto à sua natureza o conceito de empreendedorismo anda em sintonia internacional, em diversas disciplinas, embora ainda não exista uma definição e/ou teoria única e universal.

A definição está cada vez mais ligada à dimensão pessoal fruto do desenvolvimento, experiências e vivências humanas, podendo-se afirmar que cada um de nós terá uma definição própria e conceito para a palavra empreendedorismo.

Embora haja empreendedores há muito tempo, o vocábulo surge nas resenhas da história ocidental na Idade Média ligado a participantes e pessoas encarregadas da produção de projetos em grande escala¹.

No século XVII aparece ligado a pessoas que assumem riscos de lucros e prejuízos.

Segundo Richard Cantillon (1725) o empreendedor é uma pessoa que assume riscos e considera-a diferente da pessoa que fornece capital, seguindo também a mesma opinião Jean

¹ Citado por Robert Hirsch (2004) na obra “Empreendedorismo” – História do Empreendedorismo.

Baptiste Say (1803) e Francis Walker (1876) que consideram um empreendedor aquele que consegue lucros, separando lucros de capital e indivíduos com alguma habilidade administrativa.

Em Joseph Schumpeter (1934) aparece pela primeira vez o conceito de empreendedorismo e de é defensor da teoria que empreendedor é um inovador e que desenvolve tecnologia que ainda não foi apresentada. Em 1950, Schumpeter é o pioneiro em aplicar a palavra empreendedorismo a um perfil de uma pessoa com criatividade e capaz de ter sucesso com inovações.

No início dos anos 60, David McClelland, (citado por Robert Hirsch, 2004) considera que um empreendedor é alguém dinâmico que corre riscos moderados. Para Peter Drucker (1964), um empreendedor maximiza oportunidades.

Para Schumpeter (1961), os empreendedores não são necessariamente capitalistas, administradores ou inventores, já que se trata apenas de pessoas com uma capacidade para “combinar” os factores de produção existentes e obter os melhores resultados de forma a utilizá-los para inovar.

Já quase na década de 70, K. Knight (1967), acrescentou o conceito de risco, já que defende que uma pessoa empreendedora precisa de arriscar em algum negócio.

Uma das definições mais aceites do que é o empreendedorismo hoje em dia é dada pelo estudioso de empreendedorismo, Robert Hirsch (2004), no seu livro intitulado Empreendedorismo: *“Empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação económica e pessoal”*².

Em 1985, Pinchot introduziu o conceito de *intraempreendedor*, como uma pessoa empreendedora dentro de uma organização ou empresa (citado por Domingos, 2009).

Para Drucker (1986), a designação de empreendedor não pode ser aplicada a todo e qualquer indivíduo que começa um pequeno negócio. Por definição, o empreendedor é aquele que simultaneamente cria novos tipos de procura e de produtos.

Segundo Fillion (1991), por ser simples e abrangente: "Um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões.

Segundo Hirsch e Peters (2004), o empreendedorismo permeia-se num processo

² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Empreendedorismo>, acedido em Setembro de 2012

de criar algo novo e com valor, por meio da dedicação do tempo e do esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação da independência económica e pessoal.

1.1.2 Perfis de empreendedor

“ Não existe um “verdadeiro perfil de empresarial”. Os empreendedores provem de experiencias educacionais, situações familiares e vivências profissionais variadas.” (Robert Hisrich, Michael P. Peters, Sentimentos dos Empreendedores, p.77)

Havendo imensos perfis já traçados para caracterizar um perfil de empreendedor, encontrar um perfil empreendedor coerente e de consenso entre autores e referencias bibliográficas consultadas, tornou-se uma tarefa complexa. Nesse sentido descrevo algumas características encontradas comuns, que são adaptadas em qualquer circunstância e cultura.

Mente aberta, visionário, criativo, disposto a assumir riscos, comprometido, corajoso, com espírito de iniciativa, flexível e com capacidade de adaptação, racional, sabe trabalhar em equipa, aprende com os próprios erros, gere e molda mudanças, autossuficiente, autoconfiante e otimista.³

Ser visionário, ter a visão de como será o futuro para a vida como também para o negócio, ter a habilidade de implementar os seus sonhos. Saber tomar decisões, saber tomar as decisões corretas na hora certa, nomeadamente nos momentos difíceis. Ser e fazer a diferença, transformar o que é possível, a diferença em realidade, uma ideia abstrata em algo concreto, que funcione. Saber agarrar as oportunidades, visionar e identificar as boas ideias e transformá-las em oportunidades. Ser curioso, criativo e atento a informações, que consigam alargar o seu *know-how*. Ser determinado, dinâmico dedicado, ter a vontade ímpar de fazer acontecer e cultivar um inconformismo com a rotina. Ser otimista e apaixonado pelo que faz, estar apaixonado por o que se faz e ser o melhor. Ser independente, querer estar à frente das mudanças e ser dono do próprio destino. Ser líder, ter um senso de liderança incomum e ser respeitado e adorado pelos seus pares. Ser bem relacionado, construir uma rede de contactos. Ser organizado, saber obter e alocar os recursos materiais, humanos, tecnológicos e

³ Guia do Empreendedor, NET – Novas Empresas e Tecnologias, S.A., acedido em Dezembro de 2012

financeiros, de forma racional. Acrescentar valor, para através da criação de emprego, dinamizar a economia e inovar, utilizando sempre a criatividade em busca de soluções para melhorar a vida das pessoas.⁴

Existe um mito sobre o perfil e características de um empreendedor baseado na crença de que algumas pessoas são geneticamente predispostas a ser empreendedoras, que os empreendedores nascem, não se fazem. O consenso de muitos estudos é que ninguém nasce para ser empreendedor. Toda a gente tem potencial para ser empreendedor. Se algumas pessoas se tornam ou não empreendedoras tem a ver com o as experiências de vida e escolhas pessoais.

Os empreendedores são jogadores, apostadores, assumem riscos excessivos. Tem a necessidade de "protagonismo". São "patrões" de si próprios, trabalham muito. Iniciam negócios de risco, apenas para os ricos. A idade é uma barreira, os empreendedores são jovens e ricos. Motivados pelo dinheiro, procuram o poder e o controlo sobre os outros. Se tiverem talento, o sucesso chega em um ou dois anos. Qualquer pessoa com uma boa ideia pode enriquecer, tendo dinheiro é fácil não falhar e que sofrem de *stress*.⁵

Dentro de outras características o empreendedor identifica-se como, criativo, inovador, assume riscos calculados, capacidade de trabalho e de liderança, perspetiva o futuro e lança estratégias, deteta oportunidades, decide com dinamismo, cria valor acrescentado e desenvolve competências

O modelo de competências apresentado pela Empend.pt,⁶ fonte, adaptada de Carlos Jardón, apresenta três fatores essenciais para o desenvolvimento de competências que são adquiridas: capital humano, capital estrutural e capital relacional que se traduzem no “querer, saber e poder”.

No que diz respeito ao capital humano, há que se desenvolver atitudes e valores, adquirir conhecimentos fomentando assim as suas capacidades. Ter competências organizacionais, querer ter uma cultura empresarial, ter o conhecimento tecnológico e do sistema para poder ter capacidades organizativas.

A nível relacional, deverá querer ter uma mente aberta ao meio envolvente, saber e ter conhecimento do mercado e da envolvente, tendo assim o poder nas relações.

⁴ <http://www.ifdep.pt/> Instituto para o fomento de desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal, acedido em Janeiro de 2013

⁵ <http://www.cdp.portodigital.pt>, acedido em Fevereiro de 2013

⁶ www.empend.pt, (Associação Portuguesa para o Empreendedorismo), acedido em Fevereiro de 2013

As Escolas têm a responsabilidade e o dever de se relacionar com esses agentes fomentando na sua comunidade escolar uma aprendizagem colaborativa, partilhar e estimular ideias, partilhar conhecimento e partilhar valores.

1.1.3 Empreendedorismo como opção de carreira e educação.

“...Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo...” (Freire, 1999: 68)⁷

Iniciando este ponto com a expressão transcrita anteriormente de Paulo Freire (Freire,1999, citada por Lima,2010) a educação do empreendedorismo não é mais do que um reflexo emergente e mediado do mundo. Robert Hisrich (2004, p.36 a 41), no que diz respeito ao empreendedorismo, como opção de carreira e educação refere que a partir das pesquisas efetuadas, só desde 1985 o interesse pela educação do empreendedorismo foi crescendo, pelo fato de pequenas empresas terem facultado emprego e inovação, pelo aumento dos média na divulgação, de que as grandes empresas não oferecem ao trabalhador uma autorrealização, o aumento da mudança de emprego entre outras razões. No entanto o empreendedorismo aparece como abordagem de ciclo de vida.

Adianta, que é comum verificar que há uma percepção comum de que os empreendedores têm menos educação formal que a população em geral. Sendo que essa opinião veio comprovar o contrário. No entanto há casos de sucesso de empreendedores que abandonam o Ensino Secundário, mas nestes casos existem outros fatores inerentes ao sucesso de um empreendedor.⁸

Descreve que há um acréscimo de ensino nas Universidades, no entanto descreve que muitos dos futuros empreendedores que terão o empreendedorismo como o seu principal objetivo de vida, não têm a consciencialização e a preparação, existindo habilidades técnicas inerentes exigidas que serão desenvolvidas durante a carreira formativa e profissional. Apesar de uma pequena minoria conseguir criar o seu pequeno negócio, através do desenvolvimento e contacto com a realidade, o empreendedor requer uma formação contínua

⁷ Citado por Lima,2010,p.52

⁸ Robert Hisrich, Michael P. Peters, O Empreendedorismo, Tabela 1.3. Uma estrutura ao desenvolvimento da carreira empreendedora, p.37.

por meio de leituras, cursos, *workshops* e exemplos escritos, desenvolvendo assim um permanente alerta a nível da educação para o empreendedorismo.

Já noutra esfera, segundo Licínio Lima (2010), o autor, refere que a pedagogia moderna está cheia de medidas economicistas, em crenças exageradas no poder da educação e da aprendizagem.

Na sua plasmação sobre o Ensino, Pedagogias e Aprendizagens, abordando uma transversalidade histórica de investigadores sobre se a “Educação terá que fazer tudo”, e dentro da temática do empreendedorismo, nomeadamente ao que se refere ao conceito de empregabilidade, Lima (2010) como também Pierre Bourdieu (citado por Lima, 2010, p.44) descreve que o ensino e a empregabilidade andam ao critério de cada um, ou seja cada indivíduo traça o seu caminho entre a educação e o emprego.

“O conceito de “empregabilidade” revela-se, frequentemente, uma mistificação político-pedagógica, um dos símbolos da “exaltação conservadora da responsabilidade individual”, transformando cada actor individual num “empresário dele mesmo”, para usar as palavras de Pierre Bourdieu (2001: 28).” (citado por Lima, 2010, p.44)

Lima, salienta que cada vez mais o ensino deverá andar em sintonia, numa conjuntura internacional, e num espírito de interajuda cada vez mais voltado para exigências comuns centrada em estratégias para a competitividade económica, para a criação de emprego, para a flexibilidade e a coesão social: “*aprender a ganhar (learning for earning)*).

Abordando também o filósofo, James Mill, (citado por Lima, 2010, p.47) “se a educação não pode tudo, dificilmente existe alguma coisa que a educação não possa realizar”, indo ao encontro de que a educação está longe de ser a “salvação poderosa” de todos os problemas das sociedades. O que acontece também no que se refere à “educação técnica”, segundo Mill, (citado por Lima, 2010, p.47) “*a palavra Educação tem sido usada num sentido infelizmente restrito*” (Mill, 1823:37)

Segundo o autor, a aprendizagem técnica e das artes práticas, deveria ser compreendida numa conceção geralista dentro da educação, fazendo parte integrante da

educação dos jovens, citando que *“as aprendizagens que os jovens realizavam no contexto das artes práticas deviam ser vistas, segundo ele, como parte integrante da sua educação”*

Não se trata de uma Educação que vise somente um ensino de qualificações técnicas e competitivas de um trabalhador de um ensino “técnico-profissional”, de uma educação voltada para o trabalho, mas também voltada para o ser do sujeito. Uma educação de necessidade para a compreensão humana *“aprender a ser civilizado, aprender a ser humano” Hutchins, 1970: 13, (citado por Lima, 2010, p.50).* Como também refere, Lima, *o ensaio escrito para a UNESCO, sobre os sete saberes para a educação do futuro, Edgar Morin (2002).*

Em qualquer parte do mundo ou idade cronológica, a educação será sempre uma questão de economia, política, social e cultural, no entanto como também refere há sempre uma questão de pedagogia complexa.

“ E é, ainda, uma questão de pedagogia bem mais complexa do que o simples lema, reconhecidamente liberal, proposto por Porter (1993: 703): “competir para progredir”. As suas crenças ingênuas no poder das aprendizagens, das qualificações, das competências, ou das habilidades, para alcançar o estatuto de “sociedade da aprendizagem” e de “economia do conhecimento” (citado por Lima, 2010, p.52).

Em última análise, Lima, propõe para os seus princípios estruturantes uma crítica pedagógica que defenda o pedagogismo de extração económica e gerencial, como o “empreendedorismo”, a rivalidade, a mensuração dos resultados e uma relação funcional entre formação e trabalho como alguns dos seus princípios estruturantes.

1.2 Educação para o Empreendedorismo

(...) a educação é um processo de vida e não a preparação para a vida futura.
Dewey....

Vivemos em tempos estranhamente contrastantes, a palavra empreendedorismo tem aparecido como “salvação” de alguns problemas da economia. Surge para criar oportunidades em vários níveis e a mais conhecida é a criação do próprio emprego. No caso de Portugal “*Nunca se falou tanto de empreendedorismo como nos últimos tempos*”⁹. Portugal tem vindo a perder competitividade e capacidade de inovação não só nos sectores de alta e média tecnologias, mas também em sectores tradicionais. Também a existência e aumento do desemprego leva ao desenvolvimento pessoal da criação de um negócio e do seu próprio emprego.

Sendo assim surgem novas formas de pensar e de ação que conseguem fomentar outras soluções educativas e profissionais. Poderei dizer que estamos perante novas necessidades que procuram profissões criativas e novas formas de estar e de aprender, trabalhar e de relacionar.

A educação terá um papel fundamental para o empreendedorismo, partindo do pressuposto de que o Empreendedorismo e as competências a ele inerentes não são exclusivamente intrínsecas ao ser humano, mas que podem ser apreendidas. O empreendedor é um “ser social”, produto do meio que habita (época e lugar). “*Todas as pessoas serão empreendedores se viverem num ambiente promotor e encorajador do seu potencial, independentemente do seu estatuto social, económico ou cultural*”¹⁰

Apesar das políticas adotadas, na sequência da “Estratégia de Lisboa”¹¹, o desemprego na UE continuou a crescer e a manter-se em níveis elevados em vários Estados-Membros. Estratégia que para além de desejar promover o emprego e o conhecimento para a competitividade, crescimento económico sustentável impulsionou a coesão social.

Urge assim a redefinição da “Estratégia de Lisboa” para 2020 que agenda uma previsão nas seguintes prioridades: (1) criação de valor baseado no crescimento do conhecimento suportado na inovação; (2) desenvolvimento das pessoas e sua inclusão na sociedade através da aquisição de novas competências, desenvolvendo o empreendedorismo e

⁹ Carlos Vieira, boletim informativo do grupo lusófona nº 58, Maio 2012

¹⁰ <http://www.tree.com.pt>, acedido em Setembro de 2012

¹¹ Conhecido como o Tratado Reformador é um tratado que foi assinado pelos Estados-membros da União Europeia (UE) que reformou o funcionamento da União. Destacando o acordo da Carta da União em matéria de direitos humanos, a Carta dos Direitos Fundamentais entre outros assuntos de política comum.

promovendo a flexibilidade do mercado de trabalho; (3) criação de uma economia competitiva, em rede e ambientalmente responsável, aumentando a produtividade e gastando menos recursos.

“Neste contexto, a educação para o empreendedorismo torna-se premente como instrumento potenciador da criação de emprego, e, por sua vez da inclusão social” (Costa & Carvalho, 2012)

Cada vez mais, as instituições de ensino podem desempenhar um papel relevante na educação para o empreendedorismo, promovendo o desenvolvimento de uma educação para o empreendedorismo, competências e metodologias que permitam que os estudantes se tornem mais conscientes e empreendedores.

Assim, surge o desenvolvimento da educação para o empreendedorismo, e conforme refere Costa e Carvalho (2011, p.106) segundo Hansemark (1998) pode ser definida como a educação com o objetivo de criar um novo serviço ou produto, com valor económico, relacionando-se e implementando-se em pequenas empresas, fomentando o autoemprego e o desenvolvimento de novas competências.

Aiub (2002), citado por Costa e Carvalho (2011, p.106) considera pertinente que a educação para o empreendedorismo deve promover a criação de ambientes encorajadores para o desenvolvimento e para uma melhor compreensão dos comportamentos sociais capazes de realizar o autoemprego.

Saliento também, Jamieson (1984), citado por Costa e Carvalho (2011, p.106) que sugere três categorias para a formação e ensino em empreendedorismo: i) Educação para a consciência sobre a criação da nova empresa; ii) Educação para a aprendizagem de atitudes e criação de novas empresas relacionadas com criação de um novo produto ou negócio; e iii) Fomentar uma educação capaz de educar indivíduos com as capacidades individuais de gestão das competências que promovam a sustentabilidade.

1.2.1 Empreendedorismo como prática de Cidadania

As Linhas orientadoras do ME de 2012¹², no que diz respeito à prática da cidadania, têm implementado programas educacionais nas escolas ao nível individual e coletivo, que apelam à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um e pela sociedade.

A escola constitui um importante contexto para a aprendizagem e para o exercício da cidadania e nela se refletem preocupações transversais à sociedade, que envolvem diferentes dimensões da educação para a cidadania, tais como: educação para os direitos humanos; educação ambiental / desenvolvimento sustentável; educação rodoviária; educação financeira; educação do consumidor; educação para o empreendedorismo; educação para a igualdade de género; educação intercultural; educação para o desenvolvimento; educação para a defesa e a segurança/educação para a paz; voluntariado; educação para os *media*; dimensão europeia da educação; educação para a saúde e a sexualidade.

Sendo temas transversais à sociedade, a sua inserção no currículo requer uma abordagem transversal, tanto nas áreas disciplinares e disciplinas como em atividades e projetos, desde a educação pré-escolar ao ensino secundário, de acordo com os princípios definidos no Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho¹³. Subjacente a esta conceção educativa, está uma visão integradora das diversas áreas do saber que atravessa toda a prática educativa e que supõe, para além de uma dinâmica curricular, também uma vivência de escola, coerente e sistemática, alargada ao contexto em que esta se insere.

A abordagem curricular da educação para a cidadania pode assumir formas diversas, consoante as dinâmicas adotadas pelas escolas no âmbito da sua autonomia, nomeadamente através do desenvolvimento de projetos e atividades da sua iniciativa, em parceria com as famílias e entidades que intervêm neste âmbito, no quadro da relação entre a escola e a comunidade. Não sendo imposta como uma disciplina obrigatória, é dada às escolas a possibilidade de decidir da sua oferta como disciplina autónoma, nos 2.º e 3.º ciclo do ensino básico.

¹² <http://www.dgicd.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=71>, acedido em Outubro de 2012

¹³ As principais medidas adotadas passam, essencialmente por um aumento da autonomia das escolas na gestão do currículo, por uma maior liberdade de escolha das ofertas formativas, pela atualização da estrutura do currículo, nomeadamente através da redução da dispersão curricular, e por um acompanhamento mais eficaz dos alunos, através de uma melhoria da avaliação e da deteção atempada de dificuldades.

Deste modo, a educação para a cidadania pode ser desenvolvida em função das necessidades e problemas específicos da comunidade educativa, em articulação e em resposta a objetivos definidos em cada projeto educativo de agrupamento de escola ou escola não agrupada.

Atendendo à importância que o ME reconhece a esta área curricular, têm vindo a ser produzidos, em colaboração com outros organismos e instituições públicas e com diversos parceiros da sociedade civil, documentos que se poderão constituir como referenciais na abordagem das diferentes dimensões de cidadania.

Os referenciais e outros documentos orientadores não constituem guias ou programas prescritivos, mas instrumentos de apoio que, no âmbito da autonomia de cada estabelecimento de ensino, podem ser utilizados e adaptados em função das opções a definir em cada contexto, enquadrando as práticas a desenvolver.

As diversas dimensões da educação para a cidadania são já objeto de trabalho em muitas escolas, quer transversalmente, quer através de ofertas curriculares específicas e de projetos. As dimensões para as quais já foram elaborados ou estão em elaboração documentos orientadores para as escolas são, nomeadamente:

***A Educação para o Empreendedorismo**, que visa promover a aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes que incentivem e proporcionem o desenvolvimento de ideias, de iniciativas e de projetos, no sentido de criar, inovar ou proceder a mudanças na área de atuação de cada um perante os desafios que a sociedade coloca. (Direção-Geral da Educação, dezembro de 2012)*

Neste sentido o ME desenvolveu uma iniciativa conjunta com o Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P. (IPDJ), Direcção-Geral da Educação (DGE) e da Agência para a Competitividade e Inovação, I.P. (IAPMEI), o INOVA- Jovens Criativos, Empreendedores para o Século XXI, promovendo junto das escolas um Concurso de Ideias¹⁴.

Este Concurso de Ideias inserido no ano letivo (2012-2013), pretendeu, desenvolver um ambiente propício à inovação e à criatividade; fomentar, nos jovens, a capacidade

¹⁴ <http://www.juventude.gov.pt/Emprego/InovaJovensCriativos/Paginas/InovaJovensCriativos.aspx>, acedido em Dezembro de 2012

analítica e o espírito crítico em contexto de deteção de oportunidades de negócio; Incentivar os jovens para a assunção do risco; Proporcionar a experiência de participação numa competição; Premiar e divulgar as ideias mais inovadoras; ideias criativas e inovadoras, passíveis de implementação e soluções originais para carências locais, regionais ou nacionais.

Um outro exemplo é o Programa Estratégico para o Empreendedorismo e a Inovação, Dec. Lei nº243 de 21 de Dezembro de 2011,¹⁵ que dentro dos seus objetivos, planos e programas apresentados, pretende alargar conhecimentos e capacidades da população. No que diz respeito ao ensino pretende promover a criatividade, a literacia digital, a cultura científica e tecnológica e o empreendedorismo em todos os níveis de ensino.

1.2.2 Empreendedorismo, prática e desenvolvimento curricular.

A Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular editou em 2006, o “Guião de Educação para o Empreendedorismo”¹⁶, visando estimular a reflexão da educação para o empreendedorismo com orientação pedagógica para os professores do ensino Básico e Secundário.

Dentro das suas linhas gerais visa criar as oportunidades para o aluno aprender a pensar e agir de forma empreendedora. Para isso é necessário criar contextos reais, de forma a proporcionar uma aprendizagem que envolva experimentação, reflexão e trabalho colaborativo. Aprender-fazendo através da prática.

Ensino que visa promover o empreendedorismo baseia-se em seis princípios a Autonomia; Flexibilidade; Inovação; Mudança; Participação e Cooperação.

É essencial que a experiência seja orientada sem indução direta das estratégias de ação criadas pelos alunos.

¹⁵ O programa - a adoção de um modelo de definição das políticas promotoras da inovação e do empreendedorismo, que contribua de forma efetiva para a capacidade de crescimento e nível de competitividade do país ganha uma relevância ainda maior no atual contexto económico. Assim, assume importância acrescida e importância a adoção de uma visão integrada e transversal a todas as áreas de atuação do Governo, com vista ao desenvolvimento de políticas de inovação e empreendedorismo.

¹⁶ Guião de Educação para o Empreendedorismo

Reconhecer a importância do espírito empreendedor ao longo da vida, valorizar e desenvolver as competências-chave para o empreendedorismo e o espírito empreendedor na sala de aula.

A educação para o empreendedorismo deve proporcionar um ambiente em que os/as jovens possam descobrir e utilizar a capacidade de imaginar mudanças e procurar realizar essas mesmas mudanças. Sendo assim o Guião aponta para atividades empreendedoras em dois eixos:

- eixo social, dinamização e participação ativa em projetos ou ações de cariz social
- eixo tecnológico e científico, dinamização/participação ativa em projetos ou ações de cariz tecnológico e científico, que não a mera utilização das TIC.

Identifica competências-chave para o desenvolvimento do empreendedorismo que traduzem comportamentos, conhecimentos, atitudes que o sujeito usa para desenvolver uma dada atividade com sucesso. São exemplos: a autoconfiança / assumpção de riscos; iniciativa / energia; resistência ao fracasso; planeamento / organização; criatividade / inovação; relações interpessoais.

Implementar a Utilização do Espírito Empreendedor na Educação através do desenvolvimento de competências chave através da realização de ações a promover o espírito empreendedor na escola.

O sucesso da educação para o empreendedorismo, segundo o guião, aponta para cinco fatores críticos. O primeiro fator visa a participação ativa dos/as aluno/as e todo o processo é liderado pelos/as jovens. No segundo fator, a constituição de grupos em que todo o trabalho é realizado em equipa. O terceiro visa a integração dos conteúdos das disciplinas curriculares nas próprias atividades propostas pelos/as alunos/as sendo os conteúdos integrados e adaptados à realidade contextual dos/as alunos/as, aos seus interesses, problemas e necessidades reais. O quarto fator, lida com a conceção e concretização de atividades empreendedoras que passam por um processo empreendedor: definição de uma missão, organização, execução e avaliação. Por último o quinto fator, permite a contextualização e orientação de todo o processo empreendedor e potenciação das competências-chave dos/as alunos é da responsabilidade dos/as educadores.

Aponta para duas correntes, o **“Pensar Global”** e o **“Agir no Particular”**

“Pensar Global” – Agir no Particular, competirá ao/à professor/a a definição da estratégia de integração da educação para o empreendedorismo ou seja na sala de aula, tendo em conta o conjunto de alunos com quem vai trabalhar.

Essa estratégia pode ser motivada pelo desejo de introduzir mudanças substanciais no ambiente da aula de modo a promover o sucesso dos alunos e a qualidade das aprendizagens escolares, através da promoção de ações estruturadas, que envolvam por exemplo outros professores. Poderá também ser usada pelo incentivo de determinadas atitudes e capacidades em contexto de sala de aula.

Quem promove o empreendedorismo, promove uma atitude autónoma nos jovens, podendo ter uma ação benéfica em todos os contextos educativos. Em qualquer dos casos, e atendendo que se tratam de novos conceitos que o professor pode não dominar, poderá ser uma boa estratégia eleger uma ou duas competências-chave que sejam proporcionadas em ações concretas, bem como partilhar essa estratégia e os seus resultados com outros professores.

“Agir no Particular”, Começar com experiências concretas e delimitadas, como um bom ponto de partida. As atividades pedagógicas têm por base as seguintes questões:

- Quais as experiências de aprendizagem que podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?
- Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?
- De que forma as ações/atividades proporcionam o desenvolvimento de conhecimento das áreas curriculares disciplinares?

A Educação para o Empreendedorismo procura criar um ambiente de ação propício ao desenvolvimento de competências, consideradas chave para a vida dos/as jovens, e nesse sentido deve ser encarada como uma oportunidade. A indicação dos temas sociais e tecnológicos como meios desse movimento, prende-se com a necessidade de introduzir a ética, a responsabilidade social e o espírito científico, na sua formação base. Para atingir os

objetivos - desenvolvimento pessoal e social - apoiamo-nos em experiências educativas significativas simples, permitindo o desenvolvimento de competências no domínio do “aprender-fazendo”.

Dentro das experiências educativas apresento o (quadro 1) que propõe uma metodologia “Aprender a empreender” que permite aos estudantes a aquisição de competências empreendedoras através do desenvolvimento de dinâmicas de grupo, implementado pela Associação Aprender a Empreender – *Junior Achievement Portugal*¹⁷. A proposta aponta para três grandes áreas de competências, i) criatividade, trabalho em equipa, ii) liderança e autonomia, iii) comunicação e autoconfiança.

(quadro 1) Competências e atividades desenvolvidas

Competências	Atividades
Criatividade	Técnicas de apresentação que expõe os estudantes a situações diferenciadas, fazendo-os sair da sua zona de conforto Brainstorming aplicado à criação de ideias Atividades para encontrar respostas a situações inesperadas Jogos estratégicos que implicam o pensamento criativo Aplicação de conhecimento teórico a desenhos, diagramas, símbolos para além da sua memória descritiva
Trabalho em equipa, liderança e autonomia	Dinâmicas de grupo, atividades e estudos que obrigam a que todo o trabalho seja feito em conjunto
Comunicação e autoconfiança	Atividades em sala de aula, apresentações, <i>elevator-pitch</i> junto de empresários e outros membros externos
Conhecimento científico	Participação em projetos de investigação em conjunto com os docentes Desenvolvimento de competências nas áreas da economia, gestão, empreendedorismo, gestão financeira, marketing, com aplicação de uma metodologia aprender-fazendo

Fonte: Carvalho, Costa e Dominginhos (2010, p.9), adaptado¹⁸

¹⁷ www.japortugal.org, acedido em Fevereiro de 2013

¹⁸ Maria Teresa Gomes da Costa & Luisa Cagica Carvalho - A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior. Revista Lusófona de Educação 19,103-118.

1.2.3 Empreendedorismo, exemplo de prática implementada.

O CTC/OTIC (Centro de Transferência e Valorização do Conhecimento) inserido no IPL-Instituto Politécnico de Leiria, foi o único que deu resposta ao meu pedido de informações.

Daí resultou uma reunião com a Diretora do CTC/OTIC, Prof.^a Doutora Maria Leopoldina Alves onde tive a oportunidade de conhecer este organismo que funciona como unidade orgânica de apoio à atividade pedagógica e de promoção à transferência e valorização do conhecimento científico e tecnológico, criado pelo IPL dando apoio às empresas através da sua capacidade de facilitar, impulsionar e gerir a transferência de tecnologia e conhecimentos entre o meio académico e o tecido empresarial.

Tem o objetivo transversal de dar apoio aos docentes e alunos em vários campos de implementação de projetos empreendedores, contribuindo para o incremento da competitividade e inovação desenvolvendo os sectores económico, social e empresarial da região e do País.

Dentro das diversas atividades, este centro desenvolve algumas ações de sensibilização junto ao Ensino Secundário, destacando o “Empreende C”¹⁹. Projeto elaborado em parceria com o IPL, NERLEI e incubadora de empresas IDD, projeto este que levou às escolas secundárias uma realidade empresarial.

Maria Leopoldina Alves, frisou que este projeto tinha como seus maiores objetivos o questionar os alunos para a questão “ Não dar tudo como adquirido” e sensibilizá-los para as questões das oportunidades. O projeto “ Empreende C”, durante um dia letivo proporcionou aos alunos do ensino secundário um *Workshop*/palestra. Os alunos estiveram em contacto direto com um empresário local, onde foram colocados aos alunos vários desafios nomeadamente experiencias empreendedoras em situação real. Ou seja, se fossem empresários perante algumas situações como desenvolveriam o seu trabalho. Dos resultados obtidos pelos alunos verificou-se que na sua maioria fariam o contrário do que o empresário realizou.

¹⁹ http://www.ipleiria.pt/portal/ipleiria?p_id=13681&content.id=383441, acedido em Janeiro de 2013

Referiu um de muitos outros projetos que também participam, o “MF24Leiria.org”²⁰, que se realizou em junho de 2012. Este evento que proporcionou um Ciclo de palestras, *workshops* gratuitos, formativos, aberto ao público em geral.

Durante 24 horas foi colocado aos participantes o desafio de traçar um perfil de empreendedor com os objetivos de sensibilizar os participantes para a necessidade de serem os agentes ativos da sua própria mudança; potenciar um espírito de participação, iniciativa e liderança; aproximar as empresas de possíveis colaboradores - gerar empregabilidade; fomentar o *networking* e promover o debate de ideias.

Segundo a Prof.^a Doutora Maria Leopoldina Alves, foi curioso verificar que alguns dos alunos do ensino secundário que participaram no projeto “Empreende C”, participaram no ciclo de palestras, *workshops* e *networking*, verificando assim a exequibilidade do projeto junto às escolas.

Questionei se era de acordo com a implementação de um projeto empreendedor numa unidade curricular no Ensino Secundário, afirmou que sim, estando totalmente de acordo. “*Será um desafio muito interessante para os professores e alunos a implementação de um projeto empreendedor no ensino secundário, nunca como disciplina.*”

Salientou que, com os cortes a nível do ensino em Portugal, num cenário economicista, não iria fazer sentido a criação de uma disciplina curricular de empreendedorismo. Por outro lado esta disciplina não seria uma disciplina cativante, isto porque na sua maioria os alunos não tem o perfil de empreendedor, afirmando que “*Nem todos devem ser empresários*”.

A nível formativo o centro abriu ofertas formativas a professores com carácter de acreditação de créditos no Ensino Secundário, não obtendo *feedback* por parte dos docentes, e que até à data nunca conseguiram número de inscrições suficientes para a realização das formações. Salientou que irão novamente colocar à disposição novas formações para os docentes.

²⁰ http://mf24.org/c/leiria_programa.html, acedido em Janeiro de 2013

2. O ensino das Artes Visuais e Empreendedorismo.

Neste ponto vou ao encontro dos paradigmas das artes visuais identificando teóricos impulsionadores de um ensino empreendedor, no que diz respeito ao Ensino das Artes Visuais, tanto a nível das experiências, como de métodos e currículo.

Início um breve enquadramento do ensino das Artes Visuais no Sistema de ensino Português demonstrativo de um ensino timidamente empreendedor.

Dentro das pesquisas efetuadas saliento Gardner e os investigadores do projeto “*Arts Propel*” como contributo para o desenvolvimento de avaliação artística.

A aplicação das Inteligências Múltiplas, segundo Gardner, relacionando-a com as capacidades inerentes a um empreendedor e por último o contributo de Eisner para a construção do currículo em Artes impulsionador de um ensino das artes visuais capaz de promover, identificar, organizar e avaliar as experiências educativas.

2.1. As Artes Visuais no ensino Secundário - Sistema Educativo Português

O Ensino Secundário foi reorganizado através do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março. Esta legislação traça as grandes linhas orientadoras da “formação e aprendizagens diversificadas”, entre as quais os cursos tecnológicos, cursos artísticos especializados e cursos profissionais.

Assim sendo o curso de Artes Visuais no Ensino Secundário português segundo o ME visa como objetivo dotar o aluno de um conjunto de competências possibilitando o desenvolvimento das capacidades de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise e compreensão das obras de arte no seu contexto histórico e cultural.

O curso permite ao aluno desenvolver a perceção visual, a sensibilidade estética, a consciência crítica e a expressão, nos domínios da comunicação visual e da linguagem gráfica e plástica. Favorece, também, a capacidade de manipulação dos materiais e técnicas de desenho e um correto entendimento do espaço bidimensional e tridimensional, contribuindo para o desenvolvimento da atividade criativa. Permite, ainda, identificar elementos

estruturantes que caracterizam a singularidade da cultura de cada época e reconhecer o objeto artístico como produto e agente do processo histórico-cultural em que se enquadra.

O seu Plano de estudos, regulamentados pelo Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, Declaração de Retificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro, e Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de Abril e Portaria n.º 244/2011, de 21 de Junho, assenta em disciplinas e opção sendo a opção do aluno escolhe duas disciplinas bienais. O aluno também escolhe duas disciplinas anuais, sendo uma delas obrigatoriamente do conjunto de opções dependentes do projeto educativo de cada escola.

A Formação Cívica é assegurada por um só professor, e aí poderão ser inseridos projetos no âmbito do empreendedorismo, articulando-os com os conteúdos programáticos das restantes disciplinas. Sendo assim os docentes poderão fomentar a articulação da Multidisciplinariedade com as Disciplinas de Desenho e Oficinas de Artes e ou Oficina Multimédia. Caso haja nas escolas, a oferta Educativa da disciplina de Economia a multidisciplinariedade de projetos no âmbito do empreendedorismo poderá ser ainda mais completa. No entanto em qualquer das disciplinas ou currículos será sempre possível articulação com os restantes pares, como também com as restantes ofertas educativas da escola. Ou seja, caso seja necessário a implementação de projetos empreendedores no ensino das artes visuais o docente poderá sempre recorrer a outros currículos do projeto educativo da escola, como, por exemplo, as disciplinas de Marketing e Gestão. Refiro-me nomeadamente na implementação de exemplos de didáticas no âmbito da criação de planos de negócios, planos de marketing e e estratégias de comunicação e comercialização de produtos.

Todos os indicadores do ME a nível do curso de Artes Visuais inseridos no projeto educativo de cada escola, apontam para um flexibilidade na implementação de currículos alternativos e complementares à prática de implementação de práticas e didáticas empreendedoras. Cada projeto educativo de cada escola, dentro dos recursos e sinergias próprias tem vindo a implementar timidamente projetos empreendedores. É frequente ver nas escolas os projetos de Jornal Escolar, tanto a nível da impressão gráfica como *online*. No entanto é frequente verificar a pouca envolvimento por parte dos alunos na sua conceção. É raro verificar uma fertilização cruzada nas escolas entre professores e alunos, cursos e disciplinas. Ainda se continua a trabalhar isoladamente chegando a ponto de existirem várias exposições,

workshop's, palestras e encontros isolados, tanto a nível dos conteúdos como da sua temática. Em vez de estarmos a trabalhar um tema isoladamente nas escolas, porque não criar um tema aberto para toda a comunidade. Refiro-me ao caso do ensino e aos projetos empreendedores, e quando são implementados nas escolas por vezes são rotulados como assuntos para as comunidades das Ciências Empresariais, ficando por vezes as outras comunidades de fora. Também acontece o contrário no que diz respeito a projetos dos cursos do ensino das Artes Visuais.

Com isto, é comum verificar que cada vez mais o projeto educativo da cada escola, conselho pedagógico, corpo docente, alunos e pais tem um papel fundamental na construção desse mesmo projeto educativo. É muito fácil apontar falhas no sistema educativo, mas, no entanto as iniciativas partem de todos, havendo sim hierarquias e responsáveis diretos na mudança das mentalidades.

Parte de todos (os/as alunos/as e agentes educativos) uma maior consciencialização que para a expressão: Eu consigo; Eu faço; Eu aprendo; Eu quero; Eu experimento; Eu testo; Eu sei; Eu erro; Eu inov²¹, no entanto sugiro a mudança desse pensamento para um coletivo dando o exemplo da mudança de “Eu para Nós”, ou seja, “ Nós conseguimos; Nós fazemos; Nós aprendemos; Nós queremos; Nós experimentamos; Nós testamos; Nós sabemos; Nós erramos; Nós inovamos.”

2.2 Gardner e os investigadores do projeto “Arts Propel”

Dentro de alguma pesquisa efetuada e revisão curricular do mestrado encontrei o exemplo de Gardner no que diz respeito ao projeto “*Arts Propel*”.²²

²¹ Consciencialização que os/as alunos/as e agentes educativos para a expressão “eu empreendo”- Guia de Educação para o empreendedorismo, pag.20.

²² *ARTS PROPEL*, 1985, concebido para produzir instrumentos de avaliação artística, centrando-se em três tipos de competências (a perceção, a produção e a reflexão) destacando-se a produção de portfolios. Sendo inovador precisamente por colocar em evidência as bases intelectuais que motivaram muitos investigadores para um debate, em particular, de natureza cognitiva face à aplicação de conceitos e processos artísticos.

Gardner e os investigadores do projeto “Arts Propel” propõem os projetos de âmbito ou de domínio como meios ou “veículos educativos” para fomentar a integração das dimensões da produção, da perceção e da reflexão. Estes são entendidos como conjuntos ricos de atividades coerentes sobre o currículo cujo objetivo se centra na integração dos saberes acerca das artes.

Conforme refere Raposo (2010,p.148) citando Gardner, os “projetos de âmbito” e as “pastas” refletem a convicção dos investigadores de que os alunos aprendem melhor e de forma integrada quando envolvidos em projetos que se desenvolvam por um tempo significativo e tenham para eles um sentido útil. Assim sendo, reforça a ideia do desenvolvimento de projetos de génese empreendedora no Ensino das Artes Visuais estimulando os alunos para um ensino útil. É comum verificar de um modo geral, quando se insere uma prática ou exercício útil que os alunos relevam um maior empenho na sua resolução. No ensino hoje, é frequente verificar a implementação de “concursos” e projetos multidisciplinares, envolvendo os alunos, professores, escola e comunidade. O “concurso” implementa disputa, curiosidade e garante um ensino útil desde que seja capaz de respeitar todas as dimensões sociopedagógicas e educativas.

Entre outros autores, John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-americano, desenvolve a teoria sobre aprendizagem, voltada para a experiência de relação entre o indivíduo e o meio social em que está inserido, sendo que os estímulos do meio geram novas aprendizagens, impelindo o indivíduo à mudança e a realizar novas operações mentais. Dewey, defende que a Educação deveria focar-se no desenvolvimento de capacidades de raciocínio e do espírito crítico, não se restringindo à transmissão e interiorização do conhecimento e informação, como algo finito ou absoluto. Cria a sua “Escola-Laboratório” considerada como pioneira de uma Escola democrata, interagindo com o meio em que está inserida, uma “comunidade embrionária” (Dewey, 2002, p.26).

Fomenta o conhecimento como uma ferramenta geradora de novas aprendizagens, possibilitando ao indivíduo adaptar-se a distintas solicitações, resultando as práticas de ensino das necessidades suscitadas pela vivência comunitária, e orientando os indivíduos para a aquisição de saberes e para a resolução de problemas.

Dentro da estrutura curricular e dos conteúdos das disciplinas (arte, ciências, história, a leitura, escrita e o cálculo) os seus conteúdos seriam transmitidos de acordo com os

interesses e as experiências vividas (tornando-se em aprendizagens com significado), associando-se entre si, motivando outras aprendizagens, e não como saberes fragmentados. O estudo e prática artística eram integrados nas restantes aprendizagens e resultavam de um envolvimento intenso entre aluno, materiais e o objeto.

Dewey concebe a Educação Artística como uma experiência participada, sensível e com significado. Defende que o impulso para criar tinha origem no próprio sujeito, envolvendo processos vitais, tornando-se orgânico – na experiência (o processo e o ato criador). Assim encontrava-se a emoção, estimulava-se a percepção, efetuavam-se operações mentais, exploravam-se materiais, construía-se significados, alcançando-se assim os reais propósitos da Educação Artística (produção, percepção, apreciação, emoção) (Agirre, 2005, p. 251).

2.3. Inteligências Múltiplas segundo Gardner

“ Uma inteligência será, assim, definida pela capacidade de resolver problemas que são valorizadas num ou mais contextos culturais” (Krechevsky & Gardner, 1994, p.286)

Reflete-se também o estudo das chamadas “Inteligências Múltiplas”, segundo Gardner. Faz-se necessária uma visão do pensamento humano mais ampla e mais abrangente e encontrar nos alunos as chamadas, "Inteligências Múltiplas", capacidades humanas diferenciadas. Defendo que "inteligência" segundo Gardner, abarca métodos de pesquisa, com uma visão da paisagem cognitiva, relacionando inteligência com criatividade, o génio, perícia e outras realizações mentais desejáveis.

Na variedade de inteligências humanas que conduzem a uma nova visão de educação, Gardner procurou evidências de várias fontes, destacando-se o desenvolvimento em indivíduos talentosos. A escola seria um segundo motor do desenvolvimento dessas inteligências permitindo aos alunos atingirem os objetivos de ocupação adequados ao seu espectro intelectual. Propõe, assim, uma escola voltada para indivíduo, centrada no desenvolvimento do perfil cognitivo do aluno baseando-se em algumas suposições da natureza humana.

O exemplo transcrito por Luiz Travassos²³ (2001), seguindo a teoria de Gardner, descreve que nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades; ninguém pode aprender tudo o que há para ser aprendido; na avaliação deve-se compreender as capacidades e interesses dos alunos de uma escola; adaptação do currículo ajustado ao perfil de cada aluno; a escola-comunidade seria a de encontrar situações na comunidade determinadas pelas opções não disponíveis na escola, para os alunos que apresentam perfis cognitivos incomuns; o docente terá que ter a preocupação em estar atento às realidades; ter a mesma preocupação com os alunos que não obtiveram bons resultados nas avaliações, e que, consequentemente, tendem a ser considerados como não tendo nenhum tipo de talento.

Para Gardner, citado por Travassos (2001), os professores deviam ensinar com o seu conhecimento próprio acrescentando atributos e assegurar uma forte relação do aluno-avaliação-curriculo-comunidade.

Gardner, procurou descortinar o conceito de inteligência abrindo os horizontes, definindo-a como capacidade de solucionar problemas ou elaborar produtos que são importantes em um determinado ambiente ou comunidade cultural.

A capacidade de resolver problemas permite às pessoas abordar situações, atingir objetivos e localizar caminhos adequados a esse objetivo.

A criação de um produto cultural torna-se crucial nessa função na medida em que captura e transmite o conhecimento ou expressa as opiniões ou sentimentos da pessoa. Os problemas a serem resolvidos são os mais diversos, indo desde uma teoria científica até uma composição poética ou musical.

Estabelece assim, uma medida diferenciada de inteligências localizadas no cérebro humano, classificando e identificando indivíduos de vários perfis, sendo ainda hoje desenvolvidos pelas neurobiologias: a inteligência linguística; inteligência lógico-matemática; inteligência espacial; inteligência musical; inteligência corporal cinestésica; inteligência interpessoal; inteligência intrapessoal.

²³ Professor de Ciências e Biologia, apresenta no seu estudo sobre “Inteligências Múltiplas” um pensamento humano mais ampla e mais abrangente daquelas aceites pelos estudos cognitivos tradicionais de Jean Piaget. Encontra nas chamadas “Inteligências Múltiplas”, “*métodos de pesquisa, com uma visão da paisagem cognitiva, relacionando inteligência à criatividade, ao génio, à prodigiosidade, à perícia e outras realizações mentais desejáveis*”, indo ao encontro de uma nova visão de educação e compreensão de cada inteligência e interrelacionadas, com possibilidade de existência de diferentes perfis intelectuais em diferentes grupos resgatando portanto um novo papel para o educador.

Destaco a Inteligência espacial, a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo. Esta inteligência teria como localização o hemisfério direito do cérebro.

As artes visuais também utilizam esta inteligência crucial do processamento espacial, provocando o desenvolvimento e a capacidade de encontrar o próprio caminho em torno de um lugar, de reconhecer rostos ou cenas, ou de observar detalhes pequenos.

Não existe uma inteligência identificada como inteligência artística, segundo diversos autores, pois tecnicamente nenhuma inteligência é inerentemente artística ou não-artística. As inteligências funcionam artisticamente (ou não-artisticamente) na medida em que desenvolvem certas propriedades de um sistema simbólico.

Se um indivíduo utilizar a linguagem de uma maneira comum, expositiva, ele não está utilizando a inteligência linguística de uma maneira estética. Se, por outro lado, a linguagem é utilizada metaforicamente, expressivamente, ou de uma maneira que chame a atenção para o som ou para as propriedades estruturais, então ela está sendo usada artisticamente. A mesma inteligência "espacial" pode ser explorada esteticamente por um escultor, não artisticamente por um geómetra ou cirurgião.

A possibilidade de uma inteligência ser utilizada artisticamente é uma decisão tomada pelo indivíduo e/ou pela cultura. Um indivíduo pode decidir se vai empregar a inteligência linguística como escritor, advogado, vendedor, poeta ou orador. No entanto, as culturas podem favorecer ou impedir a possibilidade de usos artísticos da inteligência. Em algumas culturas, quase todas as pessoas desenvolvem algumas capacidades poéticas; mas Platão tentou eliminar a poesia de sua República. Claramente, então, o exercício de uma determinada inteligência de maneira artística envolve um julgamento de valor.

2.4 Contributo de Eisner para a construção do currículo em Artes.

O contributo de Eisner para a construção do currículo em Artes tem influenciado muitos investigadores. Assim sendo, dentro das pesquisas realizadas no que diz respeito ao “Papel do Professor” na valorização que os docentes implementam na Educação das Artes Visuais e na génese da construção de um currículo em Artes, a pesquisa de doutoramento

“Contribuições para uma melhor compreensão do Ensino Superior das Artes Visuais, na União Europeia; (Raposo, 2010,pag.167)²⁴ aborda alguns conceitos que passo a citar.

Na opinião de Elliot Eisner (2005) citado por Raposo (2010), tendo em conta os domínios de aprendizagens artísticas identificadas (produtivo, crítico e cultural), existem fundamentalmente três tipos de currículos em arte, consciente de que aqueles domínios abarcam um conjunto vasto de objetivos, Eisner reconhece que, quando se planeiam e planificam atividades de aprendizagem em cada um deles, é possível dar-se maior importância a um tipo de programas relativamente a outros. Contudo, tem-se dado maior ênfase aos programas de ensino artístico orientados para a produção, em que os alunos utilizam essencialmente os meios artísticos para a produção de formas visuais.

Eisner considera que, na planificação do currículo, devem estar presentes quatro questões essenciais, descritas no estudo de Raposo (2010):

- Quais os fins educativos que a escola deve promover?
- Quais as experiências educativas que terão maior probabilidade de atingir esses fins?
- Qual ou quais as formas mais eficazes de organizar essas experiências?
- Como podem avaliar-se essas experiências?

Considero este modelo pertinente, aplicado já no Ensino Superior das Artes, um contributo essencial para a implementação no Ensino Secundário das Artes Visuais, nomeadamente no que diz respeito às “experiências” artísticas empreendedoras.

O ensino artístico é cada vez mais orientado para a produção, para a realização de trabalhos práticos. Isso verifica-se nos currículos das disciplinas de fundamento prático, de Artes Visuais. Refiro-me especificamente às disciplinas de Oficina de Artes, Oficina de Multimédia e Desenho. Requer sempre uma prática de experimentação artística, manual e virtual. Assim os alunos têm vindo a desenvolver trabalhos práticos curriculares, que se complementam com os programas curriculares.

²⁴ Visou a identificação de um quadro teórico enformado pela emergência de um novo modelo de racionalidade, com o objetivo de estudo, procurando identificar, a partir da análise dos planos de estudo dos cursos e das configuração de um currículo em de Artes Plásticas e Design para a pós- modernidade, em instituições portuguesas e italianas. Como também encontrou a emergência do novo paradigma da educação, em que a valorização do contexto, do diálogo e do consenso se torna imperativo no processo de construção do conhecimento e do currículo que atualmente enformam o ensino das artes visuais.

Porém tem-se verificado e é prática comum nas escolas, o desenvolvimento de estratégias pedagógicas, refiro-me às mostras de trabalhos na escola e comunidade - exposições das atividades desenvolvidas nas disciplinas práticas. Essencialmente nas Artes Visuais, é uma das formas encontradas de mostrar os seus trabalhos dos alunos.

No ensino secundário dos cursos de Artes Visuais (10º, 11º e 12º), esses indicadores são verificados nas exposições finais dos alunos. Nessa mostra dos trabalhos desenvolvidos nas diversas disciplinas como prática corrente, verifica-se ainda alguma inércia na concretização e no envolvimento com a comunidade escolar e local. Ou seja as exposições e as mostras de trabalho são realizadas numa data e depois dessa data é desmontada a exposição e pouco fica como exemplo para continuidade. No entanto é uma prática comum nas escolas a colocação nos edifícios e equipamentos escolares a fixação dos melhores trabalhos desenvolvidos a nível artístico. Ou seja é comum observar esse indicador que poderá ser um registo de uma boa memória, de uma boa prática ou exemplo para as próximas gerações. Ou por último não será uma forma rápida e por vezes pouco cuidada de divulgar e empreender os trabalhos desenvolvidos pelos alunos?

Apesar de ser frequente a publicação e divulgação nos meios de comunicação, nos sítios e páginas de internet das escolas, por vezes verifica-se ainda pouca operacionalidade.

Reforçando ainda a construção do currículo segundo Eisner, a construção de um currículo nunca deverá esquecer os fins educativos que a escola deve promover, as experiências educativas que terão maior probabilidade de atingir esses fins, as formas mais eficazes de organizar essas experiências e a avaliação dessas mesmas experiências tanto a nível pedagógico e científico, como também a sua operacionalidade e utilidade para a comunidade letiva e porque não a capacidade de empreender essas mesmas experiências.

PARTE II – Metodologias

Capítulo II – Características do Estudo

3. Problemática

3.1 Definição do Problema

Deparo-me todos os dias com a problemática do Ensino das Artes Visuais e o Empreendedorismo, tanto como docente de ensino das artes visuais como a nível profissional liberal.

A necessidade de uma análise profunda da consciencialização no Ensino Secundário das Artes Visuais para as questões do empreendedorismo surge como demanda de formação quer a nível pessoal como profissional. Tal preocupação resulta de algumas experiências adquiridas na prática supervisionada em ensino das Artes Visuais, nas práticas de ensino profissional como formador e da minha formação como Designer e também está inerente às minhas raízes de formação profissional no campo das artes e ofícios tradicionais direcionada para a empregabilidade, com uma forte componente prática o que direta e indiretamente tem influenciado a definição do campus da minha problemática.

Ao adotar a minha curiosidade no ensino das artes visuais, senti um desejo de cultivar um ensino que nos preencha por dentro, ou seja que as práticas pedagógicas correspondam às nossas teorias científicas, como também nos preencha por fora, de forma a conseguir verificar a utilidade do ensino e formação para o emprego. A questão da operacionalização e da utilidade do ensino das Artes Visuais como docente é uma dialética que na minha opinião está em constante transformação.

Nunca se falou tanto de empreendedorismo como agora, seguindo essa corrente, será que os docentes em ensino das Artes Visuais têm preparação e predisposição para a consciencialização de um ensino fortemente voltado para o empreendedorismo?

No momento em que vivemos virado para um ensino fortemente voltado para as metas de sucesso e operacionalidade, urge a necessidade do estudo empírico capaz de verificar se os docentes das disciplinas de ensino das Artes Visuais fomentam práticas de ensino consciencializado para o empreendedorismo. Daí a questão de partida:

- Será que temos um ensino Empreendedor no ensino das Artes Visuais?

A fundamentação teórica apresentada no capítulo 1 alertou-me para a existência de vários indicadores de uma educação voltada fortemente para o empreendedorismo, da sua relação com o meio educativo e comunitário.

Estou de acordo com o conceito de empregabilidade, citado por Lima (2010) como também Pierre Bourdieu citado por Lima,(2010, p.44) descrevendo que o ensino e a empregabilidade andam ao critério de cada um, ou seja cada indivíduo traça o seu caminho entre a educação e o emprego. É comum verificar e sentir no terreno que ainda existe alguma inércia no que diz respeito à articulação do ensino e o que se necessita aprender na realidade, e o que se deve e deverá ensinar e aprender.

Será também importante referir a motivação que poderá proporcionar aos alunos um ensino que vá para além dos seus objetivos essenciais que seja capaz de pôr “cá para fora” os trabalhos desenvolvidos, tornando todo o esforço de ambas as partes útil e artisticamente viável.

Um dos fatores que diz respeito ao sucesso da educação para o empreendedorismo, é da responsabilidade dos docentes permitindo a contextualização e orientação de todo o processo empreendedor e potenciação das competências-chave dos alunos de forma a implementar um **“Pensar Global”** e o **“Agir no Particular”** definindo uma estratégia de integração da educação para o empreendedorismo. Ou seja, começar com experiências concretas e delimitadas, como um bom ponto de partida e as atividades pedagógicas terem por base algumas questões, tais como:

- Quais as experiências de aprendizagem que podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?
- Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?
- De que forma as ações/atividades proporcionam o desenvolvimento de conhecimento das áreas curriculares disciplinares?

Aceitamos o conceito apresentado pela Associação Aprender a Empreender – *Junior Achievement* Portugal, **“aprender-fazendo”** que fala na aquisição de competências empreendedoras pelos estudantes através do desenvolvimento de dinâmicas de grupo, do cultivo de áreas de competências como a criatividade, o trabalho em equipa, a liderança e autonomia, a comunicação e autoconfiança.

A construção de um currículo em Artes tem sido determinante, realçando a contribuição de *Eisner* para a construção do currículo em Artes. No capítulo 2 consideramo-lo impulsionador de um ensino das Artes Visuais capaz de promover, identificar, organizar e avaliar as experiências educativas, conceito fortemente inspirador para as práticas de ensino das Artes Visuais e do Empreendedorismo.

3.2. Objetivos da Investigação

Urge cada vez mais incentivar o espírito empreendedor dentro de um ensino fortemente voltado para as metas de sucesso, competitividade e de flexibilidade curricular. É importante entender essas práticas empreendedoras no ensino das Artes Visuais e encontrar a origem da força dos docentes na sua implementação.

O estudo centra-se no estudo de práticas de ensino em Artes Visuais, nomeadamente no ensino secundário, assim como na análise de práticas pedagógicas e curriculares implementadas pelos professores no sentido de promover o empreendedorismo.

Por forma a podermos responder ao problema identificado, formulamos o seguinte objetivo geral:

- Verificar se o ensino que ministramos no Ensino Secundário nas Artes Visuais cultiva e fomenta o espírito empreendedor nos nossos alunos.

Definimos como objetivos específicos os seguintes:

- Verificar qual o conceito de ensino empreendedor por parte dos professores;
- Analisar a perceção dos professores relativamente à implantação de práticas empreendedoras no ensino das artes visuais;
- Identificar práticas de ensino empreendedor;
- Identificar projetos de alunos com espírito empreendedor;
- Reconhecer os métodos na planificação, operacionalização e avaliação das práticas pedagógicas empreendedoras.

Capítulo III – Aspetos Metodológicos do Estudo

4.1 Tipo de Estudo

A metodologia é mais direcionada para a compreensão e interpretação dos dados do que na sua medição rigorosa e controlada, indicativa de uma abordagem de carácter exploratório e descritivo que nos permite analisar o comportamento humano do ponto de vista do investigador. A utilização de uma metodologia deste tipo, segundo *Reichardt e Cook* (1979), atua no interesse em compreender a conduta humana a partir dos próprios pontos de vista daquele que é entrevistado. Daí privilegiarmos uma análise mais qualitativa.

4.2 População/Sujeitos

A população que escolhemos para o nosso estudo é constituída por professores de Artes Visuais. No nosso caso tais professores lecionam no Ensino Secundário, no ano letivo de 2013/2014. Os sujeitos escolhidos foram oito Professores de alunos do ensino secundário de disciplinas dos cursos de Artes Visuais e/ou Professores coordenadores do grupo de duas escolas. Dos oito professores entrevistados, cinco lecionam na escola A e três na escola B, sendo sete do sexo feminino e um do sexo masculino.

O objetivo da investigação é compreender as conceções que os professores têm do empreendedorismo, verificar as práticas curriculares que levam a uma consciencialização para o empreendedorismo nas Artes Visuais. Será pertinente descrever o meio e a relação com as comunidades onde os docentes estão inseridos, considerando sempre os fatores externos e relacionais com os seus pares e comunidades pertinentes para este mesmo estudo. Nesse sentido será feita uma descrição dos professores entrevistados: formação de base; formação complementar; género; idade; situação profissional; tempo de serviço docente; continuidade pedagógica; funções desempenhadas; relacionamento interpessoal com a comunidade escolar e não escolar, como também uma descrição socioeconómica e urbanística dos locais onde lecionam.

4.3 Instrumento

Esta investigação de natureza descritiva e interpretativa vai recorrer a um instrumento: a entrevista. Com a entrevista, entendida como uma comunicação entre dois interlocutores, pretendemos recolher junto dos docentes informações pertinentes que respondam aos objetivos da pesquisa.

Tais entrevistas serão semiestruturadas orientadas por uma matriz/guião elaborada previamente tendo em conta os objetivos da pesquisa e como referência o quadro teórico que fundamenta a pesquisa.

A elaboração de uma matriz/guião teve com base a seleção de indicadores divididos em três variáveis:

- Conceito de empreendedorismo;
- Indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais;
- Exemplos e resultados.

A entrevista permitirá a recolha de dados pessoais e profissionais dos professores, como também dados sobre conceções, práticas e experiências pedagógicas de carácter empreendedor.

4.4 Procedimentos

Contactamos as Direções das duas escolas e após as devidas autorizações falamos com os docentes que ministram o ensino de Artes Visuais nas respetivas escolas. Comunicamos os objetivos do estudo e solicitamos autorização para estarmos nas aulas para efetuarmos algumas observações. Foram então selecionados os sujeitos para as entrevistas e que correspondem a todos docentes que lecionam nas duas escolas, em disciplinas no curso de Artes Visuais no ensino secundário. Os entrevistados foram informados do objetivo do estudo, como também da garantia quanto ao anonimato das fontes. Realizamos as entrevistas individualmente, agendadas previamente e decorreram em ambiente escolar. Os discursos foram registados em áudio, por questões de operacionalidade no tratamento dos dados, com o

consentimento de cada um dos entrevistados. Após realização das entrevistas procedeu-se à sua transcrição integral (em anexo) sendo estas transcrições, posteriormente submetidas a uma profunda análise de conteúdo.

Parte III – Apresentação e Análise dos Resultados

Capítulo IV – Apresentação dos Resultados

Apresentamos neste capítulo os resultados, estando subdivididos em quatro temas: relação do docente com a escola e a comunidade; conceito de empreendedorismo; indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais; exemplos e resultados.

Os resultados estão representados pelas transcrições das citações de testemunhos dos entrevistados que consideramos complementares para este estudo.

As citações de testemunhos dos entrevistados estão identificadas por duas letras maiúsculas e o número da questão realizada na entrevista.

5.1 Relação do docente com a escola e a comunidade

Os docentes descreveram o seu percurso como sendo professores com mais de 18 anos de serviço. Todos exercem funções no ensino secundário lecionando no curso de Artes Visuais nos anos letivos, 10º, 11º e 12º.

Apenas três professores continuam na mesma escola desde o início da sua atividade, dos restantes já passaram por algumas escolas, estando quase sempre no mesmo grupo disciplinar das Artes Visuais, inseridos nas adaptações curriculares do ME.

A nível da sua vocação inicial para o ensino há quatro docentes que sempre exerceram a profissão de professor, e os restantes, no início da sua atividade como professores, articulavam o ensino com o exercício da sua habilitação própria de Arquitetura e Design.

De acordo com os mesmos, o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão, que tem tido um bom relacionamento, apenas um docente afirmou que a sua relação tem sido excelente. No entanto dois dos inquiridos apesar do seu bom relacionamento, já tiveram alguns problemas com colegas, mas nada de grave, segundo o seu parecer.

Das atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolvam ou que tenham desenvolvido, apenas três professores admitiram que não desenvolvem ou que tenham desenvolvido qualquer atividade desse género pelo que se tem dedicado exclusivamente à escola. Um docente tem a intenção de abrir um negócio

próprio ligado às Artes e outro já tentou desenvolver alguns projetos, mas acaba sempre por desistir.

Os restantes professores todos exercem atividades de natureza vária, relacionando-se bem com a comunidade e, por vezes, articulam alguns projetos com os alunos, sempre que for oportuno para ambas as partes. Dos projetos identificados há projetos com a Paroquia e a Universidade Sénior local. Há dois docentes que desenvolvem em regime de atividade liberal na área de Desenho, Pintura, Artes Plásticas e Arquitetura. Um professor é gestor de uma empresa que herdou.

5.2 Conceito de empreendedorismo no ensino das Artes Visuais

No que concerne ao perfil e conceito de empreendedor e empreendedorismo, na questão colocada sobre o que é para o docente um Líder / empreendedor, os entrevistados explanaram opiniões de que um líder empreendedor deverá ter iniciativa, criatividade e capacidade de liderança, como também ter a capacidade de cativar e motivar a equipa com quem trabalha. Terá que ter gosto para arriscar e ser uma pessoa com ideias novas.

Um dos docentes considera que um líder empreendedor é quem consegue realizar um projeto e levá-lo até ao fim, seja qual for o tipo de projeto, desde que seja concretizado.

Relativamente à consciencialização dos alunos para as práticas empreendedoras os docentes sentem na sua maioria que os alunos não estão sensibilizados para essas questões, sendo que um dos professor afirmou, como justificação, que talvez seja por não desenvolverem essa consciencialização. *“Se calhar não muito, mas aqui também não puxamos muito por essa parte, não os traumatizamos (...)”* (AS5)

Referem também que os alunos mais novos não tem essa consciencialização, indicando que só no ensino secundário nomeadamente no 12º ano é que sentem que os alunos começam a ter essa preocupação. *“(...) os mais pequenos não, 10º e 11º ainda não, mais os do 12º, quando começam a ter a necessidade de perceber o que é que vão fazer daqui para fora.”* (MA5)

Há também outro indicador que se refere à maturidade dos alunos para estas questões, referido por vários professores. Dizem que os alunos estão cada vez mais imaturos. *“(...)”*

penso que é uma situação que tem que ver com a imaturidade, acho que 15 anos... é preciso uma determinada idade para eu achar que um aluno, estamos a referir a um aluno, não é, ser empreendedor. Talvez poderia ser aos 21, 22, estou já a esticar, hoje em dia terá que ser para aí aos 25 e 26, tem que ter uma certa maturidade.” (GJ5)

Referiram também que os alunos no que se refere à responsabilização para o trabalho e a sua consciencialização para a realidade fora da escola, elas são ainda reduzidas. (...) *a palavra trabalho faz sempre assim um bocadinho, amedronta-os muito, mas eles tem consciência que é importante, e que as coisas estão difíceis e quanto mais criativos e empreendedores eles forem se calhar mais sucesso terão, e daí ser mesmo necessário que o sejam, mas o trabalho e a disciplina, ainda estão naquela faixa etária que ainda é difícil.” (DD5); “ (...) embora uma pessoa lhes tente dar um exemplo para verem o que é que deste trabalho pode servir para aplicar no futuro, muitos não tem a noção da vida fora da escola.” (MM5)*

Na sua maioria os professores consideram que existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo), havendo algumas exceções. *“Na generalidade são, mas há sempre exceções, mas são muito poucas.” (FF6)*

Afirmando que o próprio sistema é que fomentou o facilitismo nos alunos *“(...) o sistema o fomenta isso, ao longo desses anos fomentou, é uma escola que é para toda a gente conseguir fazer e portanto teve-se que se facilitar de tal maneira, que eles se acomodaram muito a essa situação (...)” (DD6);* como também a atual conjuntura...

(...) mas isso tem tudo a ver com uma conjuntura. Habituaamo-nos a nivelar por baixo.” (MA6)

O falicismo está inserido nas sociedades reflexo dessas mesmas sociedades que é transportado para o ensino. *“ (...) o facilitismo começa logo no 2º ciclo, mas não é só no ensino, é mesmo na política, na economia, faz parte da sociedade, faz parte de ser atual (...)” (GJ6).*

No que diz respeito à questão de ser empreendedor ser uma condição inata, ou adquirida (que se educa), na sua maioria consideram que é uma condição inata e adquirida (que se educa), apontando também para a responsabilidade e o papel que a família poderá ter. *“ (...) mas também se pode aprender e a família pode passar um pouco esse espirito.(...) ” (FF7).* No entanto referem que também tem a ver com a personalidade e capacidade da pessoa

“ (...) a pessoa já deve ter assim uma certa apetência e capacidade, mas também ao longo da vida há fatores que o levam a desenvolver essas capacidades.” (DD7). Apenas dois docentes consideram que ser empreendedor é uma condição que essencialmente se educa.

Ao querer saber se se sentem preparados para implementar projetos curriculares de empreendedorismo no ensino das Artes Visuais, os docentes consideram que sim, estão preparados, no entanto podem não resistir até ao fim. *“Sim, preparados sim, resistentes é que podem não haver”.* (FF8)

Noutra perspetiva, um dos docentes referiu que dependerá da relação que o professor tem com o que se faz lá fora, e as experiências que o docente poderá trazer para a sala de aula. *“ (...) eu acho que depende dos professores, não é, de estarem eles próprios envolvidos, de terem sempre alguma coisa ligada e paralela ao ensino, se calhar é mais fácil também, pronto. Agora quando não se tem, ou seja é dar aulas e depois ver os trabalhos, eu não sei, isto não é uma crítica, mas se eu tiver qualquer coisa paralela ao ensino relacionada com Artes, mais facilmente leva a essa ligação, acaba por naturalmente motivar os alunos para esse tipo de situações.”* (IC8)

Noutra opinião, um dos docentes considera que não é o corpo docente que deverá estar preparado para implementar projetos desde âmbito, apesar de sentirem a necessidade não é o docente que tem que levar os alunos a serem empreendedores. *“ (...) Ou seja não é o professor que tem que levar o aluno a ser empreendedor é o professor poder educar para o aluno ser empreendedor. Mas, não é o professor tem que o levar a ser.”* (MB8)

É também importante referir a preocupação por parte de um entrevistado, sobre os cortes por opções políticas nas disciplinas ligadas às Artes Visuais que ocorreram nos últimos anos, delimitando assim o campo de ação e espaço na implementação de novos projetos. *“ (...) basta contar o número de horas que o aluno tinha ligado às Artes Visuais ou o Departamento das Artes Visuais e também Tecnológica, tudo o que é manualidades e prática criativa, se compararmos o numero de horas que um aluno tinha por semana e as que hoje um aluno tem. É menos cerca de 50%, cada vez há menos sensibilidade para as Artes Visuais. Mesmo no 3º ciclo, antigamente um aluno teria 3 tempos para a Educação Visual e ainda tinham Educação Tecnológica. Agora acabaram com a opção, ou seja havia na altura 3 de Visual e 2 Tecnológicas. No 3º ciclo cortaram muito, as ordens foram económicas, tudo bem, mas, na verdade é que cortaram.”* (GJ8)

Relativamente à questão sobre o que é um bom projeto curricular empreendedor, a maioria dos entrevistados considerou essa questão com uma resposta difícil. *“Difícil, isso tem muito que se lhe diga, deixa-me cá pensar (...) vou deixar a resposta para ultimo (...)”* (AS9).

Muitos dos docentes deixaram para última resposta, havendo um docente que não emitiu qualquer opinião. *“Não sei.”* (MB9)

Das opiniões dadas, a maioria foram direcionadas para que esse bom projeto curricular empreendedor seja uma mais-valia para o aluno e para o seu futuro. *“É um projeto a pensar nas perspetivas de futuro”* (MA9); Com viabilidade de concretização e realista. *“(...)Algo que os alunos possam tirar partido, logo que seja uma mais-valia para o futuro para os alunos. Já temos participado em concursos e coisas do género. Um projeto que tenha pernas para andar que dê para ser realizado, eu não sou muito fã daqueles projetos muito sonhadores, que se põe tudo no papel, o papel aguenta tudo, mas depois aquilo não dá para nada. É tudo muito bonito, mas para mim um bom projeto é algo que dê para ser realizado.”* (AS9)

Também no seguimento do mesmo conceito, terá que haver indicadores de motivação que no entender de um docente entrevistado partirão da comunidade escolar e do corpo docente em implementar as ideias passíveis de concretizar. *“Acho que é assim, para já lá está a questão da motivação, dos alunos, porque há muitas boas ideias que depois se não conseguimos concretiza-las é porque não são muito boas, tem que haver meios e outro conjunto de fatores para que elas possam ser bem-sucedidas isso é ser um bom projeto. Agora tem a ver com a comunidade escolar, tem a ver cá dentro com o corpo docente, isso pode ser fruto de várias ideias, mas tem que ser passíveis de serem concretizadas, se não, não são boas.”* (DD9)

Para um dos docentes um bom projeto curricular terá que ter em conta as competências do grupo disciplinar e a disciplina, como também visar a preparação a longo prazo dos alunos, dando-lhes as ferramentas certas que consigam a implementação de projetos fora da escola. *“Tenham em conta as competências do grupo ou da disciplina, mas também visem a longo prazo, que preparem as turmas ou os alunos. É coisa que podem até implementar até fora da Escola. Dar-lhe as ferramentas aos miúdos.”* (FF9)

De acordo com uma outra proposta apresentada por um docente entrevistado, um bom projeto curricular empreendedor terá que ser um projeto motivador concretizável a nível das Artes Visuais, e inserido no projeto curricular e sem fracassos. Caso contrário haverá desmotivação por todas as partes, alunos e professores (...) *qualquer coisa que possa adaptar a uma projeto curricular. Sei lá um projeto que seja exequível, em termos das artes, quer dizer, será mais fácil de se concretizar do que noutras disciplinas, não é. Tem que ser exequível e os miúdos apercebem-se e depois também desmotivam, se não for, e se for uma coisa que se possa ser exequível agarram-se, é completamente diferente.*” (IC9)

Abranger a estética, a economia e o marketing, é a proposta sugerida por outro docente entrevistado, para que haja um bom projeto curricular empreendedor. “ (...) *que agrade a toda a gente, (sorriso) acho que ter tudo, um bom projeto que tem de estar na parte estética, na parte económica, não sei se é isso, na parte comercial, ou seja um bom projeto tem que ter todas as qualidades positivas para agradar, não encontro palavras para poder descrever.(...)*” (MM9)

No mesmo sentido, dois dos docentes foram até mais para além da sua opinião dando exemplos de boas ideias de negócios atuais de empreendedorismo “(...) *não sei se tu já ouviste falar de dois irmãos que tiram o curso de, um era de engenharia química e ela adora culinária e adora pintura e lançaram compotas dentro de bisnagas. Acho isso lindo, a única coisa que peca é o custo. Para mim este projeto é empreendedor.*” (MM9)

Como também exemplo de um bom projeto curricular a nível do empreendedorismo local envolvendo a comunidade escolar com a comunidade local.”(...) *vou pensar numa situação aqui para Alcobaça, para eles interessava fazer sobre o ambiente aqui, não é. Há..., Teria um estudo sobre o local, rapidamente vou criar aqui uma situação. O que é que nós temos aqui de muito importante, portanto aqui em Alcobaça, a Maçã por exemplo, o que era bom, bom para Alcobaça em termos de mercado que haja sempre uma saída e uma publicidade em relação à Maçã de Alcobaça que já é grande. Eu estou a pegar na maçã, mas era o que eu faria e poderia fazer com os alunos. Um outro produto, como os doces conventuais, agora estou-me a lembrar na feira. Mas o que eu poderia fazer que era positivo para a região e que estava a ter uma iniciativa para a região, era os alunos fazerem um trabalho sobre a maçã de alcobaça, o que poderia acontecer o que teria um grande impacto. Há muita coisa, cada um até poderia fazer, uma técnica qualquer, estou-me a lembrar numa técnica a óleo onde eles pudessem pintar um pormenor de uma maçã, ou a vivencia de uma*

maça, de que ela está em flor até ficar assim toda comida, até poderia misturar e fazer a história da maçã, fazer um hiper-realismo ou trabalhar ou até filmar. Pensaria numa situação que Alcobaça tem, o que chamaria a atenção, temos a parte da maçã, a parte do turismo, as Termas, temos o Mosteiro, temos os doces, mas agarrava uma coisa que desse benefício e isso para mim é que é empreendedorismo. E depois ter a preocupação de divulgar esses trabalhos a nível nacional, isto porque se fosse a nível regional tem a maçã ao lado. Ou fazer esta mostra e esperar para uma determinada altura quando viesse cá a televisão aos Doces Conventuais e para eles filmarem a escola.” (GJ9)

No que respeita ao acesso a formações sobre empreendedorismo em Artes Visuais, os entrevistados, na sua maioria, responderam que nunca receberam formação nesta área. Apenas um dos entrevistados referiu que sim, não como uma formação específica, mas ao longo da vida, formação que se vai adquirindo. “ (...) *É uma coisa que se vai adquirindo, sim, sim, se foi em algum sitio e ou formação, não. Mas tenho consciência que a vida dá-nos essa formação, depende de cada um. Para mim na vida também dá essa vontade de ser empreendedor.*” (GJ10)

No que se refere à consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais, todos os entrevistados consideraram que é importante, no entanto há que referir que um dos docentes alertou para que essa consciencialização devesse ser natural e não imposta. “ *Eu acho que sim, mas de uma forma natural, não como uma coisa a parte que se tenha de ensinar e impingir, sim.*” (IC11)

Um outro aspeto também salientado por um outro professor na resposta a esta questão, diz respeito à importância que terá nos alunos essa consciencialização já que poderá despertá-los para todas outras questões que passem pela criatividade e o desenvolvimento da autonomia. “ (...) *tudo o que implica com criatividade para resolver um projeto tem algo de empreendedor de invenção de autonomia.*” (DD11)

5.3 Indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais

Neste ponto, vamos ao encontro de indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais aplicando o empreendedorismo como prática de desenvolvimento curricular, no que se refere à motivação por parte dos alunos, quando há um trabalho em que se envolvem com a

comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artístico, concurso de ideias, os docentes verificam que os alunos ficam mais motivados para a realização de projetos. “*Nós aqui trabalhamos sempre muito à base de projeto, mas sempre que há hipótese de trabalhar um projeto em concreto é muito mais aliciante*”. (AS12)

No entanto um dos docentes aponta que o papel do professor é determinante para a motivação dos alunos (...) *Para mim é muito importante o papel do professor. Dois professores em relação ao mesmo concurso, um pode motivar os alunos e o outro pode não conseguir.* (...). (GJ12)

Relativamente à opinião de um outro docente entrevistado, ele considera que no passado havia mais espaço para realizar este tipo de projetos e que os alunos demonstravam mais vontade e entusiasmo do que agora. “ (...) *Fazíamos concursos de ideias, intervíamos. Há 10, 15 anos, havia espaço e uma vontade dos alunos, havia entusiasmo dos alunos, hoje não. Ficar na escola fazer as coisas para a escola, não é muito entusiasmante.*” (MB12)

Por outro lado um dos entrevistados acha que a motivação por parte dos alunos aos longo dos anos que leciona foi sempre igual, havendo sempre alunos mais motivados do que outros. “*Acho que é há a mesma motivação, como há 10 ou 20 anos atrás, há sempre uns alunos que são mais motivados que outros* (...)” (MA12)

No que concerne ao nível do conselho executivo e pedagógico da escola em sensibilizar e em orientar os alunos para o empreendedorismo, todos os docentes por unanimidade consideram que sim, sentem que o conselho executivo e pedagógico tem tido essa política. “ (...) *não sei se é para o empreendedorismo, mas pelo menos para eles fazerem alguma coisa, pelo menos facilita-nos isso a nós, para incutir a eles.*” (IC13)

Sobre a prática pedagógica dos docentes em recorrer e em aplicar modelos de ensino de carácter empreendedor, alguns professores admitiram já ter recorrido no passado a esses modelos, em outras disciplinas já extintas. “ (...) *há uns anos atrás havia uma disciplina chamada área de projeto, e na área de projeto fazíamos projetos muito interessantes, aí nessa área, aí dava para desenvolver*”. (AS14)

Há, no entanto, professores que nunca recorreram a esses modelos ou se recorreram foi inconscientemente. “*Sim inconscientemente, mas se calhar não*”. (MA14)

Relativamente à questão, se conhecem algum modelo onde se possa aplicar práticas empreendedoras, quase todos os docentes admitiram que não conhecem nenhum modelo, sendo que um docente teve o conhecimento recentemente de um projeto nesse âmbito junto das escolas. “*Eu sei que a Fundação EDP tem agora um projeto, que eu penso tem a ver com o empreendedorismo que foi focado sobre alguns exemplos de pessoas do mundo que tiveram essa ação, que eles lhe chamam empreendedor cultural. Eles deram alguns exemplos, estou-me agora a lembrar a situação daquele indiano do Microcrédito. É há muitas situações dessas pelo mundo fora, existe um vídeo da Fundação EDP sobre isso.*” (GJ15)

No que se refere ao conhecimento do Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME, todos os professores afirmaram que não conhecem e que nunca tiveram conhecimento, apenas um docente apesar de não conhecer, sabe que existe. “*Não. Mas sei que existe*”. (GJ16)

Saber se o meio cultural, social e empresarial em que está inserido influencia o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos, nesta questão os docentes deram respostas diferentes. Quatro docentes consideram que sim, o meio em que estão inseridos, tem influência no desenvolvimento de projetos empreendedores na escola. Apesar de um dos entrevistados não sentir isso no meio onde atualmente leciona, mas concorda que o meio tem influência. “*Aqui não, aqui não sinto isso. Acho que o meio tem influência. (...)*”(FF17)

Por outro lado há dois docentes que consideram o contrário, a escola é que tenta influenciar o meio. “*Nós é que tentamos influenciar o meio, nós aqui é que tentamos fazer os projetos e chamar as pessoas, chamar a presidente da junta, para ver o que poderia cá fazer. Nessa área de projeto era precisamente o contrário. Eles eram chamados para a escola para ver o que é que podiam fazer na terra. Os alunos é que lhes mostravam isso.*” (AS17)

No entanto um dos docentes refere que já houve mais essa influência, por parte das empresas e do meio cultural e social em que a escola está inserida, e que agora não tem tido essa influência. “*(...) já houve mais, há alguns anos atrás havia muito mais essa dinâmica. Agora como falta dinheiro e não sei o que, cada um está por si. Eu lembro-me de há uns anos atrás havia isso, eu conseguia muitas coisas assim com os alunos e as empresas já nos contactavam, solicitavam e agora não (...)*” (IS17)

Por último um dos entrevistados considera que não é o meio que influencia o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos. “ (...) *acho que não é o meio.*” (MB17)

De acordo com a informação e o papel que as instituições, Ministério da Educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido junto das escolas para estas questões, a maioria das respostas apontam que a informação não chega, e que a informação não tem passado. “*Se informam não informam muito bem, a informação não passa, penso eu que não passa*” (MB18). Como também uma das repostas reporta para o passado onde se verificava que havia mais informação. “Agora não, já aconteceu, agora já não acontece.” (IC18)

Dois dos docentes ainda referem que a informação que passa, está mais relacionada com os cursos profissionais “(...) *dever ser mais com os cursos profissionais.*” (MM18)

Apenas um dos entrevistados afirmou que tem chegado informação para estas questões. “ (...) *tem chegado e estou a falar em nome da escola, sim tem chegado(...)*” (GJ18)

No que diz respeito à possibilidade de no Ensino das Artes Visuais se implementar em projetos de carácter empreendedor, todos os docentes afirmaram que sim, é possível. A resposta é reforçada por um entrevistado que argumenta, o grupo de Artes Visuais é um grupo versátil que tem potencialidades para essa viabilidade. “*É possível, se há grupo onde isso se encaixa é um deles.*” (FF19)

Dentro das opiniões sobre se os docentes consideram que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática, a maioria respondeu que deverá ser integrada, funcionando até como atividade, teórica e prática. “*Uma atividade, com as duas coisas, teórica e prática.*” (MM20)

Uma das afirmações alertadas por um dos entrevistados, sugeriu que essa pratica ou atividade deveria ser de carater não obrigatória para a sua operacionalidade. “*Essas coisas quando são obrigatórias não, eu acho que pode haver uma parte qualquer, na unidade curricular.*” (IC20)

No entanto um docente considera que deverá ser as duas coisas, deverá ser uma disciplina curricular, e deverá ser integrada nas unidades curriculares. “*As duas coisas, posso*

dizer as duas coisas? Pode ser uma disciplina, dentro dos tempos que correm com as crises pode ser uma nova disciplina, a insensibilidade é tanta neste momento a nível ambiental e económico. Estou a falar a nível mundial, não estou a falar no ensino. Nas Artes Visuais é mais fácil ser incluído, mas pode ser as duas coisas.” (GJ20)

No sentido oposto, um entrevistado considera que não deve ser disciplina, nem prática ou atividade integrada. *“Nem uma coisa, nem a outra. Quer dizer o empreendedorismo tem que ser uma coisa que uma pessoa sinta, a pessoa tem que ter vontade. Uma disciplina é ridículo, é que me parece não é uma coisa que se aprende, é uma coisa que se adquire, mas não é uma coisa que se aprende. (...) (MB20)*

Aponta razões da sua experiência profissional como docente, a excessiva carga horária dos alunos e a consequente falta de tempo livre para a realização destas e outras atividades. Reportando para o passado diz que verificava que os alunos estavam mais disponíveis para este tipo de projetos, colaborando sempre, tinham satisfação e vontade. Hoje verifica que os alunos andam cansados e com outras opções ocupacionais extraescola limitando-os no seu desenvolvimento. *“(...) há uma coisa que podia fomentar mais o empreendedorismo que era uma carga letiva inferior àquela que existe, menos horas de aulas, mais tempo livre permite desenvolver mais projetos, permite desenvolver outras coisas. Aqui há anos atrás não havia tanta carga letiva, os alunos estavam mais disponíveis para qualquer projeto que uma pessoa propusesse, estava disponível, hoje não, estão cansados, tem outras coisas para fazer. Não tem assim tanto tempo livre, tem que estudar, não sei, só sei que as coisas estão cada vez mais limitadas. Quanto mais o espaço deles na escola está ocupado pior é para tudo para o desenvolvimento deles ao nível motor, social, não fazem desporto.” (MB20)*

Os docentes na sua maioria quando realizam uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensam em adaptar e implementar um projeto empreendedor, sempre que for possível *“Eu articulo sempre outras coisas e coisas que os alunos queiram fazer ou coisas para a comunidade, para a escola, por exemplo, mas agora, não é que me venha, ou que não esteja planificada, deixo sempre um espaço para isso.” (IC21)*

Como também, um dos docentes refere que quando por vezes pensa aplicar um projeto desse âmbito pensa também na importância da motivação dos alunos como também para os próprios docentes, motiva-os mais. *“Sim por vezes penso, penso em alguma situação que eu*

possa aplicar em termos práticos, alguma coisa que os possa ter sempre outra motivação para os alunos em que aquilo que estão a fazer é para qualquer coisa. Mesmo é motivação para nós também. “ (GJ21)

Dentro da mesma linha de pensamento, um dos entrevistados reforça que todos os trabalhos que realizam tem um destino nomeadamente para exposições na escola. (...) *no entanto os nossos trabalhados destinam-se para a semana cultural ou para a exposição, tem que ser dinâmicos, tem que ser aqui na escola.(...)*” (DD21)

Dentro das respostas dadas por parte de dois docentes a não adaptação deve-se ao fato de não lecionarem atualmente disciplinas que não lhes permitem essa articulação, que é o caso da disciplina de Geometria Descritiva. *“Não, quer dizer estou a dar Geometria Descritiva.”* (MB21)

Por último, um dos entrevistados admite que atualmente não tem espaço para essa articulação nas disciplinas que leciona, sendo o principal objetivo preparar os alunos para o exame. *“Não, na nossa disciplina agora não podemos, não temos margem para isso, realmente antigamente com a outra disciplina tínhamos margem para isso, mesmo o nosso objetivo é prepará-los para o exame.”* (AS21)

Como docentes do ensino das Artes Visuais, o seu contributo para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras, na opinião dos entrevistados, passa por estarem atentos a todas as informações relativamente a concursos, e transmitir essa informação aos alunos.

Dois dos docentes ainda reforçam que o seu contributo passa por ter espaço nos programas para a implementação de projetos e concursos. *“ (...) deixo sempre um espaço para isso, porque isso é que motiva mais os alunos nas artes, não é fecharem e quererem exteriorizar as coisas que fazem e tudo isso ajuda, e porque deixa de estar aqui as coisas fechadas no espaço da sala.”* (IC22). Mesmo que não consigam adaptar esse projeto às unidades que lecionam abrem a hipótese para ajudar os alunos fora das atividades curriculares programadas. *“ (...) eu posso, se for possível adapta-lo e incluir. Mas se não, dou como exemplo, vocês tem sempre concurso sobre essa situação, não vamos trabalhar aqui, mas estou disponível para os ajudar. Já me aconteceu.”* (GJ22)

No que se refere à sua opinião sobre como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens, as opiniões divergem. É o caso de estarem atentos ao que acontece fora da escola. “ (...) *Estarem atentos às médias, ao que acontece.*” (AS23) ; ter ligações com a comunidade “*Pode lançar pontes com a comunidade (...)*” (DD23); articular de forma exequível “ (...) *nós podemos desenvolver um determinado trabalho se estiver ligado a um determinado fator exterior e que possa ser exequível (...).*” (IC23). Como também tentar sensibilizar os alunos e leva-los a visitas de estudos demonstrar-lhes experiencias profissionais. “*Levá-los a conhecer, a sair e a ver museus e pessoas que apostaram nesse caminho*” (FF23); “*Há muitas maneiras, informando-os o que está bem, o que é que um percurso de sucesso.*” (MA23)

Apesar de não ser fácil potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens, o grupo disciplinar das Artes Visuais permite essa diversidade de projetos. No entanto a maturidade por parte dos alunos poderá tornar uma tarefa ingrata, reforçando assim a opinião de um dos docentes.” *As Artes Visuais tem a vantagem de uma pessoa trabalhar muito em projetos, não é o fato de trabalhar em muitos projetos permite, qualquer projeto mesmo que não tenha a ver com as Artes Visuais. Há uma metodologia que se segue, e essas metodologias são aplicadas a praticamente tudo, não é. Se eles a conseguirem aplicar, se for possível. Porque não é uma coisa que seja que eles percebam muito bem, é uma coisa que precisa de maturidade e eles tem pouca. Portanto não é fácil, não é muito fácil. (...)* (MB23)

5.4 Exemplos e resultados

No sentido de encontrar exemplos e resultados nas experiências educativas como também a eficácia de organizar essas experiências e avaliação dessas experiências por parte dos docentes no ensino das Artes Visuais, introduzimos o tema de exemplos de práticas e resultados.

Nem todos os entrevistados conseguiram identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos.” *Neste momento não me lembro*” (MM24). Como também um docente referiu que anteriormente realizava esse tipo de experiencias, não no sentido de carácter empreendedor, e que agora admite não ter espaço para implementar esse tipo de práticas. “*Nós fazíamos isso há anos, mas agora já não fazemos, fazíamos com a Língua*

Portuguesa, trabalhos, mas nunca no sentido empreendedor. Não há espaço para isso.”
(FF24)

Dos restantes entrevistados que partilharam essa experiencias descreveram alguns procedimentos, que na sua maioria foram projetos realizados a alguns anos atrás, onde, segundo eles havia mais espaço na escola e em outras disciplinas agora extintas. “ (...) Nós fazíamos todos os anos projetos, já lá vão muitos anos, como eu digo, fomos perdendo as coisas, e os próprios alunos perdem. (...) Nós costumávamos, entravamos em concursos (...)”
(MB24)

Dentro dessas mesmas experiencias destaco aqui alguns exemplos, o projeto de caráter comunitário, envolvendo a junta de freguesia local no âmbito da salvaguarda do património “ (...) um projeto em que fomos buscar umas pedras a uma igreja que foi demolida que tinha um pórtico da Idade Média. Fomos buscar essas pedras, os alunos mediram-nas, cada um ficou com uma pedra, fizeram a maquete das pedras, fizeram um projeto para a terra, onde se faria uma escultura usando essas pedras. Veio cá a presidente da junta e adorou a ideia, até ficou em prática, mas entretanto mudam-se. Mas fizemos vários cada ano se fazia um, sempre muito inovador. “ (AS24)

Uma outra experiencia referida por um docente, na sua participação sistemática em concursos, dando como exemplo, o que realizou com os alunos na participação de um concurso nacional de salvaguarda dos Ofícios Tradicionais. “ (...) entravamos em concursos por exemplo, Artes e Ofícios Tradicionais, construimos um lagar de azeite, que existia aqui na zona. Os miúdos analisaram como é que aquilo funcionava, fizeram uma maquete, analisaram os métodos de construção, o método de produção de azeite, falaram com as pessoas.” (MB24)

Em outros exemplos dados por um dos docentes, desenvolvido na disciplina de Multimédia, que é prática corrente de articulação de trabalhos com outras disciplinas e sempre que possível em por em prática projetos pessoais de alunos, como curtas-metragens, site, e as suas próprias bandas musicais.

“Eu trabalho muito com a disciplina de Multimédia, faço muitos trabalhos interdisciplinares com disciplina de Multimédia, isto porque a minha disciplina é Design Comunicação e Audiovisuais. E portanto há um projeto por exemplo para um site, que poderá ser um projeto para o lançamento de uma banda de música deles próprios, ou algo

que eles queiram lançar. Então na minha disciplina fazem os layout's, homepage, as páginas secundárias, os botões e toda essa parte e depois vão montar a aplicação multimédia ou o site na disciplina de multimédia. Mas depois, temos por exemplo Curtas, Curtas metragens que fazem o storyboard comigo, o guião e às vezes filmagens também. Fazendo a montagem com o professor de Multimédia. Essas curtas-metragens tem sempre temas, podem ser ligados a questões empreendedoras ou não.” (DD24); “Sim no ano passado fizemos ilustração com Português também (...)”(IC24)

Por último, um dos docentes partilhou a experiência que realizou na escola com sucesso no âmbito de uma campanha de sensibilização envolvendo toda a comunidade escolar. *“Houve um ano que tivemos que decorar uma sala de refeições, que tinha a ver com a alimentação, de sensibilizar os alunos para a alimentação.” (GJ24)*

Dentro dos resultados que obtiveram com essas práticas, no que se refere ao projeto com a comunidade envolvendo a junta de freguesia local os resultados foram bons mas sem continuidade. *“Os resultados foram favoráveis, só que entretanto com as mudanças políticas não houve continuidade”.* (AS25)

De acordo com o projeto no âmbito dos Ofícios Tradicionais, os alunos ganharam o 1º prémio. *“Bem, ganhamos o 1º prémio do concurso, mas isso é menos importante. O que é importante é, o que foi mais importante foi eles terem compreendido como é que começaram o projeto e o acabaram, o percurso, saber coisas que não conheciam, adquirir conhecimento que os vai levar com eles.” (MB25)*

Relativamente aos resultados no âmbito da articulação com as disciplina de Multimédia os seus resultados refletem a vontade e a predisposição de aprendizagem por parte dos alunos *“(...) no site que tenho na turma tem gente muito boa e gente muito má, verdadeiramente má (sorriso) Portanto há de tudo, depende do gosto da história. (...) Se a pessoa está com interesse na área e gosta, refaz e faz muito bem, porque de facto consegue fazer coisas muito interessantes”.* (DD25)

Como também refere o professor que realizou a atividade de sensibilização com a comunidade escolar, que os resultados dependerão também da capacidade de conseguir transmitir aos alunos. *“Os resultados dependem daquilo que o professor transmite junto dos alunos, resultados são bons, porque também aproveita-se sempre para sensibilizar os alunos.” (GJ25)*

Um dos docentes reforçou que esses resultados para além do contexto pedagógico e educacional, já possibilitaram a venda de trabalhos realizados pelos alunos, dando assim a conhecer e a valorizar as suas capacidades profissionais, iniciando talvez aqui um processo de empreendedorismo. *“No caso de venda de trabalhos, no ano passado vendemos um quadro através da exposição da Semana das Artes.”* (MM25)

Se os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos, os docentes na sua maioria afirmaram que sim, e que quando essa apresentação se proporciona é sempre bom. *“Sim sempre, isso é que é bom.”* (IC26). Encontraram também na Semana das Artes que realizam anualmente uma forma para que os alunos exponham e apresentem à comunidade escolar e não escolar os seus trabalhos. *“Aqui na semana das Artes, está aberta aos pais e à comunidade”* (FF26). Acabando também por verificar que nessa mesma semana que proporciona essa mostra, tem havido rivalidades entre as turmas dos vários anos e cursos das Artes Visuais. *“ (...) na Semana Cultura que há uma espécie de rivalidades entre os alunos das Artes que também tem entre eles. Apresentados no anfiteatro e auditório.”* (DD26)

Para um docente que para além da apresentação pública dos trabalhos criou um site de divulgação onde coloca os trabalhos realizados pelos alunos, uma forma rápida e económica de acesso a todos. *“Sempre, coloco os trabalhos tanto no site da escola como também no site próprio que criei dentro da escola onde ponho todos os trabalhos que os alunos fazem.”* (GJ26)

Já no que se refere à opinião de um docente que atualmente não realiza essa prática, realizou sim em projetos mais antigos. *“ (...) Em projetos mais antigos sim, (...), há pelo menos 10 a 15 anos atrás”* (MA26)

No que se refere novamente ao projeto de salvaguarda das Artes e Ofícios Tradicionais o docente referiu novamente esse projeto como exemplo, que apesar de ser exposto, os alunos não o apresentaram. *“Quer dizer o trabalho foi exposto em Lisboa, mas não foram eles que o apresentaram.”* (MB26)

De acordo com a questão se os alunos se relacionaram com o meio artístico (Artistas, artesãos, Arquitetos, designer, etc.) a maioria dos entrevistados, afirmaram que sim, e que sempre for possível convidar profissionais de sucesso da área. *“Sim, convidamos para vir à*

escola, na altura convidamos um Escultor, já tinha sido ex-aluno, mas que é famoso e que é muito bom, que tinha alguns conhecimentos assim em escultura” (AS27). Para alguns professores, as feiras do livros, as Semanas temáticas que realizam na escola tem sido no seu entender um porta aberta para esse relacionamento.” Sim, na feira do livro, na semana cultural.” (FF27)

No entanto há um docente que só utiliza as visitas de estudo como uma oportunidade única por parte dos alunos em conhecer práticas e realidades artísticas.” *Não, relacionaram-se só nas visitas de estudo.” (MM27)*

Um outro entrevistado referiu que no passado, acerca de 10 a 15 anos atrás, quando lecionava num curso profissional de Design teve a oportunidade de apresentar com os alunos, trabalhos desenvolvidos por eles a empresas. *”Sim apresentavam os trabalhos a empresas.” (MA27)*

De acordo com a prática desenvolvida no projeto relacionado com as Artes e Ofícios Tradicionais, a relação foi de uma enorme troca de experiências já esquecidas. (...) *eles essencialmente conversaram com as pessoas da zona, não é. O Lagar já não estava em funcionamento e foram ter com as pessoas que sabiam trabalhar aquele ofício.” (MB27)*

No que refere à opinião dos docentes entrevistados na questão sobre como avaliam essas atividades, não no sentido quantitativo, mas sim no âmbito da sua operacionalidade, consideram que estas atividades são muito positivas, excelentes e bastante positivas, *“Excelente, muito bom.” (FF28)*

Indo ao encontro de um entrevistado, este tipo de atividades são as mais potenciadoras do conhecimento, complementar ao ensino do professor. *“São as maiores potenciadoras do conhecimento, para mim. Uma coisa é eu dizer outra coisa é eles fazerem, verem e procurarem”. (MB28)*

No âmbito das atividades que os docentes entrevistados realizaram, no seu entender, qual ou quais acham que podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor? Apesar de alguns entrevistados não se lembrarem e terem a perceção que já realizaram inúmeros projetos, achavam que no momento não lhe surgia nenhuma. *“Epá essa pergunta dos exemplos, e é engraçado que uma pessoa perde a noção do tempo e esquece um pouco aquilo que fez. E é incrível, eu neste momento não me lembro” (GJ29)*

Uma das experiencias referidas com relevância que a docente considera importantes são os projetos de Multimédia que a escola dinamiza como também ligado às Artes Performativas e Dramáticas que é o caso do Grupo de Teatro. Segundo a docente o Teatro envolve uma série de alunos com diferentes perceções e áreas disciplinares, acabando com sucesso e a funcionarem bem, mostrando publicamente as suas peças de teatro. *“As ligadas à multimédia, depois também ligadas ao Teatro, o grupo que não nasceu na escola, era um grupo independente, mas que agora faz parte da escola que mobiliza muitos alunos. E portanto o teatro mexe com muita coisa, Cenários, guarda-roupa, com endereços, os alunos vem de todas as turmas o que implica que eles sejam autónomos. E há também outros que vão para áreas que não querem fazer nada que lhe diz respeito às áreas que estão.”* (DD29)

As visitas de estudo e concursos foram referenciadas por um entrevistado, que na sua opinião são ocasiões onde os alunos tem o contato direto com as obras e a sua devida valorização, enriquecedoras para o seu conhecimento, que por vezes ajuda o aluno a abrir os seus horizontes criativos. *”Acho que as visitas de estudo ajudam bastante, estão em contato direto com obras que já estão habituados a ver no papel, mas quando as veem ficam completamente surpreendidos, imaginam-os de uma forma diferentes. Acho que vem com ideias.”* (MM29)

Reforçando a opinião de outro docente, todas as atividades que influenciam o espirito empreendedor são todas as que são realizadas para fora das aulas. No seu entender são sempre enriquecedoras e motivadoras e tem sido um contributo de realização por parte dos alunos. *“Foram todas essas viradas para fora das aulas, sim essas sim, motiva-os muito e fá-los trabalhar mais e querer fazer coisas.”* (IC29)

Noutra perspetiva no entender de um dos entrevistados a contribuição para um desenvolvimento de um espirito empreendedor, não está na atividade, mas sim na pessoa, tem que nascer com o individuo a vontade e sentir a necessidade pessoal para esse mesmo desenvolvimento. *“Eu acho que um projeto empreendedor só nasce da pessoa, da necessidade da pessoa. Às vezes a dificuldade poderá ser em identificar a necessidade para a pessoa começar, não é, para a pessoa ir para a frente. Mas sem isso eu não digo vais fazer isto. Isso não funciona, não é nada, não é. Portanto a pessoa tem que sentir a necessidade de fazer as coisas, de outra maneira, não.”* (MB29)

Quando interrogados sobre qual a forma a partir da qual essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo. Houve várias respostas apresentadas.

Para Um dos docentes sugere que terá que estar sempre em alerta com os alunos para que estas questões se possam implantar e quanto mais no sentido de um empreendedorismo local e regional melhor, ou por outras palavras, encontrarem necessidades na própria terra. *“Alertar os alunos para as necessidades da terra, é sempre bom alertar nesse sentido (...)”* (AS30)

Uma outra opinião afirma que, para que haja uma maior consciencialização para o empreendedorismo, é necessário passar pela autonomia que as escolas deveriam ter para que possam desenvolver este tipo de atividades e ações. *“Dão-lhe dão autonomia ao nível das escolhas.”* (DD30)

Na continuação da opinião dos docentes sobre a questão anterior as visitas de estudo são as que proporcionam uma maior consciencialização, valorizando dando-lhe o devido valor *“Acho que tornam-se mais, ficam mais ativos, acreditam mais, muitos dizem para que é que temos que fazer isso, para quê serve. E quando vem obras expostas estão a vê-las noutros espaços, depois eles acreditam que tem utilidade e o seu valor.”* (MM30)

Um dos docentes considera que com o atual currículo de ensino das Artes Visuais é impossível proporcionar aos alunos uma maior consciencialização para o empreendedorismo. *“Em Artes não é muito possível, com os atuais currículos.”* (FF30)

Na opinião de outro docente uma das formas de proporcionarmos uma maior consciencialização passará pela nossa própria consciencialização, em acreditarmos mesmo no que estamos a lecionar aos alunos *“(...) se nós acreditamos também naquilo que lecionamos.”* (MA30)

Para que essas ações e atividades possam proporcionar uma maior consciencialização na opinião de um entrevistado deverá ser logo no início, indicando na fase de pesquisa em qualquer atividade e alertar o aluno. *“(...) o que é mais importante é logo no início quando os alunos estão a pesquisar, não é na fase final que não é a fase criativa, é na fase da pesquisa onde eles estão a beber tudo, (...)”* (GJ30)

Relativamente a essa mesma consciencialização, segundo a opinião de um docente, os próprios alunos é que acabam por entender a utilidade dos seus trabalhos de uma forma

natural. “(...)eles acabam por ter consciência do que precisam fazer para o trabalho deles ser uma coisa palpável em termos, quase profissional (...)” (IC30)

Por último, para um dos entrevistados, já num conceito mais abrangente e no que se refere a anteriores atividades realizadas, indo buscar o projeto do Lagar de Azeite, houve um aluno que implementou essa mesma prática, mas noutro projeto pessoal, argumentando no entanto que a necessidade da sua implementação vai da necessidade pessoal e, nesse caso específico, ser um negócio familiar. “Não, penso que não chegou aí, levou a um conhecimento de várias coisas, coisas úteis para o crescimento da pessoa, e do conhecimento da pessoa, não me parece que tenha chegado até à consciencialização. Agora estou-me a lembrar que houve um aluno que levou isso até ao fim, mesmo. Não sei qual é o sucesso da atividade dele neste momento, mas o pai era carpinteiro, e ele criou umas linhas de móveis. Mas eu penso que tinha a ver com a necessidade do pai dele querer modernizar. Mais uma vez tem a ver com a necessidade pessoal. Não é uma coisa que uma pessoa imponha, acho que não é. Eles bem tentam (...)” (MB30). Dentro da mesma opinião a docente refere que hoje os alunos não estão muito interessados com este tipo de atividades. Segundo a docente, é o reflexo do facilitismo dos pais e da sociedade. Apesar dos constantes argumentos da docente a favor destas questões, dando como exemplo que os alunos nas Disciplinas de Multimédia, poderiam realizar sites de divulgação dos seus trabalhos ou iniciar pequenos trabalhos e relacionar-se com o mercado de trabalho, no seu entender os alunos não sentem essa necessidade. (...) “Noutro dia fomos ver um vídeo que tinha a ver com o voluntariado, criar projetos ao nível do voluntariado, e eles não ligaram nenhuma, eles lá quiserem saber alguma coisa, nem perguntam, falam o tempo todo de outras coisas, telemóveis ligados. Eles veem os filmes a conversar, portanto, quer dizer, não é uma necessidade deles, acho tem que ser uma necessidade para a pessoa ter interesse e tentar procurar para conseguir fazer, de outra maneira não. Por exemplo eu dou aulas nos cursos profissionais de multimédia, ninguém no fim do curso faz nada para ele próprio. Nem a porcaria de um site, eu digo-lhes, vocês tem que se dar a conhecer, tem que dizer o que sabem fazer, vocês podem trabalhar em casa, não precisam ter um emprego, vocês podem ter trabalhos, não lhes diz nada, nada. Eu acho que eles cada vez são mais novos, ao nível da maturidade e cada vez mais acomodados à situação que estão em casa. Dão-lhes tudo, eles não precisam de procurar nada, compram tudo feito e os pais dão-lhe o dinheiro para comprar. Eu tenho a minha opinião muito pessoal sobre estas coisas, estas modas novas” (MB30)

Capítulo V – Análise dos Resultados

Indo de acordo com a estrutura apresentada no anterior capítulo, a Análise de Resultados obtidos é sustentada com base no Enquadramento Teórico.

6.1 Relação do docente com a escola e a comunidade

Os docentes entrevistados afirmaram neste estudo terem uma boa relação com a escola e a comunidade. No entanto, apesar de esse bom relacionamento, dois dos docentes referiram que pontualmente já tiveram alguns desentendimentos com colegas. É importante referir que nenhum dos docentes apontou qualquer desentendimento com as direções da escola e conselhos executivos, como também com alunos, pessoal não docente e encarregados de educação.

De acordo com as atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial, apenas três dos entrevistados admitem que neste momento não tem qualquer relação com atividades exteriores à escola. Existe uma dedicação profissional exclusiva à escola. No entanto um dos docentes referiu que já iniciou algumas atividades externas à escola, mas que acaba sempre por desistir. Sendo que um outro docente, apontou que gostaria de implementar um negócio pessoal ligado às Artes Plásticas.

A sua maioria tem ligações em diversas áreas, tais como refere um dos docentes que é empresário por força maior, articulando a sua profissão de docente com a gestão de uma empresa familiar. Dentro das áreas artísticas e liberais há um docente que exerce Arquitetura e um outro Artes Plásticas, desenvolvendo projetos e trabalhos pessoais e profissionais relacionados com o meio artístico e tecido empresarial. Como também, dois docentes desenvolvem atividades de caráter comunitário, nas áreas de Teatro, Universidade Sénior e Paroquia Local.

Todos os entrevistados deste estudo tem mais de dezoito anos de serviço como docentes em ensino das Artes Visuais, apenas três dos docentes se mantêm na mesma escola, desde do início da sua atividade como docentes. Os restantes já passaram por duas ou mais escolas.

Resumidamente todos os professores entrevistados demonstraram uma ótima relação com a escola e comunidade. É de referir que os docentes tem uma ampla experiência educativa e pedagógica, envolvendo-se na sua maioria em atividades extraescolares.

6.2 Conceito de empreendedorismo no ensino das Artes Visuais

Por parte dos entrevistados no que diz respeito a alguns conceitos e opiniões sobre o empreendedorismo no ensino das Artes Visuais, nomeadamente no que se refere a um perfil de um líder empreendedor, houve alguma unanimidade nas respostas.

Para os docentes um líder empreendedor é um criativo que faz a diferença e tem a capacidade de incentivar e motivar os outros em concretizar algo. Indo de acordo com algumas características apresentadas no capítulo um deste estudo, o empreendedor identifica-se como, criativo, inovador, assume riscos calculados, capacidade de trabalho e de liderança, perspetiva o futuro e lança estratégias, deteta oportunidades, decide com dinamismo, cria valor acrescentado e desenvolve competências.

Já no que diz respeito à opinião de como ser empreendedor, a maioria considera que é uma condição inata e adquirida (que se educa).

No entanto dois docentes consideram que ser empreendedor é uma condição essencialmente que se educa. É de salientar a opinião de um docente que para além do papel que a escola e ou o docente poderá ter nestas questões, há também uma responsabilidade familiar do aluno que poderá contribuir para uma educação para o empreendedorismo.

No ensino, nomeadamente no que se refere às Artes Visuais, a nível da educação para o empreendedorismo, o corpo docente considera que se sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismo.

No entanto é importante referir uma opinião de um docente que sente que o corpo docente está preparado, mas não sabe se existem resistentes que consigam concretizar e implementar projetos até ao fim. Como também uma outra opinião por parte de um docente que considera, que não deverá ser o professor a estar preparado para a implementação deste tipo de projetos.

Sente-se por parte dos docentes uma preocupação sobre os cortes por parte das atuais opções políticas no que se diz respeito à Educação nas disciplinas ligadas às Artes Visuais que

ocorreram nos últimos anos, delimitando assim o campo de ação e espaço na implementação de novos projetos.

Todos parecem afirmar que nunca tiveram formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em Artes Visuais. Apenas um dos docentes considerar que a formação nesta área foi adquirida ao longo da vida.

Todos consideram importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais, mesmo assim sentem que os alunos não estão conscientes das práticas empreendedoras. Como também na opinião dos docentes os alunos andam desligados das oportunidades e cada vez mais habituados ao facilitismo, salvo raras exceções. Segundo os docentes este fato é o reflexo das sociedades e que se espelha no sistema educativo com modelos e práticas facilitadoras.

De acordo com o estudo a educação terá um papel fundamental para o empreendedorismo, partindo do pressuposto de que o Empreendedorismo e as suas competências a ele inerentes não são exclusivamente intrínsecos ao ser humano, mas que podem ser apreendidas.

Relativamente à opinião dos docentes no que concerne a um bom projeto curricular empreendedor as respostas dadas são consensuais, terá que ser concretizável e realista envolvendo a comunidade escolar. Não deverá fracassar nem demonstrar aos alunos fraquezas de implementação. Deverá ser um elo de ligação e motivação para todos, alunos e docentes.

Destacando algumas opiniões afirmam que o projeto curricular empreendedor deverá ter em conta as necessidades locais, fomentando assim o desenvolvimento local, interligando o mais possível todas as sinergias, escola, comunidade e território.

Em síntese um líder empreendedor é um criativo com a capacidade de incentivar, motivar e concretizar algo. O corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares empreendedores no âmbito das Artes Visuais. No entanto torna-se complicado a concretização deste tipo de projetos perante os atuais cortes e opções políticas e educativas do ME. Apesar de considerarem importante a consciencialização dos alunos para estas questões, os alunos não estão conscientes das práticas empreendedoras.

6.3 Indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais

No que se refere às práticas de ensino das Artes Visuais com relação ao empreendedorismo como prática curricular, os indicadores por parte dos docentes referem-se à motivação quando há um trabalho que envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artístico, concurso de ideias.

Como também existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo, por parte do conselho executivo onde lecionam.

Todos os docentes consideram possível no ensino das Artes Visuais implementar projetos de caráter empreendedor. Se há um grupo disciplinar onde se enquadra melhor este tipo de projetos é sem dúvida no grupo das Artes Visuais.

Verificamos que os docentes não conhecem modelos de ensino de caráter empreendedor, como também não conhecem e nunca tiveram acesso ao Guião de Empreendedorismo para docentes, criado pelo ME. Apenas um docente sabe que existe esse guião de orientação para a prática de projetos no âmbito do empreendedorismo.

Relativamente ao meio cultural, social e empresarial onde lecionam, a metade dos docentes considera que o meio influencia o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos. Apesar um dos docentes afirma que o meio influencia, mas não sente essa influencia no local onde leciona.

No entanto há um dos docentes que considera que já houve uma maior influência por parte do meio do que agora. Sendo dois dos entrevistados a considerarem o contrário, ou seja, é a escola que tem tido um papel de influenciar e a convidar o meio a participar e visitar a escola em quase todos os projetos que desenvolvem.

Enquanto ao papel informativo por parte das instituições, ME, organismos associações e núcleos empresariais junto das escolas para estas questões, segundo a maioria dos docentes não tem chegado às escolas muita informação, e o que chega é muito pouco. O que reflete no nosso estudo mostra que há dificuldade em encontrar no terreno, informações complementares no que diz respeito a projetos ou práticas curriculares implementadas por parte do ME e organismos empresariais.

Como também uma das repostas reporta para o passado onde se verificava que havia mais informação por parte das empresas e instituições. No entanto um dos docentes considera que a informação tem chegado, falando mesmo em nome da escola.

Enquanto à possibilidade de o empreendedorismo dever ser uma disciplina curricular, ou dever ser integrada nas unidades curriculares como prática no ensino das Artes Visuais, a maioria dos entrevistados considera que deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática, não como disciplina. Indo novamente ao encontro de uma solução sugerida no capítulo um no que se refere ao empreendedorismo, prática e desenvolvimento curricular o programa *Junior Achievement Portugal*, onde dentro das experiências educativas propõe uma metodologia de “Aprender a empreender” que permite aos estudantes a aquisição de competências empreendedoras através do desenvolvimento de dinâmicas de grupo, apresentando uma proposta que aponta para três grandes áreas de competências, i) criatividade, trabalho em equipa, ii) liderança e autonomia, iii) comunicação e autoconfiança.

No entanto um dos entrevistados é da opinião que deverá ser as duas coisas, disciplina e unidade curricular com uma forte componente teórica ou prática.

No sentido oposto um dos entrevistados considera que não deverá ser disciplina nem integrada nas unidades curriculares como prática de ensino.

Quando realizam uma planificação de uma unidade, os docentes na sua maioria pensam em adaptar e implementar sempre que possível um projeto empreendedor. Deixando por vezes na própria unidade espaço para esse tipo de projetos possam surgir durante o ano letivo. No entanto há docentes que, no corrente ano letivo, não conseguiram adaptar nem implementar projetos deste âmbito pelo fato de as disciplinas que lecionam não lhes permitirem. Como também um dos docentes considera que não tem espaço para a adaptação deste tipo de projetos, preocupando-se com as disciplinas que leciona, e em preparar os alunos essencialmente para o exame nacional. Afirmando mais uma vez que no passado conseguia realizar muito bem esse tipo de projetos em disciplinas agora extintas do currículo do ensino das Artes Visuais.

Como docentes, o seu contributo para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras será sempre em informar os alunos sempre que possível sobre os projetos e concursos e incentivar a sua participação mesmo que não tenham espaço curricular para isso. Levar os alunos para fora da escola, indicando que as visitas de estudo são uma boa forma de informar e sensibilizar os alunos para estas questões.

Um docente demonstra disponibilidade, sempre que possível, de levar os alunos a participar em concursos mesmo que os concursos não façam parte dos objetivos da disciplina.

A nível da área disciplinar, na opinião dos docentes, para poder potencializar e desenvolver competências empreendedoras nos jovens, é necessário estarem atentos ao que se passa lá fora e aos meios de comunicação.

Reforçam mais uma vez a importância na exteriorização, de levar os alunos a conhecer outras realidades e experiências profissionais, que é o caso das visitas de estudo.

Os jovens deveriam ter uma maior oportunidade de ter contato com a comunidade, partilhando e trocando experiências. Apesar do grupo disciplinar, nomeadamente o grupo das Artes Visuais ser um grupo, no entender de um docente versátil e que permite versatilidade na implementação deste tipo de projetos.

No entanto é consensual por parte de alguns docentes que os alunos no ensino secundário são cada vez mais imaturos.

Resumidamente há uma maior motivação quando há projetos na área do empreendedorismo e desenvolvimento curricular, no entanto ainda existe informação que não passa a nível de sensibilização por parte das instituições e ME para estas questões. Dentro das planificações das unidades, seguindo o currículo da disciplina os docentes sempre que possível tentam implementar projetos neste âmbito. O empreendedorismo deverá ser uma prática integrada no currículo como atividade teórico-prática.

6.4 Exemplos e resultados

Houve dificuldades por parte dos docentes em identificar projetos de carácter transversal desenvolvidos com os alunos. No entanto todos os docentes partilharam algumas experiências, lembrando-se do passado, onde havia mais tempo e predisposição. Argumentando que muitas das disciplinas que lhes possibilitavam a realização da transversalidade, foram extintas, retiradas do atual currículo do ensino das Artes Visuais.

Identificaram projetos de carácter comunitário, envolvendo os alunos com a junta de freguesia local, projetos de salvaguarda do património local, como por exemplo na valorização de práticas tradicionais e as Artes e Ofícios Tradicionais. Prática de projetos pessoais de alunos, ligados à disciplina de Multimédia, tais como a implementação de *sites* de divulgação dos seus trabalhos, ilustrações, curta-metragens e edição de bandas musicais.

Por último um dos projetos partilhados por um docente, envolveu toda a comunidade escolar numa campanha de sensibilização para a alimentação na escola.

De acordo com os resultados obtidos, no que diz respeito ao projeto de carácter comunitário segundo o docente foi bom, no entanto não houve continuidade. O projeto de Artes e Ofícios Tradicionais, os alunos participaram num concurso nacional, ganhando o 1º prémio. Enquanto aos projetos de transversalidade com a Multimédia, segundo a docente os resultados dependem sempre da vontade e preposição por parte dos alunos.

Houve também um registo por parte de um docente que diz que os resultados vão para além do contexto pedagógico e educacional, já possibilitaram a venda de trabalhos realizados pelos alunos, dando assim a conhecer e a valorizar as suas capacidades profissionais, iniciando talvez aqui um processo de empreendedorismo.

Os alunos segundo os docentes entrevistados tem a oportunidade de apresentar os seus trabalhos publicamente desde que encontrem uma porta aberta nas atividades realizadas na escola, como a Semana das Artes e Semana Cultural. Um dos docentes reforçou que ele próprio criou uma plataforma *on-line*, nomeadamente um *site* onde publica os trabalhos elaborados pelos alunos, permitindo de forma simples e económica a sua divulgação e partilha.

Já no que se refere ao relacionamento por parte dos alunos com o meio artístico e profissional, os docentes afirmaram que convidam sempre que possível profissionais da área, permitindo aos alunos esse contato e essa partilha. As visitas de estudos também foram consideradas por parte de alguns docentes como uma forma bastante enriquecedora.

É de realçar o projeto de salvaguarda dos Ofícios Tradicionais onde os alunos tiveram a oportunidade de falar com artesões, havendo assim uma transmissão natural das práticas artísticas tradicionais esquecidas.

Avaliando estas atividades os docentes consideram positivas, bastante positivas e excelentes as mais potenciadores do conhecimento e complementar ao ensino do professor.

No entender dos docentes, das atividades que realizam, as que mais contribuíram para o desenvolvimento do espírito empreendedor foram os projetos ligados à Multimédia, às Artes performativas, destacando o Grupo de Teatro, como também as visitas de estudo e a participação em concursos.

As atividades realizadas fora da sala de aula, voltadas para o exterior são sem dúvida práticas educativas complementares que contribuem para o desenvolvimento do espírito empreendedor.

Por outro lado um dos docentes considera que o seu contributo não irá depender da atividade que proporciona aos alunos, mas sim da vontade pessoal de cada um, nomeadamente do aluno em sentir a necessidade em querer desenvolver o seu espírito empreendedor.

Enquanto à consciencialização das ações e atividades desenvolvidas com os alunos para o empreendedorismo, para um dos docentes, sugerem que terá que estar sempre em alerta com os alunos para que estas questões se possam implementar e no sentido de um empreendedorismo local e regional, ou por outras palavras, encontrarem necessidade da própria terra.

Noutra opinião, um dos docentes considera que com o atual currículo de ensino das Artes Visuais lhe é impossível proporcionar aos alunos uma maior consciencialização para o empreendedorismo. Poderá passar pela nossa própria consciencialização em acreditarmos mesmo no que estamos a lecionar aos alunos.

De acordo com essa mesma consciencialização, segundo a opinião de um docente, os próprios alunos é que acabam por entender de forma natural a utilidade dos seus trabalhos.

Reportando a outra opinião do um docente entrevistado, a forma como as ações e as atividades proporcionam uma maior consciencialização está no contexto de desenvolvimento pessoal e profissional do aluno que advém quase sempre da necessidade própria, na proximidade e ambiente familiar em consciencializar-se para as práticas empreendedoras.

Em resumo, as experiências educativas, ações e atividades empreendedoras, deverão ser cada vez mais voltadas para fora da escola, viradas para vários contextos e ambientes socioeducativos. No entanto neste estudo verificou-se que no passado, nos antigos currículos das Artes Visuais, realizaram-se mais atividades do que hoje. Havia mais carga letiva que proporcionava aos alunos espaço para a elaboração de projetos e atividades deste género. Atualmente consideram que lhe é quase impossível implementar este tipo de projetos e os que implementam não tem continuidade. A avaliação que fazem das atividades são muito positivas, para ambas as partes, no entanto a falta de espaço curricular e a continuidade deste tipo de projetos aborta qualquer eficácia de organizar e desenvolver experiências de empreendedor.

Conclusões

No início deste estudo verifiquei algumas dificuldades em encontrar uma linha de orientação. No entanto, no terreno ao identificar e ao desenvolver a problemática, consegui descortinar todo o processo de investigação. Este estudo pretendeu verificar se no ensino das Artes Visuais o empreendedorismo anda presente nos seus conteúdos programáticos, nas atitudes dos alunos, professores, meio e comunidade como também verificar a funcionalidade e a aplicação de ferramentas empreendedoras, nos projetos de professores e alunos implementados com carácter de empreendedorismo.

Tive algumas dificuldades iniciais em encontrar bibliografia específica, nomeadamente em estudos de investigação e reflexões publicadas sobre este tema no âmbito do ensino das Artes Visuais. Verifiquei que, algumas instituições, associações, núcleos empresariais e organismos públicos portugueses, contactados durante a construção deste estudo, demonstraram pouca receptividade em colaborar, especificamente no que se refere à partilha de práticas e conteúdos de divulgação de ensino para o empreendedorismo, apesar de haver uma forte aposta na divulgação e sensibilização por parte desses mesmos organismos. A filosofia e a política desses mesmos organismos estão direccionados para a Gestão, Economia e Marketing, havendo lacunas de informação relativas às Artes e ao Ensino do Empreendedorismo no ensino secundário. No entanto, há alguns projetos no terreno implementados esporadicamente no ensino secundário, mas não a nível de práticas e exemplos no que se refere ao Ensino das Artes Visuais.

Este estudo proporcionou a consciencialização do estado em que se encontra o Ensino das Artes Visuais quando associado ao empreendedorismo, identificando as diferentes concepções dos docentes no âmbito do ensino secundário das Artes Visuais em relação ao ensino para o empreendedorismo. Permitiu assim uma reflexão e análise a partir do discurso dos docentes e comunidade educativa para estas questões, perpetuando um registo académico com exemplos e práticas socioeducativas.

Com a problemática e os sujeitos identificados, oito professores, de duas escolas diferentes, que lecionam no ensino Secundário, no curso de Artes Visuais com mais de dezoito anos de serviço, deram o seu testemunho sobre o que pensam sobre o assunto e sobre as práticas pedagógicas que cultivam para fomentar o espírito empreendedor nos alunos. Verificamos os conceitos de ensino empreendedor por parte dos professores, analisámos a

percepção dos professores relativamente à implantação de práticas empreendedoras no ensino das Artes Visuais. Identificámos práticas de ensino empreendedor, nomeadamente projetos de alunos com espírito empreendedor, reconhecemos os métodos na planificação, operacionalização e avaliação das práticas pedagógicas empreendedoras.

Com respeito aos resultados da investigação, sobre o primeiro tópico, a relação do docente com a escola e a comunidade, todos os professores entrevistados demonstraram uma ótima relação com a escola e comunidade educativa, como também que têm uma ampla experiência pedagógica, cultivando o empreendedorismo em atividades extraescolares.

No que concerne ao conceito de empreendedorismo no ensino das Artes Visuais, os docentes acham, em síntese, que um líder empreendedor é um criativo com a capacidade de incentivar, motivar e concretizar algo. O corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares empreendedores no âmbito das Artes Visuais. No entanto, acham que é complicada a concretização deste tipo de projetos perante os atuais cortes e opções políticas e educativas por parte do ME. Apesar de considerarem importante a consciencialização dos alunos para estas questões, os alunos não estão sensibilizados para as práticas empreendedoras, reflexo das sociedades que cultivam modelos e práticas facilitadoras e que se espelham no sistema educativo. O projeto curricular empreendedor deverá ter em conta as necessidades locais, fomentando assim o desenvolvimento local, interligando o mais possível todas as sinergias, escola, comunidade e território. Terá que ser concretizável e realista envolvendo a comunidade escolar. Não deverá fracassar nem demonstrar aos alunos fraquezas de implementação. Deverá ser um elo de ligação e motivação para todos, alunos e docentes. Ser empreendedor, segundo a maioria dos docentes é uma condição inata e adquirida (que se educa) reforçando que a educação terá um papel fundamental para o empreendedorismo, partindo do pressuposto de que o empreendedorismo e as competências a ele inerentes não são exclusivamente intrínsecas ao ser humano, mas que são aprendidas.

No que se refere às práticas de ensino das Artes Visuais em relação ao empreendedorismo como prática curricular, os docentes encontram maior motivação, tanto nos alunos como nos professores, quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artístico, ou concurso de ideias. Argumentam que os jovens deverão ter uma maior oportunidade de ter contato com a comunidade, partilhando e trocando experiências. Reforçam mais uma vez a importância na exteriorização, de levar os alunos a conhecer outras realidades e experiências profissionais,

que é o caso das visitas de estudo e a participação de concursos, incentivando a sua participação mesmo que não tenham espaço curricular para isso. Reforça-se assim a ideia de John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-americano, que desenvolve a teoria sobre aprendizagem voltada para a experiência de relação entre o indivíduo e o meio social em que está inserido, sendo que os estímulos do meio geram novas aprendizagens, impelindo o indivíduo à mudança e a realizar novas operações mentais. Dewey defende que a Educação deveria focar-se no desenvolvimento de capacidades de raciocínio e de espírito crítico, não se restringindo à transmissão e interiorização do conhecimento e informação, como algo finito ou absoluto. Cria a sua “Escola-Laboratório” considerada como pioneira de uma escola Democrata, interagindo com o meio em que está inserida, uma “comunidade embrionária” (Dewey, 2002, p.26).

Os docentes entrevistados neste estudo acham que existe uma vontade em sensibilizar e em orientar os alunos para o empreendedorismo por parte do conselho executivo. Igualmente todos os docentes consideram possível, no ensino das Artes Visuais, implementar projetos de carácter empreendedor. Se há grupo disciplinar onde se enquadra melhor este tipo de projetos é sem dúvida no grupo das Artes Visuais. No entanto verificamos que os docentes não conhecem modelos de ensino de carácter empreendedor, como também nunca tiveram formação nesta área, e não conhecem e nunca tiveram acesso ao Guião de Empreendedorismo para docentes, criado pelo ME.

Relativamente à planificações das unidades, seguindo o currículo da disciplina, os docentes, afirmam que tentam adaptar e implementar sempre que possível, projetos neste âmbito. Há, no entanto, docentes, que no corrente ano letivo, não conseguiram adaptar nem implementar projetos deste âmbito pelo fato de existir uma forte preocupação em preparar os alunos essencialmente para o exame nacional. Afirmam mais uma vez que no passado conseguiam realizar muito bem esse tipo de projetos em disciplinas agora extintas do currículo do ensino das Artes Visuais.

Neste estudo verificou-se que o empreendedorismo a nível curricular deverá ser uma prática integrada no currículo como atividade teórico-prática sendo consensual por parte de docentes que os alunos no ensino secundário são cada vez mais imaturos perante o ensino e para a realização deste tipo de projetos, embora as linhas gerais da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular visem criar as oportunidades para o aluno aprender a pensar e agir de forma empreendedora. Para isso é necessário criar contextos reais, de forma a

proporcionar uma aprendizagem que envolva experimentação, reflexão e trabalho colaborativo, aprender-fazendo através da prática.

O meio cultural, social e empresarial tem influência no desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos. No entanto, já houve uma maior influência por parte do meio do que agora, sendo que os docentes consideram que está a acontecer o contrário, ou seja, a escola é que tem tido o papel de influenciar e convidar o meio a participar e visitar a escola em quase todos os projetos que desenvolvem.

As instituições, ME, organismos, associações e núcleos empresariais não têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões. Segundo a maioria dos docentes, o que se reflete neste estudo traduzido na dificuldade em encontrar no terreno, informações complementares no que diz respeito a projetos ou práticas curriculares implementadas por parte do ME e organismos empresariais.

Apesar de neste estudo, os docentes terem falado em algumas dificuldades para identificar projetos de carácter transversal para serem desenvolvidos com os alunos, os docentes partilharam algumas experiências, e lembram-se do passado, onde afirmam que havia mais tempo e predisposição, argumentando mais uma vez, que muitas das disciplinas lhes possibilitavam a realização da transversalidade, foram extintas, retiradas do atual currículo do ensino das Artes Visuais.

Identificaram projetos de carácter comunitário, envolvendo os alunos para a sensibilização de projetos na própria escola tais como a salvaguarda do património local e a valorização de práticas tradicionais como as Artes e Ofícios Tradicionais.

Salientam-se dos resultados obtidos, os projetos de carácter comunitário, no entanto não houve continuidade. O projeto de Artes e Ofícios Tradicionais, participou num concurso nacional, e ganhou o 1º prémio. Enquanto aos projetos de transversalidade com a Multimédia, segundo a docente, os resultados dependem sempre da vontade e predisposição por parte dos alunos. É frequente verificar cada vez mais o recurso a plataformas digitais e de multimédia, tanto a nível de projetos educativos como também da sua divulgação. Houve também e possibilitaram a venda de trabalhos realizados pelos alunos, dando assim a conhecer e a valorizar as suas capacidades profissionais, iniciando talvez aqui um processo de empreendedorismo.

Indo ao encontro da construção do currículo segundo Eisner, a construção de um currículo nunca deverá esquecer os fins educativos que a escola deve promover, as

experiências educativas que terão maior probabilidade de atingir esses fins, as formas mais eficazes de organizar essas experiências e a avaliação das mesmas experiências tanto a nível pedagógico e científico como também na sua operacionalidade e utilidade para a comunidade letiva e porque não a capacidade de empreender essas mesmas experiências.

Os alunos têm a oportunidade de apresentar os seus trabalhos publicamente, encontrando uma porta aberta nas atividades realizadas na escola e o exemplo apontado por vários docentes é a Semana das Artes e Semana Cultural, relacionando-se com o meio artístico e profissional. Os docentes afirmaram que convidam sempre que possível profissionais da área, permitindo aos alunos esse contato e essa partilha. As visitas de estudos também foram consideradas, por parte de alguns docentes, como uma forma bastante enriquecedora, realçando novamente o projeto de salvaguarda das Artes e Ofícios Tradicionais onde os alunos tiveram a oportunidade de falar com artesões, havendo assim uma transmissão natural das práticas artísticas tradicionais esquecidas.

Todas estas atividades são bastante positivas e excelentes potenciadores do conhecimento complementar ao ensino do professor, e as que mais contribuem para o desenvolvimento do espírito empreendedor. Também apontadas por parte de alguns docentes, as atividades realizadas fora da sala de aula, voltadas para o exterior são sem dúvida práticas educativas complementares, que contribuem para o desenvolvimento do espírito empreendedor. No entanto, o contributo do docente não irá depender da atividade que proporciona aos alunos, mas sim da vontade pessoal de cada aluno, em sentir a necessidade em querer desenvolver o seu espírito empreendedor.

Quanto à consciencialização das ações e atividades desenvolvidas com os alunos para o empreendedorismo, o docente terá que estar sempre em alerta com os alunos para que estas questões se possam implantar no sentido de um empreendedorismo local e regional, ou por outras palavras, encontrarem necessidades da própria terra que tendo em conta a autonomia das escolas deverão ter que desenvolver este tipo de atividades e ações como também as visitas de estudo e outras atividades que proporcionaram aos alunos uma abertura de horizontes.

Neste estudo verificamos a preocupação de docentes com o atual currículo de ensino das Artes Visuais uma vez que sentem que é impossível proporcionar aos alunos uma maior consciencialização para o empreendedorismo, ficando a sugestão que poderá passar pela nossa própria consciencialização em acreditarmos no que estamos a lecionar aos alunos.

De acordo com essa mesma consciencialização, segundo a opinião de um docente, os próprios alunos é que acabam por entender de forma natural a utilidade dos seus trabalhos.

Reportando a outra opinião de um docente entrevistado, a forma como as ações e as atividades proporcionam uma maior consciencialização está no contexto de desenvolvimento pessoal e profissional do aluno que advém quase sempre da necessidade própria, na proximidade e ambiente familiar em consciencializar-se para as práticas empreendedoras.

Em modo de conclusão, as experiências educativas, ações e atividades empreendedoras, deverão ser cada vez mais voltadas para fora da escola, relacionando-se com vários contextos e ambientes socioeducativos.

Na elaboração deste estudo, não foi possível ultrapassar algumas limitações, ficando em aberto para o futuro o desenvolvimento de outras investigações, deixando duas sugestões.

Uma das sugestões é o desenvolvimento de um estudo comparativo que aprofunde os atuais currículo das disciplinas e/ou unidades curriculares no ensino das Artes Visuais para o empreendedorismo. A outra proposta é aplicar o “Aprender e Ensinar a Empreender” no Ensino das Artes Visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arends, R. (1995) *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Brito, C. (1991) *Gestão Escolar participada. Na escola todos somos gestores*. Lisboa: Texto Editora.

Carneiro, R. (1995) *As três sociedades do futuro*. In *A Evolução da Economia e do Emprego: Novos Desafios para os Sistemas Educativos no Dealbar do século XXI*. Consultado em Maio 2012, em: www.cursoverao.pt/c_1995/RCar-01.html.

Carneiro, R. (2000) *Cidade: Diversidade e Aprendizagem na Sociedade de Informação*: texto policopiado.

Carneiro, R. (s/d) *Novas Competências e Novo Profissionalismo*. Consultado em junho 2012, em: www.cursoverao.pt.

Carneiro, R. (2005) “*Uma Economia em Fim de Ciclo*”. In *A Evolução da Economia e do Emprego. Novos Desafios para os Sistemas Educativos no Dealbar do Século XXI*. Consultado em junho 2012, em: www.cursoverao.pt.

Cerveira, A. (2009) *Empreendedorismo e inovação. O caso Crioestaminal*. Relatório de Estágio Integrado no Mestrado em Gestão: Universidade de Coimbra

Correia, A. e Dias, P. (1998) *A Evolução dos Paradigmas Educacionais à luz das Teorias Curriculares*. Revista Portuguesa de Educação, 11 p. 113-122, I.E.P: Universidade do Minho.

Carmo, H. e Ferreira, M. (1998) *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Costa, M. e Carvalho, L.(2011) *A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior*. Revista Lusófona de Educação 19,103-118: Universidade Lusófona.

Domingos, V. (2009) *Empreendedorismo e mercado de trabalho. Planeamento de projetos na agroindústria*. Brasil

Drucker, P. (1986) *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship). Prática e Princípios*. São Paulo. Acedido em 15 de Abril de 2013 em <http://ri.uepg.br:8080/riuepg/handle/123456789/780>

Gardner, H. (1999) *Educación Artística y desarrollo humano*. Barcelona: País dos Educador.

Gardner, H. (1995) *Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Gonçalves, S. (2007) *Teorias de aprendizagem, práticas de ensino, Coletânea de textos: Teorias da Aprendizagem, Práticas de Ensino*. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra: Edição policopiada

Hisrich, R. e Peters, M. , (2004) *Empreendedorismo (5ª edição)*. Porto Alegre: Bookman.

IAPMEI. O Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação. Acedido em 5 de Fevereiro de 2013 em: www.iapmei.pt

Jeseus, S. (2008) *Estratégias para motivar os alunos*. Revista Educação, v.31, nº1, p.21-29: Porto Alegre.

Junior Achievement Portugal (2013). É uma associação sem fins lucrativos, empenhada em levar às escolas programas que desenvolvem nas crianças e jovens o gosto pelo empreendedorismo. Acedido em Maio de 2013 em://japortugal.org

Knight, K., (1967). “A descriptive model of the intra-firm innovation process”, Journal of Business of the University of Chicago, vol 40. Acedido em 30 de Março de 2013,em: <http://mp.ra.ub.uni-muenchen.de/46504/>

Lina, L. (2010) *A Escola faz tudo? Crítica ao pedagogismo na “sociedade da aprendizagem.”* Revista Lusófona de Educação, nº15, p. 41 a 54. Lisboa: Universidade Lusófona

Ministério da educação, (2006), *Educação para a Cidadania, Guião de Educação para o Empreendedorismo*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Oliveira, A. (2013); *Empreendedorismo de Empresas Culturais e Tecnológicas em Belo Horizonte: um estudo sobre competências empreendedoras e modelos mentais*. Dissertação de Mestrado em Administração. Belo Horizonte: Faculdade Novos Horizontes

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais – Tradução de João Minhoto Marques e Maria Amália Mendes*. Lisboa: Gradiva

Raposo, F. (2010) *Contribuições para uma melhor compreensão do Ensino Superior das Artes Visuais, na União Europeia*; Dissertação de Doutoramento em Teoria Curricular e Metodologias de Ensino. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa

Ribeiro, I. (1996); *Mudança no desenvolvimento e na estrutura das aptidões*; Instituto da Educação e Psicologia, Centro de Estudos em Educação e Psicologia: Universidade do Minho.

Rodrigues, I. (2011) *Perspetivas de Integração no Mercado de Trabalho dos Designers Industriais*. Dissertação de mestrado. Universidade da Beira Interior: Covilhã.

Silva, M. (1994) *De Aluno a Professor um “Salto” no desconhecido* (estudo de casos). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação: Universidade de Lisboa.

Silva, M. (2008); *Líderes e Lideranças em Escolas Portuguesas - Trajetos Individuais e Impactos Organizacionais*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Extremadura, Facultad de Educación, Departamento de Ciencias de la Educación.

Travassos, L. (2001) *Inteligências Múltiplas*, Revista de Biologia e Ciências da Terra, Volume 1 - Número 2. ISSN 1519-5228

Truckman, B. (2000); *Manual de Investigação em Educação – Como conhecer e realizar o processo de investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vários Autores (2003); *Cruzamentos de Saberes Aprendizagem Sustentáveis, Capítulo Educação e Reflexividade: onde se aprende o que?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Legislação consultada

2004- Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março [Estabelece os princípios orientadores da organização e gestão do currículo e da avaliação das aprendizagens de nível secundário de educação], em: <http://www.gave.min-edu.pt/np3/31.html>

2007-Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, Declaração de Retificação n.º 84/2007, de 21 de Setembro [Estabelece as orientações curriculares e o plano de estudos dos cursos no ensino secundário], em: <http://www.dre.pt/pdf1sdip/2007/09/18300/0673806739.PDF>

2011-Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de Abril e Portaria n.º 244/2011, de 21 de Junho [Procede à quarta alteração do Decreto-lei n.º 74/2004, de 26 de março, introduzindo o exame final nacional optativo de Filosofia, eliminando a disciplina de Área de Projeto e criando a disciplina de Formação Cívica no currículo dos cursos científico-humanísticos], em: <http://www.gave.min-edu.pt/np3/31.html>

2011-Dec. Lei n.º 243 de 21 de Dezembro de 2011 [modelo de definição das políticas promotoras da inovação e do empreendedorismo, designado por Programa Estratégico +E+I], em: <http://www.dre.pt/pdf1s/2011/12/24300/0535105354.pdf>

2012-Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho [estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básico e secundário, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos alunos e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário], em: <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias¬icia=397>

Anexos

Anexos I
Matriz da Entrevista

Temas	Sinopse	Questões
Apresentação e dados socioprofissionais	-Relação do docente com a escola e a comunidade.	1- Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência? 2- Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão. 3- Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.
Conceito de empreendedorismo no ensino das Artes Visuais	- Perfil e conceito de empreendedor e empreendedorismo	4- O que é para si um Líder / empreendedor? 5- Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras? 6- Existem alunos desligados das oportunidades (habitados ao facilitismo)? 7- Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)? 8- Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais? 9- O que é para si um bom projeto curricular empreendedor? 10- Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais? 11- Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?
Indicadores de práticas de ensino das Artes Visuais	- Empreendedorismo, prática e desenvolvimento curricular	12 Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos? 13 A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo? 14 Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de carácter empreendedor? 15 Conhece algum modelo? 16 Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo

		ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje? 17 O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos? 18 As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões? 19 É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor? 20 Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática? 21 Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor? 22 Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras? 23 Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?
Exemplos e resultados	– Experiências educativas – Eficácia de organizar essas experiências – Avaliação dessas experiências	24 Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos? 25 Que resultados obtiveram? 26 Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos? 27 Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designer, etc.)? 28 Como avalia essas atividades? 29 Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor? 30 No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

Anexos II

Transcrição das Entrevistas

Entrevista nº1

Data 4.11.2013

Duração: 15 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

AS- Comecei a trabalhar aqui na Benedita logo no início e fiquei sempre a trabalhar na Benedita, e ser professor foi sempre o meu sonho nunca tive outra ideia de emprego, estudei mesmo para ser professora, e era naquele tempo que tínhamos um sonho e podíamos realizá-lo. Não é como agora (sorriso).

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

AS- Tem sido sempre bom, sou uma pessoa de bom viver.

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

AS- Olha, já fiz parte de várias coisas aqui na comunidade aqui na terra, mas que depois acabo por os abandonar todos, não sou mesmo mulher para nenhum projeto. Gosto de ensino de gosto de muitas coisas relacionadas com Arte mas não houve nenhum projeto que me interessa-se acabo por desistir sempre de todos.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

AS- Um líder tem muito que se lhe diga, tem que ser uma pessoa com muita iniciativa, muita criatividade e muito jogo de cintura. Para saber, capacidade de liderança, realmente, nem todos tem, acho que é quase um dom, um bom líder pode fazer milagres com o grupo o qual trabalha.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

AS- Se calhar não muito, mas aqui também não puxamos muito por essa parte, não os traumatizamos ao longo assim de repente mas ao longo da vida vão-se apercebendo (sorriso).

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

AS- Existe, pois existe.

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

AS- Olha eu acho que é as duas coisas, também se aprende também se educa, mas há pessoas que já nascem com essa, pronto!...

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

AS- Aqui na nossa escola sente, nas outras escolas não sei, na nossa escola funciona muito bem.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

AS- Difícil, isso tem muito que se lhe diga, deixa-me cá pensar. Algo que os alunos possam tirar partido, logo que seja uma mais-valia para o futuro para os alunos. Já temos participado

em concursos e coisas do género. (vou deixar a resposta para ultimo). Opa um projeto que tenha pernas para andar que tenha que dê para ser realizado, eu não sou muito fã daqueles projetos muito sonhadores, que se ponha tudo no papel, o papel aguenta tudo, mas depois aquilo não dá para nada. É tudo muito bonito, mas para mim um bom projeto é algo que dê para ser realizado.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

AS- Não, isso não.

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

AS- Sim , muito importante

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

AS- Sim há, sempre que se realiza um trabalho concreto. Nós aqui trabalhamos sempre muito à base de projeto, mas sempre que à hipótese de trabalhar um projeto em concreto é muito mais aliciante.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

AS- Sim, sim, a escola tem essa política.

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de caracter empreendedor?

AS- Já, já há uns anos atras havia uma disciplina chamada área de projeto, e na área de projeto fazíamos projetos muito interessantes, aí nessa área, aí dava para desenvolver.

15-Conhece algum modelo?

AS- Pois, esse modelo, agora como saiu do currículo essa disciplina, faziam-se coisas muito interessantes.

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

AS- Não conheço, mas depois conheço para não ficar ignorante (não me ponhas aí ignorante)

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

AS- Se influencia, ham.... Nós é que tentamos influenciar o meio, nós aqui é que tentamos fazer os projetos e chamar as pessoas, chamar a presidente da junta, para ver o que poderia cá fazer. Nessa área de projeto era precisamente o contrário. Eles eram chamados há escola para ver o que é que podiam fazer na terra. Os alunos é que lhes mostravam isso.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

AS- Acho que não.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

AS- É então não é.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

AS- Olha essa não sei responder.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

AS- Não, na nossa disciplina agora não podemos, não temos margem para isso, realmente antigamente com a outra disciplina tínhamos margem para isso, mesmo o nosso objetivo é prepara-los para o exame.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

AS- Ah, isso sempre que nos chegue algum concurso, nós comunicamos sempre aos alunos, às vezes chegam coisas muito interessantes.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

AS- Pode isso pode, como pode, essa disciplina tem que ter conteúdos apropriados para essa disciplina. Estarem atentos às médias, ao que acontece.

24-Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

AS- Sim, nós já fizemos projetos aqui giríssimos, já fizemos um projeto aqui naquela área de projeto, um projeto em que fomos buscar umas pedras a uma igreja que foi demolida que tinha um pórtico da Idade Média. Fomos buscar essas pedras, os alunos mediram-nas, cada um ficou com uma pedra, fizeram a maquete das pedras, fizeram um projeto para a terra, onde se faria uma escultura usando essas pedras. Veio cá a presidente da junta e adorou a ideia, até ficou em prática, mas entretanto mudam-se. Mas fizemos vários cada um se fazia um, sempre muito inovador

25-Que resultados obtiveram?

AS- Os resultados foram favoráveis, só que entretanto com os mudanças políticas não houve continuidade.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

AS- sim

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designer, etc.)?

AS- Sim, convidamos para vir à escola, na altura convidamos um Escultor, já tinha sido ex-aluno, mas que é famoso e que é muito bom, que tinha alguns conhecimentos assim em escultura.

28-Como avalia essas atividades?

AS- Acho que são muito, muito positivo, acho que são muito positivo

29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

AS- Opa, para isso tinha que me lembrar de todas as que eu realizadas ao longo desde as anos todos, não me lembro. Das recentes nenhuma, não me lembro de nada, não tenho feito nada, desde que aquela disciplina acabou nunca mais, tirando os concursos.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

AS- Alertar os alunos para as necessidades da terra, é sempre bom alertar nesse sentido, é mais por aí é só.

Entrevista nº2

Data 4.11.2013

Duração: 16 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

DD- Pois olha, já foi há vinte anos, em Oliveira de Azeméis mesmo no grupo de Artes Visuais.

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

DD- Relacionou-me bem.

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

DD- É assim, pertenço a uma associação que é a Terra Mágica das Lendas, o objetivo é divulgar histórias, lendas, exposições. O ano passado fiz com os alunos ilustração de um livro de lendas e contos de uma senhora que já está na Universidade Sénior e então a senhora criou os textos e as histórias e os nossos alunos ilustraram com a tinta-da-china, fizemos um *Workshop*, porque eram alunos do 3º ciclo e alunos do 2º ciclo. Nós convidamos os alunos do 2º ciclo a virem cá à escola fizemos o *Workshop* com tinta-da-china e os alunos do 3º ciclo ajudaram e também contribuíam com trabalhos, até para se ver a evolução de uns e outros.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

DD- É uma pessoa que tem a capacidade de motivar os outros e de organizar o trabalho no sentido, exige dos outros mas dá mais, do que as pessoas com quem trabalha as pessoas ou seja entrega-se mais organiza portanto não pode ser aquele líder que exige só, tem que ter um trabalho grande por trás para motivar, mas também para dar exemplo de trabalho daquele exige, mas que também dá.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

DD- Sim, eu acho que os mais velhos estão conscientes, a palavra trabalho faz sempre assim um bocadinho, amedronta-os muito, mas eles tem consciência que é importante, e que as coisas estão difíceis e quanto mais criativos e empreendedores deles forem se calhar mais sucesso terão, e daí mesmo necessário que o sejam, mas o trabalho e a disciplina, ainda estão naquela faixa etária que ainda é difícil.

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

DD- Os alunos, sim até porque o sistema o fomenta isso a ao longo desses anos fomentou, é uma escola que é para toda a gente conseguir fazer e porta tanto teve-se que se facilitar de tal maneira, que eles se acomodaram muito a essa situação, agora exigir com exames de repente e outras coisas não dá muitos resultados (sorriso)

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

DD- Eu acho que tem um bocadinho das duas, a pessoa já deve ter assim uma certa apetência e capacidade, mas também ao longo da vida há fatores que o levam a desenvolver essas capacidades

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

DD- Acho que sim, penso que sim.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

DD- Acho que é assim, para já lá está a questão da motivação, dos alunos, porque há muitas boas ideias que depois se não conseguimos concretiza-las é porque não são muito boas, tem que haver meios e outro conjunto de fatores para que elas possam serem bem sucedidas isso é que um bom projeto. Agora se tem a ver com a comunidade escolar se tem haver cá dentro com o corpo docente, isso pode ser de várias ideias, mas tem que ser passivas de serem concretizadas, se não, não são boas.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

DD- Não

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

DD- Sim, aliás todos os projetos, que tem a parte nas Artes Visuais, tudo o que não seja de análise, de desenho, tudo o seja criativo, logo aí tudo que implica criatividade para resolver um projeto tem algo de empreendedor de invenção de autonomia.

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

DD- Há sim, normalmente sim.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

DD- Sim

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de caracter empreendedor?

DD- E assim, mais ou menos, mais aqueles exercícios de criatividade, de ter as ideias, os *brainstorming*, aplicar processos criativos isso sim, agora se for uma coisa muito elaborada não, mas processos criativos sim.

15-Conhece algum modelo?

DD- De processos criativos sim.

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

DD-Não, nunca vi, mas gostava de conhecer.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

DD- Sim.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

DD- Alguma coisa, mas também não me tem chegado assim muitas coisas.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

DD- Sim.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

DD- Integrada.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

DD- Depende do ano, por exemplo agora estou com o 10º ano, não, embora eles tenham trabalhos de síntese e criativos, no entanto os nossos trabalhados destinam-se para a semana cultural ou para a exposição, tem que ser dinâmicos, tem que ser aqui na escola. Não sei dependente um bocadinho

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

DD- Talvez informando a nível de exposições, concursos, outros exemplos de colegas que eu convido, colegas que já estão a trabalhar a tentar montar sites por exemplo de ilustração, tentar dinamizar, uns tentar arranjar meio de subsistência, outros a tentar divulgar a sua prática e experiencias.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

DD- Pode lançar pontes com a comunidade, mas eu continuo a achar, que todos os trabalhos criativos podem ser projetos empreendedores, depende um bocado como o aluno quer desenvolver ou aplicar ou que ele quer fazer com aquilo que acabou, com a ideia dele. Não sei....

24-Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

DD- Eu trabalho muito com a Disciplina de Multimédia, faço muitos trabalhos interdisciplinares com disciplina de Multimédia, isto porque a minha disciplina é Design Comunicação e Audiovisuais. E portanto há um projeto por exemplo, para um site, que poderá ser um projeto para o lançamento de uma banda de deles próprios de musica, ou algo que eles queiram lançar. Então na minha disciplina fazem os *layout's*, *homepage*, as páginas secundárias, os botões e toda essa parte e depois vão montar a aplicação multimédia ou o site na disciplina de multimédia. Mas depois, temos por exemplo Curtas, Curtas-metragens que fazem o *storyboard* comigo, o guião e às vezes filmagens também. Fazendo a montagem com o professor de Multimédia. Essas curtas-metragens tem sempre temas, podem ser ligadas a questões empreendedoras ou não.

25-Que resultados obtiveram?

DD- É assim, por exemplo no *site*, tenho na turma tem gente muito boa e gente muito má, verdadeiramente má (sorriso) Portanto há de tudo, depende do gosto da história. E outra coisa que acontece com os cursos profissionais apenas que é uma área que tudo é tudo mais fácil, tem que fazer pouco e portanto aí não vai resultar. Se a pessoa está com interesse na área e gosta, refaz e faz muito bem, porque de facto consegue fazer coisas muito interessantes.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

DD- Normalmente apresentam à turma e depois apresentam à comunidade à escola, porque na Semana Cultura que há uma espécie de rivalidades entre os alunos das Artes que também tem entre eles. Apresentados no anfiteatro e auditório.

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designer, etc.)?

DD- Eu tento trazer ex-colegas e alguns já estão lançados e outros não, convidar mesmo para eles verem mesmo o mundo do trabalho.

28-Como avalia essas atividades?

DD- Boas

29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

DD- As ligadas à Multimédia, depois também ligadas ao Teatro, o grupo que não nasceu na escola, era um grupo independente, mas que agora faz parte da escola que mobiliza muitos alunos. E portanto o teatro mexe com muita coisa, Cenários, guarda-roupa, com endereços, os alunos vem de todas as turmas o que implica que eles sejam autónomos. E há também outros que vão para áreas que não querem fazer nada que lhe diz respeito às áreas que estão.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

DD- Dão-lhe autonomia a nível das escolhas.

Entrevista nº3

Data 8.11.2013

Duração: 25 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

MM- Em 1992, Vila Nova de Gaia – Olival

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

MM- Acho que até agora tem sido sempre bom, bom já tive alguns problemas, nada assim de grave

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

MM- Não, nenhuma, acho que não. Gostaria, acho o meu sonho era abrir uma Galeria, mas acho que não sobrevivia, e aqui nesta zona também não ia dar.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

MM- Acho que é uma pessoa, sei lá, muito ativa, criativa, sei lá, uma pessoa que gosta de coisas diferentes.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

MM- Não, alguns não, porque é assim, são muito poucos quando recebem um trabalho para desenvolver, embora uma pessoa lhes tente dar um exemplo para que ser como é que no futuro este trabalho pode, o que é que este trabalho no futuro pode para aplicar no futuro. Muitos não tem a noção da vida fora da escola.

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

MM- Sim, a maior parte deles sim, hoje em dia sim.

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

MM- Acho que pode ser as duas versões, há pessoas que já nascem empreendedoras e outras que apreendem a ser empreendedoras.

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

MM- Sim, aliás eu acho que todos os trabalhos são empreendedores, isso depende do aluno que tens à frente, ou seja, embora uma pessoa os incentive, alguns são. Nós tentamos, agora vamos fazer isto, no futuro poderá servir para o mercado de trabalho.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

MM- Que agrada toda a gente, (sorriso) acho que ter tudo, um bom projeto que tem estar na parte estética, na parte económica, não sei se é isso, na parte comercial, ou seja um bom projeto tem que ter todas as qualidades positivas para agradar, não encontro palavras para poder descrever. Normalmente, ainda ontem, não sei se tu já ouviste falar de dois irmãos que tiram o cursos de, um era engenharia química e ela adora culinária e ela adora pintura e

lançaram compotas dentro de bisnagas. Acho isso lindo, a única coisa que peca é o custo. Para mim este projeto é empreendedor.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

MM- Não

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

MM- Sim, muito bastante acho que é essencial.

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

MM- Há mais muito mais motivação, sim.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

MM- Sim, aqui nesta escola bastante.

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de carácter empreendedor?

MM- Sim, agora não me lembro, mas tantos projetos que fiz ao longo deste anos.

15-Conhece algum modelo?

MM- Em Oficina de Arte, adaptamos um projeto para um aluno que tinha mobilidade reduzida, criaram projeto que móveis que se adaptassem. Claro que não passou de um projeto.

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

MM- Não, nós só nos guiamos pelo programa.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

MM- Sim, acho que sim, eles até aceitam, embora que os projetos sejam mais estão criados aqui para mostrar. O contrário, o exemplo a Feira do Livro a Semana das Artes. Funciona mais o contrário.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

MM- É assim se faz, dever ser mais com os cursos profissionais.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

MM- Sim é

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

MM- Uma atividade, com as duas coisas, teórica e prática.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

MM- Não em todos, mas alguns servem para serem um projeto empreendedor, depende da unidade de trabalho, há uns que prestam para ser mais empreendedores que outros.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

MM- Toda a informação que recolho, alerto-os para, alguns também estão atentos e outros não. Como, tudo o que tiver ao meu alcance ajudo, através dos meios de comunicação *faceboock*, apesar de ter pouco tempo para, mas quando descubro alguma coisa que seja em benefício para eles, eu aprendo, mas também de imediato eu lhes informo.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

MM- Acho que é uma coisa que estou constantemente a fazer, pô-los a pensar, dou-lhes exemplos da economia, da situação do país, que não podem ficar parados se quiserem avançar, trabalhar. Tem que fazer um esforço que serão recompensados. Estou sempre a sensibiliza-los.

24-Poderá identificar um projeto de caracter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

MM- Neste momento não me lembro.

25-Que resultados obtiveram?

MM- No caso de venda de trabalhos, no ano passado vendemos um quadro através da exposição da Semana das Artes.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

MM- Sim

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designer, etc.)?

MM- Não, relacionaram-se só nas visitas de estudo.

28-Como avalia essas atividades?

MM- Acho muito bom, excelente, embora que eles levem sempre as coisas para a brincadeira, mas eles aprendem sempre qualquer coisa, e vem cheios de ideias.

29-Das atividades que realizou, qual ou quias no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

MM- Acho que as visitas de estudo ajudam bastante, estão em contato direto com obras que já estão habituados a ver no papel, mas quando as veem ficam completamente surpreendido, imagina-os de uma forma diferentes. Acho que vem com ideias.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

MM- Acho que tornam-se mais, ficam mais ativos, acreditam mais, muitos dizem para que é que temos a fazer isso, para quê que serve. E quando vem obras expostas estão a vê-las noutros espaços, depois eles acreditam que tem utilidade e o seu valor.

Entrevista nº4

Data 12.11.2013

Duração: 14 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

FF- Então foi em 1995, aqui no Externato Cooperativo da Benedita, Como me tornei-me professora foi acidental, fui à minha faculdade ver a minha ultima nota e vi lá uma fotocópia do jornal expresso a pedir um professor, um Arquiteto, especificamente para aqui. Estava em Lisboa sem trabalho e resolvi vir experimentar. Vim um ano à experiencia, efetivei e já não saí daqui.

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

FF- Excelente com todos, pelo menos tento.

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, politica ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

FF – Acho que nunca fiz, tudo tem a ver com a escola, nada.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

F – Tem iniciativa, dinâmico, original, é capaz de passar esse dinamismo à sua equipa, motivação, gosta de arriscar.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

FF – Depende dos alunos, se falarmos do secundário é possível que sim, no 3º ciclo acho que não, nem mesmo no 9º ano. Mesmo no secundário, 11º e 12º, no 10º são muito imaturos, não sinto isso. Os do 11º e 12º eles começam já a pensar no que vão fazer, os do 10º são mesmo imaturos.

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

FF- Na generalidade são, mas há sempre exceções, mas são muito poucas.

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

FF- Bem, é possível que seja inata, mas também se pode aprender e a família pode passar um pouco esse espirito. Se calhar também a ver com a personalidade de cada um tem, mas em casa e também um pouco com a convivência escolar pode ser que encaminhe nesse sentido. Mas se não tiver na pessoa se não estiver na sua personalidade, não e na família que consegue, acho eu.

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

FF- Sim, preparados sim, resistentes é que podem não haver.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

FF – Tenham em conta as competências do grupo ou da disciplina, mas também visem a longo prazo, que preparem as turmas ou os alunos. É coisa que podem até implementar até fora da Escola. Dar-lhe as ferramentas aos miúdos.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

FF- Não

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

FF- Considero

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

FF- Sim sem dúvida, ficam mais motivados. Acho que é mais uma das formas.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

FF- Sim, acho que sim

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de carácter empreendedor?

FF- Eu nunca recorri, mas também se calhar a disciplina que eu dou, aos tais alunos que podem desenvolver esse espírito no secundário, a disciplina que eu dou é Geometria Descritiva não há espaço para conversas, nem para eu me aperceber, como sabes é uma disciplina de matéria. Eu nunca recorri, mas se calhar as minhas colegas, talvez.

15-Conhece algum modelo?

FF- Não

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

FF- Não, mas estou curiosa.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

FF- Aqui não, aqui não sinto isso. Acho que o meio tem influencia. Eu estudei em Lisboa, e o meio tem influencia, saímos da escola e ter museus à volta, ter outra espírito outra cultura ou um acesso a ela, aqui não sinto que aqui não há, talvez influencie de outra forma.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

FF- Não, para já não.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

FF- É possível, se há grupo onde isso se encaixa é um deles.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

FF- Como prática, acho que funcionava melhor. É uma opinião, mas como te diga ainda não tenho experiencia nenhuma.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

FF- Não planifico, como estou mais ligada a Educação e Visual e Geometria Descritiva, seria mais prático nas disciplinas das Artes do 10º ao 12º.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

FF- No meu caso a única contribuição que eu faço é leva-los às visitas, daqui para fora com as visitas de estudo, como agora vamos a Madrid. Os pequeninos que levamos mais a Lisboa, mas eu considero que aquilo é uma gota no oceano, não é. Nós levamo-los uma vez por ano, mas é um contributo. Se dali vier um aluno motivado ou com uma visão diferente já é bom.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

FF- Leva-los a conhecer, a sair e a ver museus e pessoas que apostaram nesse caminho.

24-Poderá identificar um projeto de caracter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

FF- Nós fazíamos isso aos anos, mas agora já não fazemos, fazíamos com a Língua Portuguesa, trabalhos, mas nunca no sentido empreendedor. Não há espaço para isso.

25-Que resultados obtiveram?

FF- Não tenho indicadores que indicam isso.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

F- Aqui na semana das Artes, está aberta aos pais e à comunidade.

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designer, etc.)?

FF- Sim, na feira do livro, na semana cultural.

28-Como avalia essas atividades?

FF- Excelente, muito bom

29-Das atividades que realizou, qual ou quias no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

FF- Não sei dizer nenhuma

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

FF- Em Artes não é muito possível, com os atuais currículos.

Entrevista nº5

Data 12.11.2013

Duração: 11 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

MA- A primeira vez que eu dei aulas tinha o 12º ano. Comecei no 5º grupo o chamado antigamente, na Escola Secundária de Rio Maior.

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

MA- Bom

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

MA- Tenho algumas coisas, mas fui obrigada à força, eu herdei uma empresa do meu pai que faleceu há 6 anos e sou eu que agora faço a gestão.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

MA- Um líder com ideias novas, essencialmente com ideias novas.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

MA- Talvez não, talvez os mais pequenos não, 10º e 11º ainda não, mais os do 12º, quando começam a ter a necessidade de perceber o que é que vão fazer daqui para fora.

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

MA- Acho que sim, mas isso tem tudo a ver com uma conjuntura. Habituaamos-mos a nível por baixo.

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

MA- Acho que é preciso um bocadinho das duas.

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

MA- Sim, eu acho que sim.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

MA-É um projeto a pensar nas perspetivas de futuro.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

MA- Nunca

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

MA- Sim.

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

MA- Acho que é há a mesma motivação, como à 10 ou 20 anos atras, há sempre uns alunos que são mias motivados que outros. Há sempre os muito bons.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

MA- Sim, acho que sim.

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de caracter empreendedor?

MA- Sim inconscientemente, mas se calhar não.

15-Conhece algum modelo?

MA- Não

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

MA- Não.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

MA- Sim, influência.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

MA- Aqui chegou, mais ao nível do profissional isso nota-se.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de caracter empreendedor?

MA- É.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

MA- Como prática acho que sim é preferível.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

MA- Às vezes.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

MA- Eu próprio tenho estar informada, atenta.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

MA- Há muitas maneiras, informando-os o que está bem, o que é que um percurso de sucesso.

24-Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

MA- Não se lembra de nenhum

25-Que resultados obtiveram?

MA- Não me lembro

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

MA- Em projetos mais antigos sim, quando lecionei numa escola profissional no curso de Design, à pelo menos 10 a 15 anos atrás.

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designers, etc.)?

MA- Sim apresentavam os trabalhos a empresas.

28-Como avalia essas atividades?

MA- Boas.

29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

MA- Nos cursos de Design quase todas as atividades contribuía para esse desenvolvimento.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

MA- Como está o briefing com um determinado projeto e se nós acreditamos também naquilo que lecionamos.

Entrevista nº6

Data 20.11.2013

Duração: 30 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

GJ- Em 1996, através dos mini concursos na altura, como é que eu me tornei, concorri, sabia que havia concursos e concorri. Situação era indefinida em termos profissionais, mas estava no início um bocadinho mais seguro, mas também estava praticar Design numa empresa de Cerâmica e como eu tinha tempo decidi concorrer. Mini concursos na altura 5,6 horas por semana, mas deu para conjugar as duas coisas.

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

GJ- Nestes 18 anos, que desde de 1996 já vai a caminho dos 18 anos. Tem haver um bocadinho com o feitio com as pessoas, há uma coisa que me chama à atenção, toda a gente diz que gostou estar numa escola e gostaram estar num determinado sítio, eu costume dizer que gostei estar em todos os sítios, se calhar também tem a ver com o feitio, não é, mas em todas as escolas gostei, corri bastantes escolas nestes 18 anos ainda sou de quadro de zona pedagógica, não sou quadro de escola, tive em quase em todas as escolas do distrito de Leiria, e nelas todas gostei de lidar com os professores. Com os alunos há escolas melhores do que outras, mas não é nada assim que, a minha relação é boa, tento-me adaptar a eles, apesar que eles tem que se adaptar a mim. Mas eu tenho uma Filosofia que eu também tenho que estudar bem o aluno para que o aluno tenha-se que se adaptar também a mim.

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

GJ- Por acaso vou este ano, era para ser realizado em finais do ano passado, p` ai em junho, tinha a ver com a paroquia daqui de Alcobaça, que eles pediram para que a escola participasse, mas que ficou adiado para Outubro por causa da chuva na altura em junho, mas depois em Outubro decidiram que era cedo, e então vai ser-se realizar em Maio, que é uma espécie dia da bíblia. Vai ser num sábado que eu vou participar com os alunos em que em frente ao Mosteiro vão pintar um mural. Os alunos não sabem do que é, todos vão participar, a pintar um puzzle. Tem a ver com uma imagem da bíblia, ninguém sabe do que é. Toda a gente vai pintar um quadradinho num tecido e depois vão todos colar e só no final é que vão saber o que é. Sou eu sei o que é (sorriso).

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

GJ- Acima de tudo, acho que é um criativo, seja qual for a área, mas tem que ser criativo, e quando penso em empreendedor tem que envolver muita gente, acho que é o meu entendimento.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

GJ- Depende do ano letivo, e também depende dos anos que vão passando, cada vez menos, acho que é uma situação tem acompanhado muito a imaturidade, acho que há 15 anos é preciso que uma determinada idade para eu achar que um aluno, estamos a referir a um aluno, não é, ser empreendedor poderia ser aos 21, 22, estou já a esticar, hoje em dia terá que ser praí aos 25 e 26, tem que ter uma certa maturidade

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

GJ- Cada vez mais existe facilitismo, tem a ver com as sociedades, será positivo será negativo? Eu não sei o que é negativo e positivo para uma determinada época. Mas o facilitismo começa logo no 2º ciclo, mas não é só no ensino, é mesmo na política, na economia, faz parte da sociedade, faz parte de ser atual. Não sei acho que é negativo, cada vez tudo está mais fácil, mas quando olho para a história da humanidade dizem que a vida está cada vez melhor, não é, não sei se isto faz parte. Isto era uma conversa para semanas.

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

GJ- As duas coisas.

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

GJ- Vou uma resposta aquilo que eu interpretei, é assim todo o corpo docente estão preparados (professores de Português, Inglês) em relação às Artes Visuais. Falando dos meus colegas de grupo, sim. Dos outros colegas cada vez menos. Eu vou só sintetizar numa pequena observação, há 10 anos, basta contar o número de horas que o aluno tinha ligado às Artes Visuais ou o Departamento das Artes Visuais e também tecnológica, tudo o que é manualidades e prática criativa, se compararmos o número de horas que um aluno tinha por semana e as que hoje um aluno tem. É menos cerca de 50%, uma coisa que cada vez menos há sensibilidade para as Artes Visuais. Mesmo no 3º ciclo, antigamente um aluno teria 3 tempo a Educação Visual e ainda tinham Educação Tecnológica. A Educação Tecnológica, agora acaram com a opção, ou seja havia na altura 3 de Visual e 2 Tecnológica. No 3º ciclo cortaram muito, as ordens foram económicas, tudo bem, mas, na verdade é que cortaram.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

GJ- Ok, muito bem, posso dar um exemplo, vou pensar numa situação aqui para Alcobaça, para eles interessava fazer sobre o ambiente aqui, não é. Há...., Teria um estudo sobre o local, rapidamente vou criar aqui uma situação. O que é que nós temos aqui de muito importante, portanto aqui em Alcobaça, a Maça por exemplo, o que era bom, bom para Alcobaça em termos de mercado que haja sempre uma saída e uma publicidade em relação à Maça de Alcobaça que já é grande. Eu estou a pegar na maça, mas era o que eu faria e poderia fazer com os alunos. Um outro produto, como os doces conventuais, agora estou-me a lembrar na feira. Mas o que eu poderia fazer que era positivo para a região e que estava a ter uma iniciativa para a região, era os alunos fazerem um trabalho sobre a maça de alcobaça, o que poderia acontecer o que teria um grande impacto. Há muita coisa, cada um até poderia fazer, uma técnica qualquer, estou-me a lembrar numa técnica a óleo onde eles pudessem pintar um pormenor de uma maça, ou a vivencia de uma maça, de que ela está em flor até ficar assim toda comida, até poderia misturar e fazer a história da maça, fazer um hiper-realismo ou trabalhar ou até filmar. Pensaria numa situação em Alcobaça tem, o que chamaria a atenção, temos a parte da maça, a parte do turismo, as Termas, temos o Mosteiro, temos os doces, mas agarrava uma coisa que desse benefício e isso para mim é que é empreendedorismo. E depois ter a preocupação de divulgar esses trabalhos a nível nacional, isto porque se fosse a nível regional tem a maça ao lado. Ou fazer esta mostra e esperar para uma determinada altura quando viesse cá a televisão aos Doces Conventuais e para eles filmarem a escola.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

GJ- Sim, ao longo da vida. (sorriso) É uma coisa que se vai adquirindo, sim, sim, se foi num algum sitio e ou formação, não. Mas tenho consciência que a vida dá-nos essa formação, depende de cada um. Para mim na vida também dá essa vontade de ser empreendedor.

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

GJ – Sim.

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

GJ – Considero, mas também parte do professor em sensibilizar isso. Para mim é muito importante o papel do professor. Dois professores em relação ao mesmo concurso, um pode motivar os alunos e o outro pode não conseguir. É a maneira como conta as coisas e como se quer, não é, e se um professor também está envolvido e está a viver esse ambiente os alunos para mim são um reflexo de um professor, se o professor o quiser.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

GJ- Sim, existe.

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de caracter empreendedor?

GJ- Não me lembro.

15-Conhece algum modelo?

GJ- Eu sei agora a Fundação EDP tem agora um projeto, que eu penso tem a ver com o empreendedorismo que foi focado aspetos sobre alguns exemplos de pessoas do mundo que tiveram essa ação, que eles lhe chamam empreendedor cultural. Eles deram alguns exemplos, estou-me agora a lembrar a situação daquele indiano do Microcrédito. É há muitas situações dessas pelo mundo fora, existe um vídeo da Fundação EDP sobre isso.

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

GJ- Não. Mas sei que existe.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

GJ- Sim influência.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

GJ- Alguns, tem chegado e estou a falar em nome da escola, sim tem chegado. O exemplo da Fundação EDP que eles deram a conhecer aos professores da escola para eles junto dos alunos se quiserem fazer algum projeto de empreendedorismo para eles realizaram, foi feita na semana passada.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

GJ- É possível.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

GJ- As duas coisas, posso dizer as duas coisas? Pode ser uma disciplina, dentro dos tempos que correm com as crises pode ser uma nova disciplina, a insensibilidade é tanta neste momento a nível ambiental e económico. Estou a falar a nível mundial, não estou a falar no ensino. Nas artes visuais é mais fácil ser incluído, mas pode ser as duas coisas.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

GJ- Sim por vezes penso, penso em alguma situação que eu possa aplicar em termos práticos, alguma coisa que os possa ter sempre outra motivação para os alunos em que aquilo que estão a fazer é para qualquer coisa. Mesmo é motivação para nós também.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

GJ-Sempre que surgir uma oportunidade eu gosto sempre de dar aos alunos alguma informação que exista. Na net surgiu este concurso e sempre uma maneira. Por vezes se surgir essa informação antes, de eu lançar a unidade de trabalho, eu posso, se for possível adapta-lo e incluir. Mas se não, dou como exemplo, vocês tem sempre concurso sobre essa situação, não vamos trabalhar aqui, mas estou disponível para os ajudar. Já me aconteceu.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

GJ- Não respondeu.

24-Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

GJ- Houve um ano que tivemos que decorar uma sala de refeições, que tinha a ver com a alimentação, de sensibilizar os alunos para a alimentação.

25-Que resultados obtiveram?

GJ- Os resultados depende daquilo que o professor também junto dos alunos, resultados são bons, porque também aproveita-se sempre para sensibilizar os alunos.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

GJ- Sempre, os trabalhos que tanto no *site* da escola como também no site próprio que criei dentro da escola que ponho todos os trabalhos que os alunos fazem.

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designers, etc.)?

GJ- Sim, sim, sim, no início de qualquer trabalho eu gosto de mostrar a eles aquilo que eu quero. Por vezes é muito mais fácil mostrar objetivos que, ou o que eu quero que eles fazem,

eu tento sempre mostrar o material, há sempre uma mostra de material em relação aquilo que eu quero as eles terem uma ideia. Para eles tentarem perceber. Estou-me a lembrar de um trabalho quer nós fizemos no ano passado, em que aquilo que eu queria era que eles fizessem uma espécie de uma autorretrato deles, mas com base de um pintor que era o *Klint*, em que eles tinham que escolher uma obra do Gustave *Klint* e nessa obra eles tinham que substituir a cara das personagens e por a cara deles. No fundo há sempre um objetivo que eu faço com os alunos, com o objetivo de mostrar qualquer coisa para eles perceberem como é que as coisas funcionam. Ou seja uma estratégia como os pintores pensam. Já convidamos um colega para falar de desenho científico o desenho hiper-realista

28-Como avalia essas atividades?

GJ- Bastante positivas. Já agora, não sei se tem haver, também é importante eles verem certos filmes. Porque às vezes há filmes que o próprio filme é bastante pedagógico, não são filmes científicos, não são documentários. Mesmo o próprio filme às vezes há envolvimento e às vezes no filme demonstram o ambiente e como o pintor pensou numa determinada situações que acho que é uma coisa leva a ver o que é que eles pensam e como começar a fazer determinadas obras eu acho que é uma da lacuna que os alunos tem.

29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

GJ- Epá essa pergunta dos exemplos, e é engraçado que uma pessoa perde a noção do tempo e esquece um pouco aquilo que fez. E é incrível, eu neste momento não me lembro.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

GJ- Vou especificar, acho o que é mais importante é logo no inicio quando os alunos estão a pesquisar, não é a fase final, não é a fase criativa, é na fase da pesquisa onde eles estão a beber tudo, porque ai estamos a cumprir no fundo o objetivo desse ponto.

Entrevista nº7

Data 20.11.2013

Duração: 16 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

IC- Comecei aqui nesta escola, na D. Inês.

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

IC- Acho que é bom, quer dizer já tive alguns problemas com colegas, mas de resto são coisas pontuais.

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

IC- Eu tenho sempre projetos extraescola, em Artes Plásticas tenho sempre. De vez em quando faço exposições, fiz uma peça de postais para Alcobaça, que está no Mosteiro e noutros sítios, estou sempre envolvida desde sempre. Comecei a dar aulas, trabalhava como Designer e também tive 12 anos paralelamente com o ensino e em seguida deixei o Design, foi para Artes Plásticas, Pintura e Desenho. Paralelamente ao ensino tenho sempre trabalhado.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

IC- Sei lá, um líder é complicado, para mim, explicar o que é um líder é uma pessoas que motiva outros, não é, quer dizer pelo menos impulsiona os outros a fazer alguma coisa. Eu acho que o líder é esse, agora, acho que uma pessoa se é líder é o que lidera os outros e que motiva os outros, e com que faz com que eles tenham uma determinada ação, não é.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

IC- Não, não estão.

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

IC- Claro (sorriso).

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

IC- Educa-se.

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

IC- Não, porque há pessoas que estão muito, quer dizer, eu acho que depende dos professores, não é, de terem eles próprios de terem sempre alguma coisa ligada e paralela ao ensino, se calhar é mais fácil também, pronto. Agora quando não se tem, ou seja é dar aulas e depois ver os trabalhos, eu não sei, isto não é uma crítica, mas se não tiver qualquer coisa paralela ao ensino relacionada com Artes, mais facilmente leva a essa ligação, acaba por naturalmente motivar os alunos para esse tipo de situações.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

IC- Sei lá, um projeto curricular empreendedor, um projeto que se possa aplicar, estou a tentar em prática, ver assim qualquer coisa que possa adaptar a uma projeto curricular. Sei lá um projeto que seja excluível, em termos nas artes, quer dizer, será mais fácil de concretizar do que noutras disciplinas, não é. Tem que ser exequível e os miúdos apercebem-se muito disso e depois também desmotivam, se não for, e se for uma coisa que se possa ser excluível agarram-se completamente diferente.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

IC- Não

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

IC- Eu acho que sim, mas de uma forma natural, não é como uma coisa há parte que tenha que se tenha ensinar e impingir, sim.

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

IC- Há, há ...

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

IC- Sinto, quer dizer, acho que não sei se é para o empreendedorismo, mas pelo menos para eles fazerem alguma coisa, pelo menos facilita-nos isso a nós, para incutir a eles.

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de carácter empreendedor?

IC- Não, acho que não.

15-Conhece algum modelo?

IC- Não.

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

IC- Não.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

IC-Ah... muito pontualmente aqui de vez em quando, assim alguma coisa, mas é pouquito, já houve mais, há alguns anos atrás havia muito mais essa dinâmica. Agora como falta de dinheiro e não sei o que, cada um está por si. Eu lembro-me de há uns anos atrás havia isso, eu conseguia muitas coisas assim com os alunos e as empresas já nos contatava-nos, solicitavam e agora não. A Camara, por exemplo, e muitas empresas locais e agora não, agora é cada um por si.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

XXX

IC- Agora não, já aconteceu, agora já não acontece.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

IC- É.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

IC- Essas coisas quando são obrigatório não, eu acho que pode haver uma parte qualquer, na unidade curricular.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

IC-Eu articulo, sempre outras coisas e coisas que os alunos queiram fazer ou coisas para a comunidade, para a escola, por exemplo, mas agora, não é que me venha, ou que não esteja planificada, deixo sempre um espaço para isso.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

IC- Eu estou sempre, e eu vou tentar e deixo sempre um espaço para poder jogar um bocadinho com o programa, porque há essas coisas todas que vão aprendendo durante o ano, deixo sempre um espaço para isso, porque isso é que motiva mais os alunos nas artes, não é fecharem e querem exteriorizarem as coisas que fazem e tudo isso ajuda, e porque deixa de estar aqui as coisas fechadas no espaço da sala.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

IC- Pode não é, quer dizer acaba por ser um pouco de tudo isto, não é, nós podemos desenvolver um determinado trabalho se estiver ligado a um determinado fator exterior e que possa ser exequível, não é, eles, pronto, é fácil fazer isso desde que seja possível.

24-Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

IC- Sim no ano passado fizemos ilustração com Português também, há sempre e acabamos sempre.

25-Que resultados obtiveram?

IC- É sempre bons.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

IC- Sim sempre, isso é que é bom.

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designers, etc.)?

IC- Sim, sempre.

28-Como avalia essas atividades?

IC- Excelente, é muito bom e isso é que é fundamental, eu no ano passado já trouxe cá ex-alunos de muitas outras áreas, e tento trazer-los cá à escola para eles falarem sobre experiências, do que fazem, o percurso deles, e pronto são pessoas que ainda estão próximas dos alunos, das idades deles e porque tem uma década a mais e porque são próximos isso lhe são mais familiares e há mais empatia e descrevem muito bem o percurso e eles tocam-se mais e isso é excelente.

29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

IC- Foram todas essas viradas para fora das aulas, sim essas sim, motiva-os muito e fá-los trabalhar mais e querer fazer coisas.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

IC- Sei lá, porque eles acabam por ter consciência do que precisam fazer para o trabalho deles ser uma coisa palpável em termos, quase profissional, não é, ter um trabalho que demonstra que partir daí se possa dar continuidade a um trabalho, dentro do útil que em artes é sempre subjetível.

Entrevista nº8

Data 20.11.2013

Duração: 21 minutos

1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?

MB- Comecei em 1989, no 500 que agora é o 600, na Secundária D. Pedro I, que agora é Básica.

2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.

MB- Boa, sim.

3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, política ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.

MB- Portanto eu exerço Arquitetura, ainda, fiz parte da direção da Meia Maratona Internacional da Nazaré, durante 10 anos.

4-O que é para si um Líder / empreendedor?

MB- Um líder empreendedor, para mim um empreendedor são todas as pessoas que conseguem fazer qualquer coisa e lava-la até ao fim, um projeto qualquer e leva-lo até ao fim, seja ele qual for. Seja ele do tipo empresarial ou não, pode ser do tipo associativo, pode ser tipo voluntário, desde que ele seja concretizado. Essencialmente é isto.

5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?

MB- É assim ao nível das Artes Visuais é possível ser empreendedor e quase tudo, não é, porque é uma coisa que depende essencialmente da vontade da pessoa, não é. A concretização da própria pessoa e do grupo das Artes Visuais. Não me parece que os alunos estejam conscientes que o podem fazer, só com aquilo tem na mão, não é, só com aquilo que já tem.

6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?

MB- É a maioria.

7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?

MB- Se educa.

8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?

MB- É assim, mesmo que sintam, acho que não é o dever do professor. Ou seja não é o professor que tem que levar o aluno a ser empreendedor é o professor pode educar para o aluno ser empreendedor. Mas, não é o professor tem que o levar a ser.

9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor?

MB- Não sei.

10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?

MB- Não

11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?

MB- Sim, é importante.

12- Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?

MB- Tive experiencias, muitos experiencias a nível de projetos, ao nível da área escola, ao nível das próprias disciplinas das artes, quando havia Tecnologias de Expressão em que a gente fazia projetos, não é, para consciencializar determinados tipos de conceitos e determinado tipo de coisas, em que íamos para o exterior. Fazíamos concursos de ideias entrevistamos. Há 10, 15 anos, havia espaço e uma vontade dos alunos, havia entusiasmos dos alunos, hoje não. Ficar na escola fazer as coisas para a escola, não é muito entusiasmante.

13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?

MB- Acho que sim.

14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de carácter empreendedor?

MB- Não. Utilizei no passado antes de se falar em empreendedorismo.

15-Conhece algum modelo?

MB- Não.

16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?

MB- Não conheço.

17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?

MB- Acho que não, não é o meio, acho que não é o meio.

18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?

MB- Se informam não informam muito bem, a informação não passa, penso eu que não passa.

19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?

MB- Eu acho que sim.

20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?

MB- Nem uma coisa, nem a outra. Quer dizer o empreendedorismo tem que ser uma coisa que uma pessoa sinta, a pessoa tem que ter vontade. Uma disciplina é ridículo, é que me parece não é uma coisa que se aprende, é uma coisa que se adquire, mas não é uma coisa que

se aprende. Uma coisa de carácter obrigatório não pode. Quer dizer há uma coisa que podia fomentar mais o empreendedorismo que era uma carga letiva inferior aquela que existe, menos horas de aulas, mais tempo livre permite desenvolver mais projetos, permite desenvolver outras coisas. Aqui há anos atrás não havia tanta carga letiva, os alunos estavam mais disponíveis para qualquer projeto que uma pessoa propusesse estava disponível, hoje não, estão cansados, tem outras coisas para fazer. Não tem assim tanto tempo livre, tem que estudar, não sei, só sei que as coisas estão cada vez mais limitadas. Quanto mais o espaço deles na escola está ocupado pior é para tudo para o desenvolvimento deles ao nível motor, social, não fazem desporto.

21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?

MB- Não, quer dizer estou a dar Geometria Descritiva.

22-Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?

MB- Ao nível da divulgação.

23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?

MB- As Artes Visuais tem a vantagem de uma pessoa trabalhar muito em projetos, não é o fato de trabalhar em muitos projetos permite, qualquer projeto mesmo que não tenha a ver com as Artes Visuais. Há uma metodologia que se segue, e essa metodologia é aplicada a praticamente tudo, não é. Se eles a conseguirem aplicar, se for possível. Porque não é uma coisa que seja que eles percebam muito bem, é uma coisa que precisa de maturidade e eles tem pouca. Portanto não é fácil, não é muito fácil.

24-Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?

MB- Aqui a uns anos atrás, não é bem isto, eu já fiz tanta coisa. Nós fizemos lá em baixo na D. Pedro, com as Artes, as Artes passaram há pouco tempo pra aqui, quando nos tiraram o secundário, coisa um bocadinho diferente, cortaram as hipóteses. Nós fazíamos todos os anos projetos, já lá vão muitos anos, como eu digo, fomos perdendo as coisas, e os próprios alunos perdem. Houve ali um processo de destruição. Nós costumava-nos, entrava-mos em concursos por exemplo, Artes e Ofícios Tradicionais, construimos um lagar de azeite, que existia aqui na zona. Os miúdos analisaram como é que aquilo funcionava, fizeram uma maquete, analisaram os métodos de construção, o método de produção de azeite, falaram com as pessoas.

25-Que resultados obtiveram?

MB- Bem, ganhamos o 1º prémio do concurso, mas isso é menos importante. O que é importante é, o que foi mais importante foi eles terem compreendido como é que começaram o projeto e o acabaram, o percurso, saber coisas que não conheciam, adquirir conhecimento que os vai levar com eles.

26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?

MB- Quer dizer o trabalho foi exposto em Lisboa, mas não foram eles que o apresentaram.

27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designers, etc.)?

MB- Aquilo foi feito em Tecnologias, eles essencialmente conversaram com as pessoas da zona, não é. O Lagar já não estava em funcionamento e foram ter com as pessoas que sabiam trabalhar aquele ofício.

28-Como avalia essas atividades?

MB- São as maiores potenciadoras do conhecimento, para mim. Uma coisa é eu dizer outra coisa é eles fazerem, verem e procurarem.

29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?

MB- Eu acho que um projeto empreendedor só nasce da pessoa, da necessidade da pessoa. Às vezes a dificuldade poderá ser em identificar a necessidade para a pessoa começar, não é, para a pessoa ir para a frente. Mas sem isso eu não, vais fazer isto, isso não funciona, não é nada, não é. Portanto a pessoa tem que sentir a necessidade de fazer as coisas, de outra maneira, não.

30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?

MB- Não, penso que não chegou aí, levou a um conhecimento de várias coisas, coisas uteis para o crescimento da pessoa, e do conhecimento da pessoa, não me parece que tenha chegado até à consciencialização. Agora estou-me a lembrar que houve um aluno que levou isso até ao fim, mesmo. Não sei qual é o sucesso da atividade dele neste momento, mas o pai era carpinteiro, e ele criou umas linhas de móveis. Mas eu penso que tinha a ver com a necessidade do pai dele querer modernizar. Mais uma vez tem a ver com a necessidade pessoal. Não é uma coisa que uma pessoa imponha, acho que não é. Eles bem tentam. Noutro dia fomos ver um vídeo que tinha a ver com o voluntariado, criar projetos ao nível do voluntariado, e eles não ligaram nenhuma, eles lá quiserem saber alguma coisa, nem perguntam, falam o tempo todo de outras coisas, telemóveis ligados. Eles veem os filmes a conversar, portanto, quer dizer, não é uma necessidade deles, acho tem que ser uma necessidade para a pessoa ter interesse e tentar procurar para conseguir fazer, de outra maneira não. Por exemplo eu dou aulas nos cursos profissionais de multimédia, ninguém no fim do curso faz nada para ele próprio. Nem a porcaria de um site, eu digo-lhes, vocês tem que se dar a conhecer, tem que dizer o que sabem fazer, vocês podem trabalhar em casa, não precisam ter um emprego, vocês podem ter trabalhos, não lhes diz nada, nada. Eu acho que eles cada vez são mais novos, ao nível da maturidade e cada vez mais acomodados à situação que estão em casa. Dão-lhes tudo, eles não precisam de procurar nada, compram tudo feito e os pais dão-lhe o dinheiro para comprar. Eu tenho a minha opinião muito pessoal sobre estas coisas, estas modas novas.

Anexos III
Análise categorial Temática

	1-Conte-me como se tornou professor. Em que ano, em que tipo de Escola, em que grupo de docência?	
Entrevista	Discurso	Contexto / Categoria
Nº1	(...) ser professor foi sempre o meu sonho nunca tive outra ideia de emprego, estudei mesmo para ser professora, e era naquele tempo que tínhamos um sonho e podíamos realiza-lo(...)	- Ser professor foi sempre o meu sonho - Naquele tempo que tínhamos um sonho e podíamos realiza-lo - Cerca de 25 anos de serviço
Nº2	(...) já foi há vinte anos, (...)no grupo de Artes Visuais.	- já foi há vinte anos
Nº3	Em 1992 (...)	- 21 Anos de serviço
Nº4	Então foi em 1995, (...) tornei-me professora foi accidental, (...) Vim um ano à experiencia, efetivei e já não saí daqui.	- 18 Anos de serviço
Nº5	A primeira vez que eu dei aulas tinha o 12º ano. Comecei no 5º grupo (...)	- Mais de 20 anos de serviço
Nº6	Em 1996, através dos mini concursos na altura (...) Situação era indefinida em termos profissionais, mas estava no início um bocadinho mais seguro, mas também estava praticar Design numa empresa de Cerâmica e como eu tinha tempo decidi concorrer. Mini concursos na altura 5,6 horas por semana, mas deu para conjugar as duas coisas.	- 17 Anos de serviço - professor e designer
Nº7	Comecei aqui nesta escola (...)	- cerca de 20 anos de serviço
Nº8	Comecei em 1989, no 500 que agora é o 600	- 24 anos de serviço

	2-Descreva o seu relacionamento com os colegas, alunos, funcionários e órgãos de gestão.								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Excelente				1					1
Boa/Bom	1	1			1	1		1	5
Bom/ mas com alguns problemas com colegas			1				1		2

	3-Fale-me de atividades exteriores à escola de natureza associativa, paroquial, politica ou empresarial que desenvolva ou que tenha desenvolvido.								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não desenvolve	1			1					2
Não desenvolve, mas tenciona			1						1

Artes Dramáticas		1							1
Artes Plásticas							1		1
Arquitetura								1	
Paróquia						1			1
Empresarial					1				1

	4-O que é para si um Líder / empreendedor?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Com muita iniciativa	1			1					2
Muita criatividade	1		1			1			3
Capacidade de liderança	1								1
Fazer milagres com o grupo o qual trabalha	1								1
Capacidade de motivar os outros		1		1		1	1		4
Exige dos outros mas dá mais		1							1
Gosta de coisas diferentes/ original			1	1	1				3
Muito ativa / Dinâmico			1	1					2
Ideias novas					1				1
Gosta de arriscar				1					1
Conseguem fazer qualquer coisa e lava-la até ao fim								1	1

	5-Sente que os alunos estão conscientes das práticas empreendedoras?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não muito	1		1				1	1	4
Sim, os alunos mais velhos		1		1	1	1			4
Talvez não					1	1			2

	6-Existem alunos desligados das oportunidades (habituaados ao facilitismo)?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim existe	1	1	1		1	1	1	1	7

Sim, mas há exceções				1					1
----------------------	--	--	--	---	--	--	--	--	---

	7-Ser empreendedor é uma condição inata, ou adquirida (que se educa)?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
As duas coisas	1	1	1	1	1	1			6
Educa-se							1	1	2
Inata	1								1

	8-Na sua opinião o corpo docente sente-se preparado para implementar projetos curriculares de empreendedorismos no Ensino das Artes Visuais?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim, sente	1	1	1		1	1			5
Sim, mas resistentes não				1					1
Sim, mas não é o dever do professor								1	1
Não, depende do professor							1		1

	9-O que é para si um bom projeto curricular empreendedor	
Entrevista	Discurso	Contexto / Categoria
Nº1	(...) um projeto que tenha pernas para andar que tenha que dê para ser realizado, eu não sou muito fã daqueles projetos muito sonhadores, que se ponha tudo no papel, o papel aguenta tudo, mas depois aquilo não dá para nada. É tudo muito bonito, mas para mim um bom projeto é algo que dê para ser realizado.	- um projeto que tenha pernas para andar - um bom projeto é algo que dê para ser realizado
Nº2	(...) questão da motivação, dos alunos, porque há muitas boas ideias que depois se não conseguimos concretiza-las é porque não são muito boas, tem que haver meios e outro conjunto de fatores para que elas possam serem bem sucedidas isso é que um bom projeto. Agora se tem a ver com a comunidade escolar se tem haver cá dentro com o corpo docente, isso pode ser de várias ideias, mas tem que ser passivas de serem concretizadas, se não, não são boas.	- motivação, dos alunos - ver com a comunidade escolar - tem que ser passivas de serem concretizadas
Nº3	Que agrada toda a gente, (sorriso) acho que ter tudo, um bom projeto que tem estar na parte estética, na parte económica, não sei se é isso, na parte comercial, ou seja um bom projeto tem que ter todas as qualidades positivas para agradar, não encontro palavras para poder descrever.	- Que agrada toda a gente - parte estética, parte económica e parte comercial
Nº4	Tenham em conta as competências do grupo ou da disciplina, mas também visem a longo prazo, que preparem as turmas ou os alunos. É coisa que podem até implementar até fora da Escola. Dar-lhe as ferramentas aos miúdos.	- ter em conta as competências do grupo ou da disciplina - preparar as turmas ou os alunos - implementar até fora da Escola - Dar as ferramentas aos miúdos
Nº5	É um projeto a pensar nas perspetivas de futuro.	- um projeto a pensar nas perspetivas de futuro
Nº6	(...) Pensaria numa situação em Alcobaça tem, o que chamaria a atenção, temos a parte da maça, a parte do turismo, as Termas, temos o Mosteiro, temos os doces, mas agarrava uma coisa que desse benefício e isso para mim é que é empreendedorismo. E depois ter a preocupação de divulgar esses trabalhos a nível nacional, isto porque se fosse a nível regional tem a maça ao lado. Ou fazer esta mostra e esperar para uma determinada altura quando viesse cá a televisão aos Doces Conventuais e para eles filmarem a escola.	- Pensaria numa situação local - preocupação de divulgar esses trabalhos a nível nacional
Nº7	(...) um projeto que seja exequível, em termos nas artes, quer dizer, será mais fácil de concretizar do que noutras disciplinas, não é. Tem que ser exequível e os miúdos apercebem-se muito disso e depois também desmotivam, se não for, e se for uma coisa que se possa ser exequível agarram-se completamente diferente.	- ser exequível - completamente diferente.
Nº8	Não sei.	- Não sabe

	10-Alguma vez recebeu formação sobre empreendedorismo em geral ou empreendedorismo em artes visuais?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não	1	1	1	1	1		1	1	7
Sim, ao longo da vida						1			1

	11-Considera importante a consciencialização dos alunos para as questões empreendedoras nas Artes Visuais?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim, considera	1	1	1	1	1	1	1	1	8

	12 - Quando há um trabalho em que se envolve os alunos com a comunidade, nomeadamente com o tecido empresarial, artísticos, concursos de ideias, há ou não uma maior motivação por parte dos alunos?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim	1	1	1	1	1		1		6
Sim, parte do professor em sensibilizar						1			1
No passado havia entusiasmos dos alunos, hoje não					1			1	2

	13-A nível do conselho executivo e pedagógico da escola, existe uma vontade em sensibilizar e em continuar os alunos para o empreendedorismo?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim	1	1		1	1	1	1	1	7
Sim, bastante			1						1

	14-Já alguma vez recorreu a alguma prática pedagógica onde pode aplicar algum modelo de ensino de caracter empreendedor?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não				1		1	1	1	4
Sim	1	1	1		1				4

	15-Conhece algum modelo?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não	1	1	1	1	1		1	1	7

Sim						1			1
-----	--	--	--	--	--	---	--	--	---

	16-Por falar em modelo, conhece o Guião de Ensino para o Empreendedorismo para os Docentes, editado pelo ME? Se sim considera-o útil e ajustável ao ensino de hoje?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não	1	1	1	1	1		1	1	7
Não, mas sabe que existe						1			1

	17-O meio cultural, social e empresarial em que está inserido influência o desenvolvimento de projetos empreendedores nas escolas com os alunos?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim, influência		1		1	1	1			4
Pontualmente							1		1
Não, a escola é que influência	1		1						2
Não influência				1					1
Não é o meio que influência								1	1

	18-As instituições, ministério da educação, organismos, associações e núcleos empresariais têm tido um papel informativo junto das escolas para estas questões?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não	1		1	1	1		1	1	6
Sim						1			1
Alguma coisa, mas não muito		1							1

	19-É possível no Ensino das Artes Visuais implementar projetos de carácter empreendedor?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim, é	1	1	1	1	1	1	1	1	8

	20-Considera que o empreendedorismo deverá ser uma disciplina curricular, ou deverá ser integrada nas unidades curriculares como prática?								
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--

Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não sabe	1								1
Integrada		1	1	1	1		1		5
As duas						1			1
Nem uma nem a outra								1	1

	21-Quando realiza uma planificação de uma unidade, seguindo o plano curricular dessa disciplina, pensa em adaptar e implementar um projeto empreendedor?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não adapta	1			1				1	3
Adapta						1	1		2
Às vezes			1		1				2
Adapta, dependendo do ano que leciona		1							1

	22- Como docente do ensino das Artes Visuais, como poderá contribuir para que os alunos estejam atentos às oportunidades empreendedoras?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Participar em concursos	1	1	1			1			4
Visitas de estudo				1					1
Estar atento a todas as informações			1		1			1	3
Exteriorizar as atividades							1		1

	23-Como pode uma área disciplinar potenciar e desenvolver competências empreendedoras nos/as jovens?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Ligações com a comunidade		1					1		2
Visitas de estudo e a Museus				1					1
Estar atento a todas as informações	1								1
Informar os alunos de bons exemplos					1				1
Sensibilizar			1						1
Não é muito fácil								1	1
Não respondeu						1			1

	24- Poderá identificar um projeto de carácter transversal desenvolvido com os alunos, descrevendo alguns procedimentos?	
Entrevista	Discurso	Contexto / Categoria
Nº1	(...) área de projeto, um projeto em que fomos buscar umas pedras a uma igreja que foi demolida que tinha um pórtico da Idade Média. Fomos buscar essas pedras, os alunos mediram-nas, cada um ficou com uma pedra, fizeram a maquete das pedras, fizeram um projeto para a terra, onde se faria uma escultura usando essas pedras. Veio cá a presidente da junta e adorou a ideia, até ficou em prática, mas entretanto mudam-se. Mas fizemos vários cada um se fazia um, sempre muito inovador	- , fizeram um projeto para a terra, onde se faria uma escultura usando essas pedras - Veio cá a presidente da junta e adorou a ideia
Nº2	(...) trabalhos interdisciplinares com disciplina de Multimédia, (...)Então na minha disciplina fazem os <i>layout's</i> , homepage, as páginas secundárias, os botões e toda essa parte e depois vão montar a aplicação multimédia ou o site na disciplina de multimédia. Mas depois, temos por exemplo Curtas, Curtas-metragens que fazem o <i>storyboard</i> comigo, o guião e às vezes filmagens também. (...) Essas curtas-metragens tem sempre temas, podem ser ligadas a questões empreendedoras ou não.	- trabalhos interdisciplinares com disciplina de Multimédia - <i>layout's</i> , homepage, Curtas-metragens - Essas curtas-metragens tem sempre temas, podem ser ligadas a questões empreendedoras ou não.
Nº3	Neste momento não me lembro.	- não me lembro
Nº4	Nós fazíamos isso aos anos, mas agora já não fazemos, fazíamos com a Língua Portuguesa, trabalhos, mas nunca no sentido empreendedor. Não há espaço para isso.	- Língua Portuguesa, trabalhos, mas nunca no sentido empreendedor - Não há espaço para isso.
Nº5	Não se lembra de nenhum	- não me lembro
Nº6	Houve um ano que tivemos que decorar uma sala de refeições, que tinha a ver com a alimentação, de sensibilizar os alunos para a alimentação.	- sensibilizar os alunos para a alimentação
Nº7	Sim no ano passado fizemos ilustração com Português também, há sempre e acabamos sempre.	- ilustração com Português - há sempre e acabamos sempre
Nº8	Aqui a uns anos atras, não é bem isto, eu já fiz tanta coisa. (...). Nós fazíamos todos os anos projetos, já lá vão muitos anos (...) Nós costumava-nos, entrava-mos em concursos por exemplo, Artes e Ofícios Tradicionais, construímos um lagar de azeite, que existia aqui na zona. Os miúdos analisaram como é que aquilo funcionava, fizeram uma maquete, analisaram os métodos de construção, o método de produção de azeite, falaram com as pessoas.	- Nós costumava-nos, entrava-mos em concursos - Artes e Ofícios Tradicionais, construímos um lagar de azeite, que existia aqui na zona.

	25-Que resultados obtiveram?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Não houve continuidade	1								1
Venda de trabalhos			1						1
Não tem indicadores				1					1
Não se lembra					1				1
Bons						1	1		2
Ganharam prémios								1	1
Bons e maus, depende do aluno		1							1

	26-Os alunos tiveram oportunidade de apresentar publicamente os seus trabalhos?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim (várias atividades escolares)	1	1	1	1	1	1	1		7
Não (exemplo específico dado pelo professor)								1	1

	27-Relacionaram-se com o meio artístico (Artistas, Artesãos, Arquitetos, Designer, etc.)?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Sim, Escultores, Artistas Plásticos, Comunidade, etc.	1	1		1	1	1	1	1	7
Não, só nas visitas de estudo			1						1

	28-Como avalia essas atividades?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Excelentes			1	1			1		3
Muito e bastante positivas	1					1			2
Boas		1			1				2
As maiores potenciadoras do conhecimento								1	1

	29-Das atividades que realizou, qual ou quais no seu entender podem contribuir para o desenvolvimento do espírito empreendedor?								
Categoria	Ent. Nº1	Ent. Nº2	Ent. Nº3	Ent. Nº4	Ent. Nº5	Ent. Nº6	Ent. Nº7	Ent. Nº8	Total
Com a comunidade, voltadas para fora	1						1		2
Grupo de Teatro		1							1
Visita de estudos			1						1
Concursos					1				1
Não se lembra				1		1			2
Não são as atividades, são as pessoas (os alunos)								1	1

	30-No seu entender de que forma é que essas ações/atividades proporcionam uma maior consciencialização para o empreendedorismo?	
Entrevista	Discurso	Contexto / Categoria
Nº1	Alertar os alunos para as necessidades da terra, é sempre bom alertar nesse sentido, é mais por aí é só.	- Alertar os alunos para as necessidades da terra
Nº2	Dão-lhe autonomia a nível das escolhas.	- autonomia a nível das escolhas
Nº3	Acho que tornam-se mais, ficam mais ativos, acreditam mais, muitos dizem para que é que temos a fazer isso, para quê que serve. E quando vem obras expostas estão a vê-las noutros espaços, depois eles acreditam que tem utilidade e o seu valor.	- quando vem obras expostas estão a vê-las noutros espaços, depois eles acreditam que tem utilidade e o seu valor.
Nº4	Em Artes não é muito possível, com os atuais currículos.	- não é muito possível, com os atuais currículos.
Nº5	Como está o briefing com um determinado projeto e se nós acreditamos também naquilo que lecionamos.	- se nós acreditamos também naquilo que lecionamos.
Nº6	Vou especificar, acho o que é mais importante é logo no início quando os alunos estão a pesquisar, não é a fase final, não é a fase criativa, é na fase da pesquisa onde eles estão a beber tudo, porque aí estamos a cumprir no fundo o objetivo desse ponto.	- é na fase da pesquisa onde eles estão a beber tudo, porque aí estamos a cumprir no fundo o objetivo desse ponto.
Nº7	Sei lá, porque eles acabam por ter consciência do que precisam fazer para o trabalho deles ser uma coisa palpável em termos, quase profissional, não é, ter um trabalho que demonstra que partir daí se possa dar continuidade a um trabalho, dentro do útil que em artes é sempre subjetivo.	- ser uma coisa palpável em termos, quase profissional, não é, ter um trabalho que demonstra que partir daí se possa dar continuidade a um trabalho
Nº8	(...) .Mais uma vez tem a ver com a necessidade pessoal. Não é uma coisa que uma pessoa imponha, acho que não é. Eles bem tentam (...). Por exemplo eu dou aulas nos cursos profissionais de multimédia, ninguém no fim do curso faz nada para ele próprio. Nem a porcaria de um site, eu digo-lhes, vocês tem que se dar a conhecer, tem que dizer o que sabem fazer, vocês podem trabalhar em casa, não precisam ter um emprego, vocês podem ter trabalhos, não lhes diz nada, nada. Eu acho que eles cada vez são mais novos, ao nível da maturidade e cada vez mais acomodados à situação que estão em casa. Dão-lhes tudo, eles não precisam de procurar nada, compram tudo feito e os pais dão-lhe o dinheiro para comprar. Eu tenho a minha opinião muito pessoal sobre estas coisas, estas modas novas.	- tem a ver com a necessidade pessoal - Eu acho que eles cada vez são mais novos, ao nível da maturidade e cada vez mais acomodados à situação que estão em casa.